

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EPISTEMOLOGIAS OUTRAS:
PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE QUILOMBISMOS E
CAPOEIRAS.**

OTHER EPISTEMOLOGIES: EDUCATIONAL PROCESSES
BETWEEN QUILOMBISM AND CAPOEIRA) IS A BOOK
THAT EXPLORES THE INTERSECTION OF QUILOMBISM
AND CAPOEIRA AS ALTERNATIVE EPISTEMOLOGIES
AND THEIR IMPLICATIONS FOR EDUCATIONAL
PROCESSES.

Gilmar Araújo de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EPISTEMOLOGIAS OUTRAS:
PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE QUILOMBISMOS E
CAPOEIRAS**

OTHER EPISTEMOLOGIES: EDUCATIONAL PROCESSES
BETWEEN QUILOMBISM AND CAPOEIRA) IS A BOOK
THAT EXPLORES THE INTERSECTION OF QUILOMBISM
AND CAPOEIRA AS ALTERNATIVE EPISTEMOLOGIES
AND THEIR IMPLICATIONS FOR EDUCATIONAL
PROCESSES.

Gilmar Araújo de Oliveira

Tese de doutorado
apresentada na linha de
pesquisa Práticas Sociais e
Processos Educativos do
Programa de Pós-Graduação
em Educação da
Universidade Federal de São
Carlos, para a obtenção de
título de doutorado, sob
orientação do Profa. Dra.
Valéria Oliveira de
Vasconcelos

São Carlos
2023

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Natalina De Araujo Oliveira

Este trabalho contou com o apoio Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Gilmar Araujo de Oliveira, realizada em 31/03/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos (UFSCar)

Profa. Dra. Claudia Foganholi (UFF)

Profa. Dra. Iraí Maria de Campos Teixeira (UFSCar)

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Prof. Dr. Jeferson Straatmann (Instituto Socioambiental)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

DEDICATÓRIA/EPÍGRAFE

Protesto
Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mais existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante ao meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei
Sou eu irmão

Irmão tu me desconheceres
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais
E o regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do país
O que sofrera mil torturas
O que choraram inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já passou
Que já passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado do passado
Preterido no presente
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mais triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
Com tinta de amargura

Um dia sob ovação e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Troia

A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaço de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da tua do desamparo
Sob ovações e rosas da alegria

Sempre senhora com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou em quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh 'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar

(Carlos De Assumpção 2020)

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado foi desenvolvida junto ao Kilombo Tenondé (localizado no povoado de Bonfim, cidade de Valença, no interior do estado da Bahia) que tem por princípios o encontro entre cultura e natureza, além da manutenção da ancestralidade que nas culturas de matriz africana e indígena, está relacionada ao encontro com a Natureza como lugar sagrado; as relações coletivas marcadas pela solidariedade, pluralidade e integração; a valorização do corpo, como lugar sagrado e cultural; a noção holística de desenvolvimento humano, em que corpo e mente, espírito e meio natural estão integrados. A investigação se assenta nas lutas dos quilombos desde a sua gênese, as dificuldades encontradas para demarcação e a perspectiva quilombista do Kilombo Tenondé que se mostra como uma possibilidade enfrentamento à colonialidade do ser, saber e poder, possibilita pensar os mecanismos que promovem a invisibilidade de outras formas de conhecimento e da vida de seres humanos e territórios que foram vítimas da modernidade/colonialidade. Por meio de depoimentos de frequentadores e frequentadoras do Kilombo Tenondé, tem como objetivo principal identificar, descrever e compreender os processos educativos emergentes nesse espaço. A análise de dados está sendo desenvolvida por meio de Temas Geradores, considerados como uma proposta que pretende ser coerente com uma nova forma de conceber o conhecimento e a formação humana, emergidos da própria epistemologia presente na prática da Capoeira. São eles: **Gingar, Esquivar, Combater, Transcender**. Nos dias de hoje, a continuidade dos quilombos, os espaços construídos dentro dessa perspectiva é a possibilidade de transcender a modernidade. É o enfrentamento à colonialidade do ser, saber e poder, um processo que permite a quebra de um processo que racializou, inferiorizou, permite pensar os mecanismos que promovem a invisibilidade de outras formas de conhecimento e da vida de seres humanos e territórios que foram vítimas da modernidade/colonialidade. Consideramos, por fim, que os quilombos são possibilidades de pensar uma educação pluriversal que busca por inclusão e equidade, luta contra o apagamento histórico.

Palavras Chaves: Processos Educativos. Capoeira Angola. Epistemologias. Temas Geradores

ABSTRACT

This doctoral research was developed in collaboration with Kilombo Tenondé (located in the village of Bonfim, city of Valença, in the interior of the state of Bahia), which is based on the principles of the encounter between culture and nature, as well as the preservation of ancestral heritage. In African and indigenous cultures, this heritage is related to the connection with Nature as a sacred place; collective relationships marked by solidarity, plurality, and integration; the valorization of the body as a sacred and cultural space; and the holistic notion of human development, where body and mind, spirit and natural environment are integrated. The investigation is based on the struggles of quilombos (communities formed by descendants of escaped African slaves) since their genesis, the difficulties encountered in land demarcation, and the quilombista perspective of Kilombo Tenondé, which presents itself as a possibility of confronting the coloniality of being, knowing, and power. It allows us to think about the mechanisms that promote the invisibility of other forms of knowledge and the lives of human beings and territories that have been victims of modernity/coloniality. Through the testimonials of frequent visitors to Kilombo Tenondé, the main objective is to identify, describe, and understand the emerging educational processes within this space. Data analysis is being conducted through Generative Themes, which are considered a proposal that aims to be consistent with a new way of conceiving knowledge and human development, emerging from the epistemology present in the practice of Capoeira. These themes are: *Gingar* (swaying), **Esquivar (dodging)**, **Combater (fighting)**, and **Transcender (transcending)**. Today, the continuity of quilombos and the spaces built within this perspective represent the possibility of transcending modernity. It is a confrontation with the coloniality of being, knowing, and power, a process that allows the breaking of a cycle that racialized and subjugated, and enables us to think about the mechanisms that promote the invisibility of Other forms of knowledge and the lives of human beings and territories that have been victims of modernity/coloniality. Finally, we consider quilombos as possibilities for thinking about a pluriversal education that seeks inclusion and equity, fighting against historical erasure.

Keywords: Educational processes, Capoeira Angola, Epistemologies, Generative Themes.

RESUMEN

Esta investigación doctoral fue desarrollada en colaboración con el Kilombo Tenondé (ubicado en el pueblo de Bonfim, ciudad de Valença, en el interior del estado de Bahía), que se basa en los principios del encuentro entre cultura y naturaleza, así como en la preservación de la herencia ancestral. En las culturas africanas e indígenas, esta herencia está relacionada con la conexión con la Naturaleza como un lugar sagrado; relaciones colectivas marcadas por la solidaridad, la pluralidad y la integración; la valorización del cuerpo como un espacio sagrado y cultural; y la noción holística del desarrollo humano, donde cuerpo y mente, espíritu y entorno natural están integrados. La investigación se basa en las luchas de los quilombos (comunidades formadas por descendientes de esclavos africanos fugitivos) desde su génesis, las dificultades encontradas en la demarcación de tierras y la perspectiva quilombista del Kilombo Tenondé, que se presenta como una posibilidad de enfrentar la colonialidad del ser, del saber y del poder. Esto nos permite reflexionar sobre los mecanismos que promueven la invisibilidad de otras formas de conocimiento y las vidas de los seres humanos y los territorios que han sido víctimas de la modernidad/colonialidad. A través de los testimonios de los visitantes habituales de Kilombo Tenondé, el objetivo principal es identificar, describir y comprender los procesos educativos emergentes dentro de este espacio. El análisis de datos se está llevando a cabo a través de Temas Generadores, que se consideran una propuesta que busca ser coherente con una nueva forma de concebir el conocimiento y el desarrollo humano, surgidos de la epistemología presente en la práctica de la Capoeira. Estos temas son: **Gingar (balanceo), Esquivar (esquivar), Combater (combatir) y Transcender (trascender)**. Hoy en día, la continuidad de los quilombos y los espacios construidos dentro de esta perspectiva representan la posibilidad de trascender la modernidad. Es un enfrentamiento con la colonialidad del ser, del saber y del poder, un proceso que permite romper un ciclo que ha racializado y subyugado, y nos permite reflexionar sobre los mecanismos que promueven la invisibilidad de otras formas de conocimiento y las vidas de los seres humanos y los territorios que han sido víctimas de la modernidad/colonialidad. Por último, consideramos que los quilombos representan posibilidades para pensar en una educación pluriversal que busca la inclusión y la equidad, luchando contra el olvido histórico.

Palabras clave: Procesos educativos, Capoeira Angola, Epistemologías, Temas Generadores.

LISTA DE QUADROS

Tabela 1– Artigos com a palavra-chave permacultura da pesquisa realizada na plataforma Scielo Brasil.....	68
Tabela 2 – Dissertações com a palavra-chave Capoeira da pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).....	72
Tabela 3 – Teses com as palavras-chave Capoeira e permacultura da pesquisa realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).....	74
Tabela 4 - Perfil dos/as Entrevistados/as.....	87

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Adinkra Sakofa.....	18
FIGURA 02 – Bateria de Capoeira Angola	39
FIGURA 02 – Entrada do Kilombo Tenondé.....	62
FIGURA 03 – Mapa do Kilombo Tenondé.....	64
FIGURA 05 – Organograma dos Temas Geradores	95

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	23
É PRETO É PRETO É PRETO, KALUNGA, CAPOEIRA É PRETO, GINGAR PARA EXISTIR E RESISTIR	35
MODERNIDADE / COLONIALIDADE / DECOLONIALIDADE / TRANSMODERNIDADE / CONTRACOLONIALIDADE.....	45
A PRÁTICA SOCIAL DO KILOMBO TENONDÉ: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE EM UMA PRÁXIS AFRO-BRASILEIRA	59
REVISÃO DE LITERATURA	68
TABELA 1– ARTIGOS COM A PALAVRA-CHAVE PERMACULTURA DA PESQUISA REALIZADA NA PLATAFORMA SCIELO BRASIL.	70
Tabela 2 – Dissertações com a palavra-chave Capoeira da pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).....	74
Tabela 03 – Teses com as palavras-chave Capoeira e permacultura da pesquisa realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).....	76
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	82
PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	85
TABELA 4 - PERFIL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS	89
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	90
GINGAR	92
ESQUIVAR.....	99
COMBATER.....	110

TRANSCENDER.....	115
CONSIDERAÇÕES GINGADAS	119
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES A	130
TRANSCRIÇÕES DAS INTREVISTAS	130
APENDICE B.....	152
PARECER CONSUBSTANCIADO.....	152
APENDICE C.....	153
Carta de autorização	153
APENDICE D	154
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	154
APENDICE E.....	155
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ASSINADOS	155

APRESENTAÇÃO

1.1. “Abre o olho Siri De Mangue, todo tempo não é um”

*Falo tagarelado, escrevo mal ortografado
Danço descompassado, só sei pintar borrando,
Meus desenhos são enviesados.
Esse é o meu jeito.
Não me mandem fazer direito
Eu não sou colonizado
(Nego Bispo)*

O verso acima, do pensador piauiense, quilombola Antônio Bispo Dos Santos (Nego Bispo), me levou a pensar sobre os anos de escola e minha longa trajetória até o doutoramento numa universidade pública, pois denota um processo de resistência ao colonialismo. Ao parar para refletir sobre meu percurso, todos os anos de estudos - que incluem ensino fundamental, médio, graduação e pós-graduação, sem contar os inúmeros cursos técnicos - noto que permanentemente tive muitas dificuldades para me manter estudando, isso porque nunca me senti representado dentro das instituições de ensino.

Acompanhar conteúdos, estar envolvido nos debates, a escrita e tudo mais. Percebo então que sempre houve, não sei se de forma consciente ou inconsciente, uma resistência em mim aos conhecimentos que me foram “depositados” de forma colonizadora no decorrer desses anos. Dessa maneira, analisando a fala do mestre e o trabalho que começo a apresentar aqui, que trata de outras epistemologias e educação, posso afirmar, a partir das experiências vividas, se tratar da “peleja do diabo com o dono do céu”¹. Uma luta para me reconhecer e me afirmar como pessoa preta. Para existir, plenamente, foi necessário gingar sempre, negacear, dar uma volta ao mundo, respirar, para então seguir com o jogo, carrego, assim, uma formação proveniente da prática da Capoeira, dos coletivos, grupos, que me deram suporte para continuar os estudos.

¹ Alusão ao álbum do cantor Zé Ramalho de 1979.

Isso porque, o sistema de educação brasileiro, devido ao colonialismo, se estrutura a partir de uma cosmologia moderno-cristã-ocidental, deixando de fora, marginalizando e invisibilizando conhecimentos dos povos afro-brasileiros e indígenas, conhecimentos esses que são frequentemente relacionados ao demônio, coisas do diabo. Então, para permanecer nesses espaços, para receber esse conhecimento, muitas vezes como um mecanismo de defesa contra esse próprio sistema, se faz necessário uma constante negociação (gingar), já que as instituições de ensino, nesse sentido, representam o céu e os povos colonizados, toda a sua cultura, que é demonizada, o próprio demônio.

Permanecer dentro das instituições de ensino da maneira em que elas ainda são configuradas, para receber uma formação, portando, é também deixar de ser sujeito, em certa medida, pois nesse percurso, passamos por um forte processo de embranquecimento.

Entendo essa estruturação, nos dias de hoje, como uma estratégia de exclusão de pessoas como eu destes locais. O branqueamento se acentua quando chegamos ao ensino superior e aos programas de pós-graduação, visto que ainda existe um padrão para acessar esses locais e isso se deve à formação histórica brasileira. A universidade ainda é um espaço elitizado, de difícil acesso.

Com todas essas questões, sendo eu uma pessoa preta, registro que nos anos que passei na educação básica institucionalizada, entre 1987 e 2001, não me foram apresentados conteúdo da história e cultura negra, não sentia meu ser, meus ancestrais, o povo a qual pertencço, representado. Ao contrário, as referências de história e cultura branca, europeia eram fartamente apresentadas em todos os componentes curriculares: países europeus e histórias de seus povos, capitais, descobrimentos, feitos, filosofias. Ou seja, passei e, em grande medida, ainda se passa na educação básica e no ensino superior (graduação e pós-graduação), por um sistema branco e embranquecedor de ensino e de aprendizagem.

Por assim ser, nunca estive plenamente inserido na escola, universidade e subsequentemente no programa de pós-graduação, pois não existia/existe representatividade ou acolhimento necessário para que me sentisse pertencente nesse meio. No decorrer de todos esses anos, apenas passei por esses espaços; fazendo de tudo para não ser percebido e mantendo um rendimento mínimo que me garantisse aprovação ano após ano, série após série.

Entendo hoje que a construção de uma subjetividade negra a partir da educação que recebi é praticamente impossível, pois cresci exposto aos padrões de subjetividade eurocêntrica, enraizada no sistema educacional. Percebo que todo esse processo interferiu

diretamente no desenvolvimento da minha autoestima e, subsequentemente, no desenvolvimento de tarefas relacionadas à maior parte das atividades dentro desses espaços. Visto que isso demandava uma interação com colegas e professores/as e devido à falta de confiança, utilizava como estratégia a omissão o que acarretava num rendimento acadêmico mediano.

Essa experiência marca minha trajetória de vida e somente consegui enxergar uma melhora a partir do encontro com a Capoeira que só veio a ocorrer após ter completado todo o ensino fundamental e médio.

Esse encontro com a prática da Capoeira me permitiu conhecer minhas referências de origem africanas com as quais não tive contato durante todos os anos na educação básica. Esse contato criou em mim um certo empoderamento e, assim, me fez ousar cursar uma Graduação em Educação Física e chegar ao Mestrado em Educação pesquisando Processos Educativos emergentes da prática da Capoeira.

Portanto, a construção desta Tese perpassa por todos os meus anos de vivência com a prática da Capoeira, da qual sou desde 2001 até a atualidade. Foi a partir desta que tive contato com as formas de educar e educar-se de pessoas negras.

Iniciei a prática da Capoeira dentro da Associação Desportiva e Cultural Grupo Cativo Capoeira, fundado em 20 de abril de 1978 em São Paulo/SP, por seis jovens capoeiristas atrelados com as questões maiores da Capoeira, são eles: Mestre Caio, Mestre Belisco, Mestre Eli, Mestre Rodolfo, Mestre Sidney e Mestre Miguel Machado.

O grupo tem por objetivo manter vivas as tradições em todos os seus aspectos e sentidos: cultural, histórico, político, social e principalmente nas questões raciais. Nos dias atuais o grupo é presidido por mestre Miguel Machado. Segundo Luíz Antônio Ferreira Leitão (2004), o grupo nasceu objetivando a integração social e com intuito de aceitar todas as diversidades socioculturais, tendo como lema “ninguém deve ser cativo de ninguém”. Para dar uma referência cultural e reafirmar a cultura negra o Grupo Cativo Capoeira, criou uma graduação baseada nas cores dos orixás. O Grupo Cativo Capoeira foi criado, explicita, Carlos Vinicius Frota de Albuquerque (2012), dentro do contexto de redemocratização, entre os 1970 e 1980, em São Paulo, com uma forte reafirmação da cultura negra e grande elo com os símbolos e costumes do Candomblé.

Essa política adotada pelo grupo Cativo Capoeira já me oferecia suporte para a construção de uma identidade negra, apresentando a ligação com a religiosidade e discutindo sobre questões raciais dentro de seus núcleos espalhados por todo o país e fora

dele, uma vez que a Capoeira é profundamente marcada pelas referências ancestrais africanas, através dos rituais de cantos, dos gestos do corpo.

Explicito que fiz parte desse grupo do início do ano de 2001 até novembro de 2013. Durante esse tempo tive a oportunidade de experienciar vários treinos e rodas comandados por diferentes mestres e mestras dentro e fora do grupo Cativeiro. Tive contato, nesse período com mestres e mestras de muita relevância no universo da Capoeira, dentre eles/elas: Mestre² Roxinho (fundador do Instituto Bantu Brasil); Mestre³Nenel e Mestra Preguiça (da Fundação Filhos de Bimba); Mestre Moraes (fundador do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho - GCAP); Mestre⁴ João Grande em 2013 em um encontro organizado pelo Centro Esportivo de Capoeira Angola. Também estive próximo de mestres e mestras que desenvolvem trabalhos na cidade do interior de São Carlos, no interior de São Paulo, dentre eles Mestre Izael,⁵ fundador da Associação Cultural e Desportiva Pena de Ouro, que faz um trabalho com Capoeira desde novembro de 1980 até os dias de hoje, junto à qual realizei minha inserção para produzir a dissertação de Mestrado concluída em 2016.

Em 2013, dissidindo do Grupo Cativeiro Capoeira, fiz parte da criação do Sankofa, onde mais tarde, no ano de 2017 fui formado professor. Já sabendo da importância da ancestralidade na visão de mundo africana o grupo busca valorizar suas raízes ancestrais, assim como expresso no próprio nome e, conseqüentemente, as manifestações culturais oriundas desta, tal como a suas origens, os/as mestres, a luta pela manutenção das tradições, entre outras. Assim, o Grupo Sankofa tem buscado desenvolver suas atividades visando se constituir enquanto comunidade, procurando fortalecer seus membros, fundindo-se no coletivo e assumindo relações orgânicas, errando e acertando.

² Edielson da Silva Miranda (Mestre roxinho). Fundador do Instituto Cultural Bantu, para mais informações acesse: <https://institutobantu.org/quem-somos/>.

³ Manoel Nascimento Machado (Escola de Capoeira Filhos de Bimba). Para saber mais: <https://fbec-app.blogspot.com/p/blog-page.html>

⁴ João Oliveira Dos Santos (Mestre João Grande). Mais informações: <https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/mestre-joao-grande-roda-mundo>

⁵ Mestre Izael Teixeira (Fundador da Associação Pena de Ouro). Para saber mais: <https://curtadoc.tv/curta/biografia/mestre-izael/>

A escolha pelo nome Sankofa, se deu após uma reunião do grupo e forte argumentação de minha parte e de algumas/alguns integrantes do coletivo enfatizando a necessidade de um nome que representasse a cultura africana e afro-brasileira. Após muito diálogo, ficou estabelecido que adotaríamos o nome Sankofa para o grupo e assim permanecemos.

Sankofa é uma palavra Akan que se traduz aproximadamente como: “voltar para a fonte e buscar” representado no Adinkra do pássaro (figura 1). Sendo que a fonte é nossa cultura, patrimônio e identidade, o poder que está dentro de nós. Sankofa significa que ao nos projetarmos para o futuro, temos que voltar nosso olhar para o passado, valorizando nossa ancestralidade, nossas raízes (TEDLA, 1995).

Como expressa a imagem, a ave alimenta-se das sementes que caem em suas costas, numa alusão à necessária prática de nos nutrirmos do passado para alimentar o futuro. Busca-se, assim, valorizar raízes ancestrais, assim como expresso no próprio nome, pois a ancestralidade está na base da história e das culturas de matriz africana, sendo fundadora de comunidades e lhes garantindo a vida no tempo e espaço (SILVA, 2009).



Figura 01: Sankofa: “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.” Provérbio Akan (NASCIMENTO L.; GÁ, 2009, p. 40-41)

O Grupo Capoeira Sankofa está sediado no Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO), da Universidade de São Paulo (USP), campus São Carlos. Para melhor situar, o grupo sempre teve suas atividades desenvolvidas no salão do CAASO, o

que ocorre desde 1988, mesmo quando ainda fazia parte do Grupo Cativoiro Capoeira, ou seja, esses vinte anos praticando Capoeira foram dentro de um espaço acadêmico. Assim, o grupo reflete o que é a USP e a universidade pública de modo geral: a grande maioria das pessoas é branca e de classe média.

Ademais, desenvolvo trabalhos com Capoeira junto a diferentes faixas etárias (crianças, jovens e adultos) e ambientes (escolar e não escolar; públicos e privados). Dentre esses, atividades na Creche e Pré-Escola USP São Carlos, desde 2009. As aulas de Capoeira na creche são realizadas desde 1999, um ano após o início das aulas no CAASO. As aulas na creche num primeiro momento eram desenvolvidas com o pagamento de bolsas atividade, alunos/as regularmente matriculado/as em algum curso de graduação da USP recebiam para realizar trabalhos dentro da creche. As aulas aconteceram nesse formato até 2009, quando assumi o trabalho com uma nova proposta.

Nesse novo formato, por não ser aluno USP, foi necessário estabelecer um valor pelas horas-aula, construir uma relação com as famílias, além de sensibilizar para a prática da Capoeira na Educação Infantil enfatizando a importância do corpo e do movimento nessa fase do processo educacional, considerando que a Capoeira poderia agregar muito ao desenvolvimento integral da criança. Para tanto foram feitas reuniões com as famílias. Na primeira delas apareceu somente um pai e uma mãe, o que já foi um indicativo de que teríamos de romper algumas barreiras. Comecei por ressaltar que eu tinha formação em Educação Física, que já desenvolvia o mesmo trabalho em outros locais e que seria acompanhado por outros professores/as no início do trabalho. Superadas todas as dificuldades o trabalho se mantém até os dias de hoje, contemplando todas as turmas, do berçário um ao grupo seis.

Nos dias de hoje, contamos com o apoio de uma equipe pedagógica, assim como o de todas as famílias representadas pela Associação de Pais, Mães e educadores/as da Creche e Pré-Escola USP São Carlos.

Meu início na prática da Capoeira, assim como o primeiro trabalho dando aulas de Capoeira foi dentro do campus da Universidade de São Paulo como supracitado: um mundo outro, isolado por grades verdes, com um perfil de estudantes, professores/as que nunca se assemelhou ao meu. Logo, esse percurso foi e vem sendo cheio de contradições.

Portanto, escrever aqui sobre Capoeira e suas possibilidades epistemológicas, entendendo-a como uma luta por (re)existir, exige de mim apontar as dificuldades em permanecer nesses espaços, seja no grupo de Capoeira situado dentro de uma universidade, seja no mundo acadêmico de modo geral. E é nesse processo que venho me

educando para a liberdade, aprendendo que Capoeira é ancestralidade negra de luta, e assim buscando permanentemente transpor barreiras.

Para começar a prática foi necessário, já de início, ultrapassar as “grades verdes” que separam o bairro Vila Pureza, local onde residia à época, do local de treino, CAASO/USP. Vale ressaltar que o bairro Vila Pureza foi o segundo loteamento a ser executado no espaço urbano de São Carlos do Pinhal com sua implementação datada de 1890. No ano de 1907 ficou constatado que era o bairro que concentrava o maior número de negros em comparação à população branca no município, o que fez do local um reduto da cultura negra segundo a pesquisadora Joana D’arc de Oliveira (2018) em seu livro “Da senzala Para Onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos – SP (1880-1910)”. Ou seja, o bairro, no entorno da USP, composto por uma grande maioria de pessoas negras, não refletia o mesmo contexto dentro das grades verdes. Assim sendo, adentrar no Campus não sendo estudante (além de pobre e negro) era uma grande dificuldade.

Apesar do esforço das pessoas do “Grupo Cativo” para me acolher e me inserir naquele espaço, a todo momento me tomava um sentimento de insegurança e a sensação de ter sempre que pedir permissão para tudo, já que era vigiado da hora em que entrava no Campus até a hora que saía. Sentia-me forçado a moldar um padrão de comportamento e assim desviar a atenção dos guardas responsáveis pela segurança do Campus. Desempenhava um papel social ambíguo, como indica Neusa Santos Souza (1983, p.23) “em todas as circunstâncias sujeito a dar provas ultraconvinentes de sua [minha] capacidade de ser, de pensar e de agir como equivalente moral branco” (SOUZA, 1983, p. 23). Isso tudo para poder praticar Capoeira.

Devo acrescentar que nos anos de Graduação (universidade privada) e pós-graduação (universidade pública) essa situação não foi muito diferente. Acredito que só tenha chegado à pós-graduação, graças aos anos de prática de Capoeira, com os processos educativos que dela emergiram.

Na USP, assim como qualquer instituição de ensino, pública ou privada, está presente o racismo estrutural, definido por Silvio Almeida como um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade, para o autor:

o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2018, p. 15).

Portanto as instituições de ensino, seja em qualquer nível, ainda são espaços reprodutores do racismo e o fazem com grande engenhosidade, pois o racismo institucional “está sempre presente, mas na maioria das vezes, não se explicita como um critério, sendo por isso mesmo muito eficiente, uma vez que não tem como ser reconhecido ou questionado” (BENTO, 2002, p. 135).

Minha inserção nesses lugares, então, demandou de mim uma luta constante. Primeiro que, na maior parte do tempo eu era a única pessoa negra que permanecia nos treinos, encontros do grupo, o único sem uma graduação, ou ao menos regularmente matriculado em um curso a nível superior. As dificuldades enfrentadas iam desde acessar o local e posteriormente me manter lá, isso porque o lugar acessado nessa relação, é um lugar de subalternização, o que acarretava a adoção de um comportamento defensivo ou, por outro lado, de “imposição” como definido por Neusa Santos Souza (1983, p. 27). Nas palavras dessa mesma autora, precisava estar sempre em guarda, me colocar de “modo a evitar ser atacado, violentado, discriminado”. Então, essa postura se tornou uma luta constante em busca de encontrar uma saída para a violência racista sofrida.

Havia a reclusão em mim mesmo para conseguir passar sem chamar a atenção, me manter desapercibido nos lugares em que me inseria para aprender coisas do meu interesse, estudos, trabalhos, dando a desculpa de ser muito tímido e por isso falar pouco, não participar de tudo que era proposto, tinha sempre um sentimento de insegurança. Portanto, as relações de amizade, amorosas, profissionais, estiveram muitas vezes pautadas pelo racismo, conseqüentemente, o modo de recuperar minha autoestima, afirmar minha existência, foi permanecer praticando Capoeira, me aproximar cada vez mais de atividades, práticas culturais afro-brasileiras e assim marcar meu lugar, assumindo um posicionamento mais político, lutando com o que aprendi nas aulas Capoeira e leituras a respeito do surgimento e evolução dessa luta dentro do contexto histórico no Brasil.

Apesar de chegar na universidade, na graduação em Educação Física – motivado, como já dito, pelos anos de prática da Capoeira e pelo incentivo de alguns amigos/as integrantes do grupo - a questão racial e o racismo não eram uma pauta discutida no ensino superior. Esse processo de inserção na universidade se justificava pelo discurso de que um curso superior poderia mudar minha vida para melhor, ter ascensão e maior

mobilidade social por sua vez, sem, no entanto, abordar pautas relacionadas ao racismo, inclusão de pessoas negras na universidade.

É dessa forma que chego à Pós-Graduação pesquisando processos educativos emergentes da prática da Capoeira. Essa postura por mim adotada coaduna com o que Frantz Fanon (2008, p. 108) explicita: “desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”. Para isso foi de grande importância uma base cultural fortemente constituída, o que foi possível através da prática da Capoeira, além da aproximação com o samba, o maracatu, o samba de coco, o jongo, entre outros, Capoeira compreendendo que os processos educativos dessas práticas são antagônicos aos projetos de poder hegemônico, por estarem assentados na cosmovisão africana.

Neusa Santos Souza (1983), explicita que ser negro na sociedade brasileira é sempre um vir a ser: temos de nos tornar negros/as já que somos ensinados a ser uma caricatura do branco, haja vista toda a estrutura educacional, portanto: “tornar-se negro, ou consumir-se em esforços por cumprir o veredito impossível – desejo do outro – de vir a ser branco, são alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social” (SOUZA, 1983, p. 77).

A dita ascensão social dificilmente se concretiza sem que haja muitas e muitas concessões, negociações com a branquitude. Mesmo tendo uma formação em nível superior, acúmulo de experiência profissional e outras habilidades dentro de uma determinada área (e vivo isso no meu cotidiano), a ascensão social raramente acontece.

Para deixar mais claro, desde que iniciei a graduação sempre foi necessário me manter trabalhando em dois locais, em alguns momentos dia e noite, conciliando com os estudos na graduação. Isso se repetiu durante o Mestrado e agora cursando o Doutorado. Mesmo com todos os esforços e tendo a consciência de que essa condição não é restrita à minha pessoa, o fato é que não há ascensão social. Por mais que haja um esforço hercúleo procurando por formação, especialização etc., ela muito dificilmente acontecerá para pessoas negras e pobres.

O que fica mais evidente quando acessamos esses locais, a partir de tudo que estudamos e analisando as demandas que carregamos é que neste contexto, se caracteriza a branquitude como um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade. Branquitude como preservação de

hierarquias raciais, como pacto entre iguais, encontra um território particularmente fecundo nas organizações, as quais são essencialmente reprodutoras e conservadoras (BENTO, 2002).

Como somos uma minoria que consegue se inserir nesses espaços o que ocorre é que não há o mínimo de representatividade cultural e epistemológica, reconhecemos é claro, que com as ações afirmativas houve uma melhora, mas muito a quem do mínimo necessário para pensarmos em equidade, visto que somos inseridos dentro de uma estrutura que impera o pensamento colonizado, logo racista em que não temos autonomia para demonstrar tudo que somos, pois a estrutura, representada na figura do professor/a, e outros/as agentes insistem em impor formas de colonizadoras de pensar o conhecimento, estudos e tudo mais que compõe a estrutura universitária.

A Capoeira sempre representou, para mim, uma forma de ser e existir, uma forma de emancipação política e cultural que possibilitou pensar outras epistemologias. Pois a Capoeira carrega em si os valores afro-brasileiros que são a: ancestralidade, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade como descrito por Azoilda Loretto da Trindade (2013), se estabelecendo como uma prática contracolonial⁶.

Não me deixando pegar através da ginga e resistindo ao carregamento colonial, afirmando valores, crenças e identidade de povos africanos no Brasil e seus descendentes, sigo lutando contra a tentativa de apagamento histórico, a europeização e a civilização imposta. A prática da Capoeira nessa perspectiva me possibilitou a construção da consciência a partir dos valores compartilhados na roda Capoeira com o sentimento de pertença comunitária, o pensamento coletivo, a horizontalidade, o que oportunizou me educar para (re)existir no contexto de racismo e discriminação.

Vivenciar rodas de Capoeira me levou a pensar criticamente processos de objetificação que eu sofria em distintos tempos-espacos que frequentava, bem como a construir minha identidade preta. A educação pautada em referenciais de matriz africana, que perpassa fortemente a Capoeira, fortalece a maneira própria de negros e negras se porem ao mundo ao receberem o mundo em si (SILVA, 2006).

⁶ Contracolonialidade é o “processo de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico”. (SANTOS, 2015, p. 20)

Essa educação me permitiu conhecer a história e cultura do povo a qual pertence, me colocou em contato com toda a luta travada por esta população em solo brasileiro, e se revelou a mim libertadora, permitindo-me transcender a condição de invisibilização e desumanização. Assim, a educação que se apresentou a mim na fruição da Capoeira possibilitou-me força para transformação e libertação, conforme descreve Paulo Freire (2009), em “Educação como prática de liberdade”.

Em resumo vivi, vivemos, uma situação bastante delicada, porque os conteúdos, metodologias, valores que recebemos na educação escolar são, sobretudo, eurocentrado, assim como boa parte da vida social que nos leva ao embranquecimento epistemológico e à alienação da cultura do povo negro. Consequentemente, isso resulta na tentativa de apagamento da história dos/as africanos e da diáspora.

Portanto, como pessoa negra que encontrou sua identidade, ancestralidade e pertencimento étnico-racial na Capoeira - no jogo, nas histórias contadas, no tocar, cantar, observar, no conviver com mestres e mestras, na motricidade do *ser-estar-na-roda-da-vida*, onde o jogo é contínuo no mundo-vida e possibilita - pouco-a-pouco venho transcendendo a partir do meu próprio *ser-sendo-com-outrem-ao-mundo*, no que diz respeito à ancestralidade. Fundamental frisar a contribuição dos/as antigos Mestres/as na manutenção de:

[...] formas tradicionais de transmissão dos saberes pertinentes a grupos sociais geralmente excluídos, considerados atrasados e rudimentares, assim como é vista a maior parte das manifestações tradicionais populares por certos setores da intelectualidade acadêmica. Nossa percepção é outra. Pela beleza em que se constroem as relações de pertencimento, o sentido de identidade, o respeito pela tradição e pelos antepassados, e pela simplicidade e alegria com que se celebra a vida (ABIB, 2006, p. 96-97).

Capoeira, assim, se constitui para mim como um modo de existir, uma motricidade como ação intencional de transcendência, que insurge e que questiona a partir, inclusive, da particularidade privilegiada do meu lugar de fala e de entendimento do mundo, enquanto homem negro, Capoeira e minoria em espaços acadêmicos.

Entendendo, neste caso, “lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64),

motivando-me pensar e repensar epistemologias e saberes, entender as reivindicações e percepções de um grupo historicamente marginalizado.

Aprender Capoeira tornou-se, então, um processo de emancipação, pois me leva a entender toda a opressão sofrida por negros e negras, uma vez que, a Capoeira, desde sua origem, remete à luta de resistência em defesa da liberdade e dignidade humana, ela é, por si só, ancestralidade negra.

A Capoeira se torna para mim, uma ferramenta mobilizadora de outras formas de conhecimento e possibilidade de construção de um caminho no universo acadêmico. Utilizando o gingar, negacear, o combate às negativas, os aús, rolês, táticas de aproximação e negociação com os conhecimentos hegemônicos institucionalizados. Gingando na cadência do berimbau, seguindo o ritmo e o rito das rodas, restituindo a memória e subjetividade apagadas.

Isso posto, a presente pesquisa está organizada da seguinte forma: Introdução em que discorremos sobre a instituição quilombo no Brasil, a ligação com o continente africano e o projeto de sociedade a partir do Quilombismo de Abdias do Nascimento (2019) e como os quilombos se organizam sejam eles legalizados ou não e a luta por garantias de direitos garantidos na constituição, dentre elas a demarcação e titulação das terras quilombola e apresento o objetivo geral da pesquisa. Na sequência trago o capítulo, É preto, é preta ô Kalunga, Capoeira é preta, gingar para existir e resistir, abordando o modo de ser Capoeira o resistir e existir em ginga, levando em consideração a formação do Estado brasileiro, racismo estrutural, a legislação eugenista logo após a abolição.

Dando continuidade ao trabalho, faço uma contextualização sobre a Modernidade / colonialidade / decolonialidade / transmodernidade / Contracolonialidade situando cada um dos conceitos e como se dão os processos. O projeto moderno de mundo, a colonialidade do ser, saber e poder, a decolonialidade/descolonialidade que na prática tem o mesmo sentido, a transmodernidade como forma de superação da modernidade que somente é possível a partir da cultura popular e por último o projeto contracolonial, que parte de comunidades quilombolas e indígenas, um pensamento que apresenta um outro modo de ser e estar no mundo.

Assim chego à prática social do Kilombo Tenondé: educação e diversidade em uma práxis afro-brasileira, apresentado o conceito de prática social, como é entendida a partir dos pressupostos da linha de pesquisa, Prática sociais e processos educativos (PSPE), o Kilombo Tenondé desde sua criação que teve inspiração nos documentos do livro O Quilombismo. O percurso do seu fundador, Mestre Cobra Mansa, o contato com

a permacultura no período em que morou nos Estado Unidos, a criação do Permangola e seus desdobramentos até que se chega ao Cosmoangola, uma nova configuração do encontro em que se orienta baseado nos conhecimentos construídos a partir da Capoeira angola, os saberes do povo de terreiro, quilombola, indígenas, e com grande apego ancestral.

E para melhor situar o trabalho, faço uma revisão de literatura buscando trabalhos com a mesma temática dentro de duas bases de dados, Scientific Electronic Library Online (SciELO), e de Teses e Dissertações, pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), destacando pontos relevantes dos trabalhos que contribuem com a construção da desta tese.

Logo após, construímos a trajetória metodológica nos apoiando nos temas geradores de Paulo Freire, elencando quatro para analisar a partir dos dados coletados, discorreremos acerca dos procedimentos da coleta no qual apresentamos os/as colaboradoras da pesquisa, traçando um perfil de cada pessoa entrevistada a partir daí, seguimos para o procedimento de análise de dados, indo então, para a discussão e construção dos resultados, bem como as considerações finais.

INTRODUÇÃO

Por ser esta pesquisa desenvolvida num espaço que se identifica como um Kilombo⁷, traremos aqui um panorama sobre a instituição quilombo no Brasil. Como forma de resistência e luta para preservar sua identidade e cultura, para além da conquista da liberdade, foram organizados pela população negra em território brasileiro, múltiplos e incontáveis quilombos com grande diversidade de processos, que incluíam fugas para terras isoladas desde o início do período colonial. Beatriz Nascimento (2007) explicita que a primeira referência a quilombo foi feita em um documento oficial português datado de 1559, mas somente em dois de dezembro de 1740, depois do aumento de pessoas negras livres do domínio colonial, “as autoridades portuguesas definem, ao seu modo, o que significa quilombo: toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (NASCIMENTO, 2007, p 119).

O conceito de quilombo se modifica, se ressignifica com o passar do tempo, tendo algumas resoluções a depender do contexto, contudo está ligado às formas de resistências e lutas, oferecendo um contraponto ao modelo de sociedade que vivemos: moderna/colonial, representando a superação de diversas opressões e preconceitos, superação do racismo estrutural e construção de subjetividades não eurocentrada, assim como produção de conhecimento com base nas cosmologias africanas. Na definição de quilombo encontrada na resolução que define as diretrizes da Educação Quilombola na Educação Básica temos:

Art. 3º - Entende-se por quilombos: I - Os grupos étnico-raciais definidos por auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica; II - Comunidades rurais e urbanas que: a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições; b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória. III comunidades rurais e urbanas que compartilham

⁷ Utilizaremos Kilombo com K toda vez que nos referirmos ao Kilombo Tenondé. “A grafia com a letra K tem origem no termo *ki'lomo*, significando povoação na língua quimbundo” (FOGANHOLI, GONÇALVES JUNIOR, 2013).

trajetórias comuns possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros (BRASIL, 2012, p. 3-4).

Já o artigo n.º 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, sob o enunciado: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Ampara legalmente o direito à posse das terras, mas para tanto é necessário seguir um rito.

No documento encontrado na página da Comissão Pró Índio (CPI-SP), intitulado O passo a passo da titulação⁸, estima que existam cerca de 3.000 comunidades quilombolas em todo o território brasileiro e, atualmente apenas 243 comunidades contam com a titulação de suas terras, demonstrando que há muito por ser feito. Até que seja de fato demarcadas e concedido aos/as quilombolas o título dessas terras, para que o processo seja concluído, se enfrentam grandes desafios, desde interlocução entre instâncias do governo e burocracias relacionadas as mais de cem leis e normas federais referentes às comunidades quilombolas que foram contabilizadas pela Comissão Pró Índio do Estado de São Paulo de 1988 até 2020.

O caminho para a demarcação e titulação definitiva das terras se torna um processo longo, com várias etapas, que passa por diversas instâncias do governo federal e governos estaduais. Isso porque os procedimentos para a titulação das terras quilombolas são orientados por legislação federal e por legislações estaduais. As legislações estaduais são seguidas quando a titulação é conduzida pelo governo do estado. Atualmente, dez estados contam com normas próprias para a regularização das terras de quilombo: Amapá, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Na esfera federal, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) é o órgão responsável por titular as terras quilombolas seguindo os procedimentos estabelecidos no Decreto Federal nº 4.887 de 2003 e na Instrução Normativa Incra nº 57 de 2009, que trata de regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das

⁸< <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/> > Acessado em 31/05/2022

comunidades dos quilombos de que garante o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Com isso, demarcações de terras quilombolas, mesmo com o amparo legal da Constituição cidadã, enfrentam muitos entraves e apenas têm avanços com o primeiro decreto nº 3.912, de 10 de setembro de 2001, que regulamentava as disposições relativas ao processo administrativo para identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos e para o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro imobiliário das terras por eles ocupadas, revogado e substituído pelo decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Então, somente a partir de um conjunto de ações orquestradas entre os anos de 2003-2011 através de políticas públicas estruturadas nos governos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) - com a criação do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) e a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) relacionados ao Programa Brasil Quilombola, que compreende um conjunto de ações, denominada “Agenda Social Quilombola” (Decreto nº 6.261/2007), voltadas para a melhoria das condições de vida e ampliação do acesso a bens e serviços públicos das pessoas que vivem em comunidades de quilombos no Brasil é que se nota avanços nesta área.

Esses atos são desenvolvidos de forma integrada pelos diversos órgãos do Governo Federal responsáveis pela execução dessas obras. Fica evidente, assim, que o processo de demarcação e titulação das terras quilombolas mantém-se atreladas às políticas partidárias e com isso, desde 2016 com o início do governo Michael Temer do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), segundo informações da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negra Rurais Quilombolas (CONAQ), durante a vigência do seu governo, foram suspensas as titulações das terras até que o Supremo Tribunal Federal (STF), julgasse a legalidade dos processos. Levada ao STF em 2004, pelo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM), a ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3.239 questiona a validade de um decreto presidencial que definiu os ritos e critérios para a demarcação de 2003, assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (CONAQ, t.d.).

Nos anos que se seguiram, os trâmites relacionados em questão de terras quilombolas continuou piorando. Em campanha eleitoral em 2018, o presidente então

eleito⁹ afirmou que não haveria um milímetro de terras quilombolas ou indígenas demarcadas em seu mandato, proferindo também, falas extremamente racistas sobre pessoas quilombolas, se referindo a essas como animais. Segundo ele, a pessoa mais leve em uma comunidade quilombola que teria visitado, pesava “quinze arrobas”. Dessa forma os quilombos passam por um momento de muita tensão e ameaça de perda de garantias com o avanço de pautas conservadoras e de pautas ligadas a bancada ruralista no congresso e julgamento no STF continua parado desde 2017¹⁰.

Observamos que a palavra “quilombo” tem como sinônimo em muitos dos casos: *refúgio de escravos fugitivos*”. Porém, para Santos (2010, p. 28) “não se pode pensar o quilombo apenas como refúgio de escravos fugitivos, conceito que circula até os dias de hoje em alguns espaços e que se traduz num grande equívoco, oriundo do século XVIII, uma vez que essa visão redutora não reflete a realidade desses espaços em sua integridade cultural e social”.

Assim sendo, quilombos se constituem como territórios negros, como identidade quilombola que segundo, Alessandra Schmidt, Maria Cecília Manzoli Turatt, Maria Celina Pereira de Carvalho (2002), essa identidade é construída a partir da necessidade de lutar pela terra nos últimos tempos, significando uma complexa arma pela sobrevivência material e simbólica desses grupos que estão em condições desfavoráveis dentro de uma relação de poder,

E é a partir dessa posição historicamente desfavorável no que diz respeito às relações de poder, que comunidades quilombolas vem lutando pelo direito de serem agentes de sua própria história. Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorar positivamente seus traços culturais diacríticos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é neste contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significações relacionadas à resistência cultural. Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e, conseqüentemente, a autoestima (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 5).

⁹ Jair Messias Bolsonaro, afiliado à época ao Partido Social Liberal (PSL)

¹⁰ Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em outubro de 2022, vislumbra-se que essa realidade tende a transformar-se.

Os quilombos possuem organizações e características diferenciadas, não sendo uma exclusividade brasileira, como aponta Maria Walburga Dos Santos (2010):

Por toda a América onde houve formas de exploração escravista dos povos africanos surgiram esses grupos de resistência e organização social. Assumiram denominações, estratégias e formas diferentes em seu processo constitutivo, mas, essencialmente, refletiram a luta por liberdade e espaço para desenvolver as próprias relações sociais e culturais (tradição, religião, educação). Quilombos existiram (ou coexistiram) no Brasil, África, Cuba, Venezuela, Estados Unidos e demais localidades onde havia a tônica opressora e de exploração, principalmente aos negros e seus descendentes, contabilizando também demais espoliados (índios, brancos pobres, mulher etc.) (p. 30).

Podemos afirmar que os quilombos, nesse sentido, se organizaram como espaços de luta por liberdade, preservação cultural e memória de afrodescendentes e resistência anticolonialista e ao sistema escravocrata e foram construídos por toda à América-Latina. Na Colômbia “conhecida por hospedar a terceira maior população de negros na diáspora africana” (SANTOS, 2019, p. 54), as comunidades quilombolas são conhecidas como *Palenques*. No assentamento conhecido como *Palenque* de São Basílio, segundo (SANTOS, 2019, p. 55), “os negros mantiveram muito de sua cultura africana original e desenvolveram uma língua própria, misturando os dialetos trazidos da África com o espanhol”.

Destaca-se também o protagonismo de mulheres na liderança de instituições quilombolas. Com uma trajetória de luta e grandeza a matriarca Tereza de Benguela esteve à frente do quilombo do Piolho localizado no Mato Grosso, coordenando uma estrutura administrativa, econômica e política se tornando o símbolo e a alma da mulher preta, decorrente a sua atuação foi instituído o dia nacional de Teresa de Benguela em 2014 que é comemorado no dia 25 de julho (SANTOS, 2019).

O maior dos quilombos e com história de máximo reconhecimento foi o quilombo do Palmares, que com uma narrativa singular no cenário nacional, agregando

cerca de 20 mil habitantes, resistiu por mais de um século aos diversos ataques que objetivavam sua destruição, o que veio acontecer no ano de 1694.

Segundo Nascimento (2007), Palmares se estrutura a partir da relação direta com alguns eventos que aconteceram no continente africano, em Angola, no mesmo período de organização do quilombo do Palmares no Brasil.

Para essa autora quilombo estava relacionado ao modo de vida de uma etnia de nome *Imbangalas* que teve um papel relevante dentro deste período histórico angolano. Essa etnia costumava agregar indivíduos de outras linhagens à sua comunidade através de um ritual de circuncisão que expressava o rito de passagem incorporando assim jovens de outras linhagens na mesma sociedade guerreira. Com isso “Kilombo aqui recebe o significado de instituição em si. Seria Kilombo os próprios indivíduos ao se incorporarem à sociedade Imbangala” (NASCIMENTO, 2007, p. 119). Por essas questões,

Se inferirmos, através de coincidência de datas, vamos notar que o Quilombo de Palmares não deixa de ser fenômenos paralelo ao que está se desenrolando em Angola no final do século XVI e início do século XVII. Talvez seja este quilombo o único a se poder fazer correlação entre o Kilombo instituição angolana e quilombo no Brasil colonial. O auge da resistência Jaga se dá exatamente entre 1584 e meados do outro século, após o qual esta etnia se alia ao esforço negreiro português. Neste mesmo momento se estrutura Angola-Janga, conhecido como quilombo dos Palmares no Brasil (NASCIMENTO, 2007, p. 45).

As estratégias de sobrevivência são construções socioculturais criadas a partir das construções de quilombos que evidenciam as formas de resistir ao colonialismo, transformar a realidade por justamente estar imersos nela, educando-se nas relações ali estabelecidas, e produzindo cultura, se compondo dentro de uma nova realidade:

A partir das relações do ser humano com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 2009, p. 51).

Desta maneira, chegamos ao que Abdias Nascimento (2019) denomina como “Quilombismo”, um projeto político de sociedade que visa resgatar a agência e memória

cultural, intelectual e política dos povos diaspóricos. O autor explicita que na atualidade, organizações como escolas de samba, grupos de Capoeira, terreiros de candomblé, gafieiras, locais onde são desenvolvidas atividades de matriz africana, de modo geral, podem ser considerados genuínos focos de resistência, legalizados ou não,

[...] uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A esse complexo de significações, a essa *práxis* afro-brasileira, eu denomino Quilombismo (NASCIMENTO, 2019 p. 281).

O Quilombismo é compreendido por Lorena Oliveira (2019), como um projeto de sociedade, de futuro autêntico para a população negra e que parte de uma referência política que não é fruto de uma maquinação mental, falsa e abstrata e muito menos tem princípios importados de contextos diferentes, enfatizando a estratégia de resistência e luta da cultura de matriz africana e afro-brasileira.

Não por acaso Mestre Cobra Mansa denomina o espaço fundado por ele de Kilombo Tenondé locus da pesquisa, um espaço que cria estratégias de sobrevivência ligados ao usufruto da terra, e que podem ser entendidas como resistência inteligente, “à medida que os sujeitos agem e reagem transformando a realidade em volta, por vezes se submetendo aos ditames do sistema e, outras, criando estratégias de sobrevivência” (SANTOS, 2010, p. 32).

Assim, o Kilombo Tenondé¹¹ localizado no povoado de Bonfim, cidade de Valença, no interior do estado da Bahia, tem por princípios: o encontro entre cultura e natureza, a manutenção da ancestralidade - que nas culturas de matriz africana e indígena, está relacionada ao encontro com a Natureza como lugar sagrado; as relações coletivas marcadas pela solidariedade, pluralidade e integração; a valorização do corpo, como lugar sagrado e cultural; a noção holística de desenvolvimento humano, em que corpo e mente, espírito e meio natural estão integrados. Tendo a Capoeira Angola como atividade agregadora e ocupando um espaço fundamental no desenvolvimento do projeto que se

¹¹ <http://www.kilombotenonde.com/>

estrutura com base nas cosmologias africanas, afro-brasileiras e indígenas, codificando estas experiências, essa iniciativa vai ao encontro às proposições de Nascimento (2019).

Os quilombos, processos de quilombamento, desde sempre foram um movimento de resistências contra-colonial, estratégias desenvolvidas para se contrapor à imposição colonialista, espaços de prática cultural, epistemológica e política. Um caminho que possibilita conhecer e reconhecer a diversidade epistemológica presente, trata-se de saberes que resistiram ao longo de séculos ao eurocentrismo e ao epistemicídio, integrando o que tem sido denominado por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010) como Epistemologias do Sul, indicando que repensar o referencial hegemônico que convencionalmente tem orientado as leituras sobre o mundo social e suas práticas é tarefa imprescindível para ampliar o entendimento sobre territórios, culturas e vivências, muitas vezes desconsideradas ou subalternizadas diante de práticas e epistemologias dominantes.

As Epistemologias do Sul interrogam sobre qual referencial nos direciona quando reconhecemos e valorizamos o conhecimento de uma determinada comunidade ou nação; quais conhecimentos foram e permanecem colocados à margem, inferiorizados ou apagados em sua diversidade e em sua própria existência, gerando desigualdades de toda ordem (SANTOS; MENESES, 2010). Assim se faz imprescindível aprender com o Sul global como propõe Santos (1995): “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul” (p. 508). As Epistemologias do Sul podem ser compreendidas:

[...] metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). [...] A ideia central é [...] que o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e ou nações colonizadas. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2010, p. 19).

Trata-se, portanto, de desconstruir o pensamento exclusivamente eurocentrado, de “descolonizar o saber”, de “desconstruir significados e compreensões homogêneas, tidos como universais, para nos abriremos a jeitos de ser, de viver, de pensar, de organizar e significar a vida dos povos que foram colonizados e sofreram e sofrem a tentativa de europeizá-los ou de se parecer com os europeus” (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 90).

Santos (2002), ao conceituar Epistemologias do Sul, trabalha com dois conceitos centrais: “sociologia das ausências” e “sociologia das emergências”. A saber, a sociologia das ausências permite um processo de amplificação do mundo “uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe” (SANTOS, 2002, p. 246). Carlos Nolasco (2019), complementa que essas epistemologias permitem: “transformar-se entidades, relações, conhecimentos, objetos impossíveis em possíveis, e com base neles transformar as ausências em presença, converter invisibilidades em visibilidades” (p. 205). A sociologia das emergências, por sua vez permitiria uma expansão dos domínios e das experiências sociais possíveis, que para Nolasco (2019), substituiria:

[...] o vazio do futuro segundo o tempo linear, por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente. Operando em conjunto, a sociologia das ausências ao ampliar a realidade credível, permite que a sociologia das emergências tenha um mais vasto campo de sinais ou pistas credíveis e de futuros possíveis e concretos (p. 205).

Outras epistemologias, como a proposta dentro do Kilombo Tenondé, servem para questionar formas de dominação naturalizada pela consagração da ciência moderna ocidental a qual classifica conhecimentos em superior/inferior dentro de uma hierarquia. Além disso, apontam para uma pluralidade epistemológica do mundo e uma sociedade organizada com outros valores e com conhecimentos profundamente inscrito no corpo pela experiência. Uma experiência social que parte de outra racionalidade, outras formas de ver e conceber o mundo e que carregam em si o combate ao colonialismo e a colonialidade.

Entendemos que tanto a Capoeira, como a permacultura, são práticas sociais oriundas de culturas tradicionais que sofreram tentativas frequentes e insistentes de

invisibilização e marginalização pelo colonialismo, pelo regime de escravização e pelo racismo.

A Capoeira, no caso, tem suas origens junto aos africanos e afro-brasileiros escravizados no Brasil em luta pela liberdade (OLIVEIRA; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2018; OLIVEIRA, 1993; ABIB, 2006).

A Permacultura tem sua base em sabedorias ancestrais, mais recentemente assim denominada por sua fundamentação ecológica em uma agricultura de permanência com enfrentamento ao agronegócio e restauração de biomas degradados (LIBERATO, 2019). Observamos que, conforme Flávio Januário José (2014), o termo permacultura vem da junção das palavras permanente, agricultura e cultura e foi criado pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970. Trata-se de um sistema que procura otimizar a utilização do espaço nas cidades ou na zona rural, relacionando, de forma positiva e integrada, elementos como plantas, animais, edificações e infraestrutura, considerando, para tanto, que a harmonia com a natureza somente é possível se os seres humanos abandonarem a ideia de superioridade sobre a natureza, entendendo-se como integrantes.

Tendo a Capoeira e a Permacultura como alicerce de seus princípios, o Kilombo Tenondé, apresenta uma forma de resistência ao colonialismo e ao capitalismo que pode nos fornecer subsídios para explorar uma epistemologia diversa, pouco valorizada e reconhecida, oriunda de culturas tradicionais, da luta contra a exclusão e discriminação dentro da estrutura social em que vivemos e que se apresenta como uma realidade credível.

Outras epistemologias, como a proposta dentro do Kilombo Tenondé, servem para questionar formas de dominação naturalizada pela consagração da ciência moderna ocidental a qual classifica conhecimentos em superior/inferior dentro de uma hierarquia. Além disso, apontam para uma pluralidade epistemológica do mundo e uma sociedade organizada com outros valores e com conhecimentos profundamente inscritos no corpo pela experiência. Uma experiência social que parte de outra racionalidade, outras formas de ver e conceber o mundo, e que carregam em si o combate ao colonialismo e a colonialidade.

O aquilombamento integra práticas ecológicas, é resistência à dominação colonial que se expressa nos dias de hoje através da colonialidade do ser, do poder e do saber. Estes, são mecanismos que permitem a exploração extrativista, o racismo

ambiental, crimes ambientais como os de Brumadinho e Mariana, que não reconhecem os saberes quilombolas e indígenas sobre a ecologia.

Malcom Ferdinand (2022) defende, com o conceito do “negroceno”, o destaque das experiências de colonizados, escravizados, indígenas e sobreviventes de genocídios. As experiências, as linguagens, as práticas e as ações políticas de quem resistiu à dominação colonial são carregadas de sabedoria ecológica e precisam ser colocadas em primeiro plano, em que se prática outra maneira de viver junto e de se relacionar com a terra, apontando assim para outros mundos possíveis.

O trabalho desenvolvido no Kilombo Tenondé é complemento de uma luta secular iniciada com Palmares, representa o esperar por uma sociedade livre, justa e solidária. É também, Capoeirar, ou seja, gingar sempre, se movimentar para fugir das opressões, criar a vida a partir de um *aú*, um *rolê* e em muitas das vezes, numa *rasteira*. É o movimento contra-colonial de Mestre Nego Bispo (2015).

Os quilombos, sejam formalizados pela lei ou dentro da proposta do Quilombismo, são resistência ao projeto moderno de mundo. Enquanto a modernidade, oferece-nos um habitar colonial definido por Ferdinand (2022), como geografia, exploração da natureza e altericídio que se fundamenta na apropriação de terras, massacres e desbravamento. Uma forma de habitar que instituía o conceito de propriedade privada, que se utilizou da escravidão para instalar as *plantations* (monoculturas) e explorando massivamente seres humanos.

Ademais, nos dias de hoje, a continuidade dos quilombos, os espaços construídos dentro dessa perspectiva é a possibilidade de transcender a modernidade como explica Enrique Dussel (2016). É o enfrentamento à colonialidade do ser, do saber e do poder, que permite a quebra de um processo que racializou e inferiorizou, permite pensar os mecanismos que promovem a invisibilidade de outras formas de conhecimento e da vida de seres humanos e territórios que foram vítimas da modernidade/colonialidade.

Portanto, o que se apontou e discutiu até aqui, demonstra que quilombos são possibilidades de pensar uma educação pluriversal que busca por inclusão e equidade, luta contra o apagamento histórico.

Em vista disso, **objetivo central** desta pesquisa foi o de identificar, descrever e compreender processos educativos emergentes do Encontro Permangola, realizado no Kilombo Tenondé. Encontro este que se realiza anualmente dentro do Kilombo no período de uma semana com objetivo de integrar a filosofia da Capoeira Angola com a

ética e os princípios da Permacultura. Visando proporcionar o desenvolvimento humano de forma holística, onde corpo, mente, espírito e o meio natural são integrados.

Frente ao objetivo proposto, traçaremos algumas considerações sobre a história da Capoeira, em seguida, abordando as formas encontradas para a continuidade da prática tendo em vista todas as proibições.

**É PRETO É PRETO É PRETO, KALUNGA, CAPOEIRA É PRETO, GINGAR
PARA EXISTIR E RESISTIR**

*Gingar na linha da Kalunga e sentir a ancestralidade viva na sua própria história,
escrita oralmente, e aprender a ler os livros humanos, inscritos nos corpos das pessoas.
Ginga na linha da Kalunga é entender a contradição, tentando reconhecer o que existe
de melhor e*

pior nos dois mundos enganar sendo enganado.

*Ginga na linha da Kalunga e equilíbrio dentro do desequilíbrio, trazer para si a
emoção com razão, sentido a morte dentro da vida, é não ficar parado, esperando a
melhor decisão aparecer, mas tentar através da ginga buscar soluções gingadas.*

Gingar na linha da Kalunga e brincar com fogo dentro d'água.

*E brincar com perigo, sorrir para o inimigo, com um sorriso verdadeiramente falso
depois d batalha de morte.*

*Gingar na linha da Kalunga não é ficar em cima do muro esperando o melhor momento
para pular, mas buscar as respostas onde devem ser encontradas. E viver nas margens
sem ser marginal*

*Kalunga vive no meio, dentro escondido nas pequenas linhas invisível entre os dois
mundos, perto e
distante entre si.*

*Kalunga e a linha curva reta da estrada, rua que leva ao cemitério, e o tudo e o nada
A linha da Kalunga une e separa a favela da cidade a casa da rua a rua da academia,
os vivos dos ancestrais, os orgânicos dos sintéticos.*

(Mestre Cobra Mansa 2019)



Figura 2: Bateria de capoeira Angola

A Capoeira foi proibida e perseguida, sua prática configurava crime descrito no código penal brasileiro até o ano de 1930 através do decreto nº 487 do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, de 11 de outubro de 1890, estabelecendo no capítulo XIII, que tratava dos "Vadios e Capoeiras". Em que pessoas que fossem pegas praticando Capoeira neste período, poderiam pegar de dois a seis meses de prisão, no caso de reincidência, se aplicava a pena máxima de três anos.

A proibição, no entanto, não se tratava apenas da prática da Capoeira em si, mas do modo de vida da população preta, tratando-se de perseguição aos negros/as e suas manifestações culturais, pois também o samba e os sambistas eram enquadrados nesta lei, assim como o candomblé e a umbanda eram igualmente criminalizadas através do artigo 157 que tratava do que se considerava magia, espiritismo e o artigo 158 relacionado ao curandeirismo.

Essas leis, impediam claramente a população preta de “ser” integralmente. Pode-se dizer que tal legislação já tinha um caráter eugenista, haja vista que o projeto de construção da nação brasileira perpassava por uma ação que tinha como proposta eliminar as pessoas pretas por completo. Para isso, já em 1888, em nome de um modelo eugênico de melhoramento da raça, deputados paulistas, incentivavam a imigração de trabalhadores europeus e barravam, através de projetos de lei, a entrada de negros e asiáticos no Estado, (SCHWARCZ, 1994 apud Torres 2008).

No ano de 1911 era defendida em Paris, no primeiro Congresso Internacional da Raças, pelo então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista Lacerda, a tese de que a solução para o Brasil seria o branqueamento da população, segundo ele, isso ocorreria em um século. Considerava-se pressupostos de diferenças ontológicas entre raças, mas sem condenar a mestiçagem, acreditando que isso conduziria ao branqueamento da nação (TORRES, 2008). E assim, as pessoas negras vão, também, perdendo a potência de existir plenamente em uma sociedade que insiste apagá-los/as.

Com sua cultura criminalizada e em busca de um viver, por assim dizer, “tranquilo”, resta ao negro/a criar estratégias para existir no mundo branco. Todas essas ações do Estado brasileiro compõem o que Silvio Almeida (2018) evidencia em seu artigo como racismo estrutural, no qual deixa explícito que o racismo é uma regra dentro da sociedade brasileira e não uma exceção. Com esse fato, notamos os modos como as estratégias racistas foram reproduzidas nas esferas políticas, sociais e econômicas, por meio de mecanismos capazes de discriminar pessoas ou grupos de maneira sistemática.

Assim como “O pacto narcísico da branquitude”, discutido por Cida Bento (2002), que explora o discurso meritocrático que privilegia pessoas brancas no mercado de trabalho e permitiu compreender a naturalização da supremacia branca nas instituições, sua construção e reprodução ao longo da história. Também possibilitou aprofundar a compreensão sobre as desigualdades e a violência racial na macroestrutura política e social, fazendo com que a população preta construa mecanismos para existir no Brasil.

A Capoeira é um dos exemplos de como a população negra lida com o Estado brasileiro e suas leis que proíbem seus modos de viver. Com a criminalização, Capoeiras eram considerados de uma classe perigosa, ocorre então, uma espécie de negociação para que haja a retirada da Capoeira da criminalidade, suscitando discussões, até os dias de hoje, acerca do que seria ou não um processo de branqueamento da prática. Como é o caso das controversas sobre a criação da Capoeira Regional por Manoel Dos Reis

Machado (Mestre Bimba) em que muitas das vezes é acusado de ter aberto as portas para que ocorresse esse processo de branqueamento.

Porém, o que acontece é que esse processo de branqueamento não está ligado ao mestre/a x ou y. Quando partimos dessas suposições, procurando um culpado dentro da Capoeira, deixamos de olhar para o projeto de embranquecimento do país. Um projeto perpetrado pelo estado brasileiro que torna crime todas as manifestações culturais do povo preto. A Capoeira, o Candomblé, o Samba etc. Torna crime ser preto, o que condicionava a participação da comunidade preta nas tomadas de decisões dentro da sociedade, pois se construíram um apanhado de leis que impediam acesso à educação, à terra, à moradia. Quando não tem sua humanidade reconhecida, a pessoa preta é tratada como um acessório semovente, pertencente à classe dos bens móveis.

Todas essas leis atravancavam o alcance da liberdade. Então, para participar, compor essa sociedade, as pessoas pretas, na medida do possível, precisavam “ser o mais branco possível” (ANDRADE; FERNANDES; CARLI, 2015).

Se por um lado o Estado brasileiro elaborava leis para impedir a existência plena de pessoas pretas no país, um projeto eugênico, por outro lado, se construía uma série de ações, leis, que beneficiavam pessoas branca, imigrantes europeus: escolas, distribuição de terras, passagens, medicamentos e até ferramentas.

Ao discutir o sistema jurídico no pós abolição, e a constituição federal de 1891 em que inicia-se um projeto civilizatório moderno, com uma pretensa igualdade e que confere um certo grau de cidadania aos preto/as, mas que não reconhece as contribuições culturais de matriz africana a sociedade e pressupõe o combate ao que chamavam de barbárie primitiva de origem africana Bruno Andrade; Bruno Diniz Fernandes e Caetano de Carli, (2015), destacam a proibição da Capoeira e como Mestre Bimba protagonizou a descriminalização da Capoeira ao receber o primeiro reconhecimento oficial pelo registro concedido pela Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública à sua academia chamada de Centro de Cultura Física Regional Baiana em nove de julho de 1937.

Apesar de a medida ter retirado a Capoeira da marginalidade, dado maior visibilidade à manifestação, o que de fato aconteceu, foi mais uma regulação estatal, uma apropriação, e não o reconhecimento emancipatório, Andrade; Fernandes e Carli, (2015, p. 588-589), explicitam que

A razão pela qual é mais pertinente o termo apropriação do que reconhecimento é a de que o estatuto de “esporte nacional mestiço” reduz o conteúdo cultural e a carga simbólica da manifestação de uma prática de conhecimento central à interação cidadãos nela envolvidos. Seja nas cantigas tradicionais, no ritual da roda de Capoeira e nos valores e códigos de conduta nele implícitos, ou na relação mestre/discípulo característica da base oral da transmissão de conhecimento, a Capoeira se mostra além de um agregador comunitário uma fonte de conhecimento acerca de um modo de vida. Assim, a autorização legal de funcionamento da academia de Capoeira de mestre Bimba e a consequente descriminalização da arte foi para o poder público uma instrumentalização retórica voltada à criação de símbolos nacionais para justificar um projeto político autoritário, ao tempo em que para os capoeiristas se apresentou como um instrumento jurídico a ser utilizado em suas estratégias históricas e enfrentamento do escravismo e do pós-escravismo na sociedade brasileira.

Tendo em vista estas ações do Estado brasileiro, a resistência preta e Capoeira se expressa no Capoeirar, gingar sempre como já dizia mestre Bimba, não se deixar agarrar, ou seja, é o movimento contra-colonial, é achar o espaço para viver num mundo de proibições que é o Brasil para o preto/a. Então, negociar com o Estado, já que este se apropriou da Capoeira para validar um projeto político autoritário, é uma forma de enfrentamento ao projeto colonial. De resistência à colonialidade do poder, do ser e do saber.

A colonialidade ainda pauta todo o modo de construção de conhecimento, assim a inclusão dos estudos sobre a Capoeira dentro da academia, da forma em que essa ainda se estrutura, acaba por contribuir com o embranquecimento dessa prática, enquadrando – a em visões de mundo branca, dado que “a universidade que surge na década de 30 do século XX, reproduz a colonialidade do poder/saber” (SILVA, 2018, p. 254). Por tomar as universidades europeias modernas como modelo de construção e organização de conhecimento, como explicitado por Nádía Maria Cardoso Da silva, (2018, p. 254), a universidade constrói uma “relação epistemológica sujeito branco/objeto negro e indígena; instalando o exclusivismo da epistemologia ocidental, excluindo, silenciando e desqualificando saberes negros e indígenas.”.

Levando em consideração que nossa educação é para aprender e assimilar as referências brancas. Um padrão dentro de estrutura branca, o que acaba destruindo os valores da população negra, o que está posto é que: ou somos assimilados, ou morremos à míngua marginalizados. Por meio da Capoeira é presumível assumir a identidade

ancestral que se dá na luta por emancipação, buscando na própria Capoeira e na sua matriz africana um caminho para pensar outras epistemologias, pois

os saberes negros presentes nos terreiros de matriz africana, na política negra, nas rodas de Capoeira e nas comunidades quilombolas podem contribuir para a descolonização do conhecimento acadêmico no Brasil, pois são espaços negros de produção de conhecimento que, ainda que afetados pelos poderes coloniais através da estratégia de criminalização, sua história de abandono pelas autoridades republicanas e democráticas a partir do pós-abolição, talvez motivados pela lógica do “deixar morrer”, os converteram em espaços de epistemologias de resistência (SILVA, 2017, p. 249)

A Capoeira historicamente construída por pretos em corpos pretos, tem suas bases de conhecimentos assentadas na história preta em território nacional devido às necessidades desses corpos por libertar-se da escravização no contexto colonial, dada a relação inerente entre a Capoeira e a trajetória de povos africanos em território brasileiro. Apresentando elementos na prática educativa desenvolvida em diferentes espaços culturais e que carregam em si a ancestralidade africana.

Dentro um contexto em que negros e negras foram colocados à margem, não sendo reconhecidos/as na sua humanidade, impedidos de viver sua própria cultura, entendemos, então que ela é uma forma de resistir, existir, insurgir e construir novas possibilidades, tempos-espaços, gingando, negaceando, esquivando, mandingando, combatendo, se movimentando, vivenciando a roda da vida, retomando a própria história, humanizando-se. Desta maneira coadunamos com Luiz Rufino; Cinzeiro Feliciano Peçanha; Eduardo Oliveira (2018, p. 8) quando argumentam que:

(...) a Capoeira, assim como outras esferas de saber paridas na diáspora são gramáticas fundamentais para uma revisão do ser/saber/poder que apontem para ações de desestabilização da Colonialidade. Assim, reconhecê-la como patrimônio da humanidade nos diz algo, mas tomá-la como potência que emana as invenções, táticas e luta dos seres desmantelados pelo projeto de dominação colonial enuncia sobre seu caráter como existência em ginga. Uma sabedoria inconformista, rebelde, tática, antirracista e contrária à escassez produzida por um modelo de mundo avesso à diversidade.

Essa sabedoria inconformista e rebelde contida na Capoeira, constitui uma complexa forma de resistência e existência histórica negra no Brasil. O existir em ginga,

nos ensina a romper com tudo que se mostra como normal, natural, aprendemos, como diz o corrido de domínio público que: “nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que balança cai”. Para Òkòtò (2018, s/p), “ela nasceu do conjunto de interações, relações, troca de energias que perpassa a experiência de vida negra em terras brasileiras e sua resposta às situações que lhes são postas, valendo-se de sua bagagem ancestral”.

Ainda para Òkòtò (2018), a Capoeira é um modo de existência a partir de corpos pretos e:

é a resposta de um corpo a todo um entendimento e sentimento de uma realidade. Um corpo negro. Um entendimento negro. Um sentimento negro. É corporeidade, é uma resposta corporal ao meio, resposta essa ancorada numa leitura intelectual e espiritual própria, que considera os atravessamentos a esse corpo, que se vale de todo seu potencial para respondê-lo (s/p).

Para tanto, se faz necessário construir um diálogo mais amplo, sobretudo nos dias de hoje, do entendimento que temos sobre a Capoeira, os espaços que ela vem ocupando e sua difusão pelo mundo, entender que a Capoeira apenas pode ser compreendida a partir da cosmologia afro-brasileira, com isso, tê-la como uma prática pedagógica para pensar a educação da população negra e não negra brasileira.

Deve-se então voltar ao passado como já nos ensina o *Adinkra Sankofa*, adotando assim os conhecimentos construídos a partir da trajetória do povo preto brasileiro, incorporar bases conceituais e filosóficas de origem materna, isto é, da Mãe África, se alimentar dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, se amparando em modos particular de ser e estrar no mundo. Sandra Petit (2015), denomina essas ações de Pretagogia; referencial teórico-metodológico que parte dos elementos da cosmovisão africana.

Para que de fato se construa um conhecimento na educação descolonizado, devemos pensar a partir de um referencial teórico metodológico que trate da produção de conhecimento a partir da trajetória dos mestres/as, tudo o que foi construído por estes/estas.

Podemos, então, entender a Capoeira como uma pedagogia decolonial (CORDEIRO, 2018), por se assentar fortemente na cosmologia africana, que se orienta no sentimento de pertença comunitária, suscitando discussões acerca de diferenças culturais e desigualdades sociais. Entretanto, atualmente, notamos, cada vez mais, vem

se percebendo a reprodução do mundo colonial moderno na prática da Capoeira. Isso está atrelado nas formas em que a sociedade se estrutura, em que o racismo estrutural molda os mecanismos de poder e determina como os grupos se configuram. Com isso há uma apropriação da Capoeira e um apagamento das suas bases culturais pretas, a memória ancestral, transformando-a em algo mercadológico.

Nos dias de hoje, os cinco mestres de Capoeira mais ricos, com maior visibilidade no mundo, são homens brancos. Enquanto mestras e mestres pretos/as, nas maiorias dos casos, ainda têm dificuldades de se manter ensinando Capoeira. Isso é um indicativo de que o projeto eugenista de Brasil, continua em curso, em que a cultura preta é difundida mundo a fora, porém, na maioria dos casos, sem pessoas pretas protagonizando essa difusão.

Mesmo com essas contradições, a Capoeira pode tornar-se um caminho para construção de diálogos sobre educação antirracista, relações de gênero, assim como levantar discussões políticas e seu papel ao longo da história.

Em relação à questão de gênero, nos últimos tempos, temos visto diversas denúncias de assédio sofrido por mulheres capoeiristas. As denúncias envolvem mestres famosos, líderes de grandes grupos e que atuam dando aulas para adultos e crianças em diversas partes do mundo e, esses grupos são reflexo da sociedade em que vivemos, desta forma. O universo da Capoeira não está separado da sociedade, a roda da Capoeira é também a roda da vida, e neste sentido, a mulher sofreu e ainda continua sofrendo com o machismo. Uma história antiga, que se repete ao longo do tempo em diversas relações em nossa sociedade. A atuação da mulher na Capoeira não pode ser considerada como inexistente, talvez seja mais coerente fazermos a reflexão sobre a oportunidade de participação nessa prática, e do apagamento da mulher nos registros históricos da Capoeira (SILVA, 2019, p. 53).

Vivemos em uma sociedade estruturada dentro do patriarcalismo, sofremos diariamente a exclusão social e a violência causada pelo racismo, machismo e sexismo motivados pelo projeto moderno de mundo. Assim, apesar de haver um crescimento exponencial no número de mulheres praticando Capoeira e a maioria desempenha um papel de liderança na estrutura organizacional dos grupos, porém, infelizmente esses qualificativos ainda não garantem destaques e lideranças nas demais esferas destes mesmos grupos, o que torna muito pequeno o número de mulheres promovidas à condição de mestre, contramestre (ROSANGELA ARAUJO, 2004).

Entendemos que a dominação de gênero existente na sociedade se estrutura de modo a favorecer o patriarcalismo, portanto se faz “imprescindível a adoção de uma nova estrutura social, onde seja instituído um debate mais amplo e igualitário para receber essas mulheres no cenário social e acabar, com o enfoque da submissão do gênero” (SOLDATELLI, *et al*, 2010, p. 2). Para as autoras, uma possível superação da desigualdade de gênero é a transmodernidade, projeto proposto por Dussel (2005), pois

O eurocentrismo moderno, na produção de efeitos segregacionistas, classificou a mulher como um ser que, por sua natureza, devia ser submisso. O simples fato de ser mulher, não podia enquadrá-la como ser moderno e desenvolvido e, por esta razão ela era excluída e reduzida a objeto não modernos, incivilizado. Essas culturas universais assimétricas - espelho de suas condições econômicas, políticas, científicas, tecnológicas, militares - guardam uma alteridade em relação à Modernidade europeia, com a qual conviveram e aprenderam a responder à sua maneira aos desafios. Não estão mortas, mas vivas, e, atualmente, em pleno processo de renascimento, buscando novos caminhos para o desenvolvimento de seu futuro próximo (DUSSEL, 2015). Com os movimentos sociais do século XX, a mulher questiona o lugar e o papel social que lhe foi atribuído pelo eurocentrismo moderno e, deste questionamento busca a superação dos efeitos negativos da segregação. Ao tomar consciência e problematizar esses efeitos, a mulher acaba se descobrindo como a “outra-face”, aquela face negada e vitimada pelo eurocentrismo moderno, ela se descobre como vítima inocente da violência sacrificadora produzida. Ao afirmar esta alteridade do “outro”, negado antes como vítima culpada, permite descobrir pela primeira vez a “outra-face” do eurocentrismo moderno que, por muitos anos foi ocultada e silenciada, mas que sem ela não teria havido o colonialismo e, neste sentido se descobre como parte do mundo periférico colonial, tal qual o índio sacrificado e o negro escravizado. Todos esses atores foram e ainda são vítimas de um ato irracional e amoderno (DUSSEL, 2005). A tomada de consciência de que se tratava de ato amoderno, permite emancipar o pensamento feminista e fortalecê-lo, pois, se descobre a dignidade do outro, que foi negado pelo eurocentrismo moderno, seja através do reconhecimento da outra cultura, do outro povo, do outro gênero, enfim, reconhecer que existem outras produções de conhecimento além daquele proveniente do europeu (DUSSEL, 2005). Com a emancipação do pensamento feminista, através da afirmação da diversidade e do legítimo direito à diferença, emerge a compreensão de que os mecanismos geradores da opressão, da injustiça e da exploração, durante o processo histórico, buscavam se legitimar. Isso significa compreender as relações entre as dimensões cultural, social, econômica e política e buscar novas epistemes entre os protagonistas que estão impulsionando processos instituintes de novas configurações territoriais. Afinal, não é isoladamente que cada grupo subalternizado é mantido nessa condição (SOLDATELLI, *et al*, 2010, p. 15-16).

Diversas opressões e violências são reproduzidas no universo da Capoeira, devemos aqui, situá-la dentro de uma sociedade que é patriarcal, sexista e racista, que tem um projeto de eliminação da população preta que está em curso desde o pós-abolição com as políticas genocida do estado. No entanto, os grupos, as rodas de Capoeira são espaços com possibilidade de ampliação do debate acerca dessas opressões, do enfrentamento e superação, contudo, defendemos nesta tese a hipótese de que a capoeira pode ser uma ferramenta de descolonização e saída para a transmodernidade, se trabalhada dentro dos referencial teórico-metodológico que parte dos elementos da cosmovisão africana, pois apresenta em si modos de educar e educar-se ancestrais.

Em seguida trazemos algumas reflexões sobre conceitos importantes para essa Tese.

MODERNIDADE / COLONIALIDADE / DECOLONIALIDADE / TRANSMODERNIDADE / CONTRACOLONIALIDADE

Para melhor situar as questões relacionadas a produção do conhecimento e outras epistemologias, buscando significados construídos em perspectivas de pessoas, grupos “desqualificados” e “marginalizados” pela sociedade, desvelando conhecimentos, atitudes, relações entre diferentes grupos sociais para compreensão da produção de conhecimentos próprias à América Latina, à sociedade brasileira, contextualizamos de forma breve a modernidade / colonialidade / decolonialidade / transmodernidade / Contracolonialidade. Os três últimos conceitos, trazem perspectivas diferentes de superação da modernidade.

A modernidade, definida por Dussel, como a “abertura geopolítica da Europa para o Atlântico; é a implantação e o controle do “sistema-mundo” no sentido estrito, e ainda, a “invenção” do sistema colonial” (DUSSEL, 2015, p. 58). O sistema mundo implementado com a modernidade, favorece a Europa política e economicamente, sendo ela a “justificativa para uma práxis irracional e violenta” (DUSSEL, 2005, p. 30).

Para esse mesmo autor, a modernidade se constitui como um mito que se sustenta inconscientemente dentro de uma posição eurocêntrica. Uma civilização moderna que se autodescreve como mais desenvolvida e superior, cuja superioridade, por uma exigência moral, obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros e rudes. Tendo como um processo educativo o seguido pela Europa, determinada por ela mesma, um caminho unilinear, que traz consigo “a falácia desenvolvimentista”. Quando tal processo civilizador encontrava resistência por aqueles classificados como bárbaros, se recorria à violência (guerra justa colonial), tem a violência como ato inevitável, estabelecendo o sacrifício salvador sobre o indígena, o escravizado africano, a mulher e a destruição ecológica (natureza). Trazendo dentro desse projeto de mundo moderno, também a culpabilização da vítima por se opor a modernidade, interpretando-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios, os custos da modernização (DUSSEL, 2015).

A modernidade, segundo Ferdinand (2022), empreendeu uma forma de habitar. Essa forma definida por ele como o habitar colonial carrega consigo, geografia, exploração da natureza e altericídio, a recusa de da possibilidade a convivência com o outro de pessoas que sejam diferentes de um “eu”, por sua aparência.

O habitar colonial se fundamenta na apropriação de terras, massacres e desbravamento. Uma forma de viver que institui o conceito de propriedade privada, que

se utilizou da escravidão para instalar as plantações (monoculturas) e explorando massivamente seres humanos, visa a exploração com fins comerciais da terra.

Ainda sobre a modernidade, Aníbal Quijano (2005), explicita ser raça uma categoria mental dentro desse projeto moderno de mundo, pois a ideia de raça não tinha uma história conhecida na América, se funda a partir das relações ali estabelecidas, identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços.

O que antes indicava apenas procedência geográfica, tem agora uma conotação racial. Ou seja, a modernidade, instaura, a partir da colonização, a classificação social, como também a ideia de povos superiores/inferiores, por consequência:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 2).

A vista disso, as relações sociais são estruturadas objetivando a exploração, dominação e o controle da existência social, epistemicídio, tendo o eurocentrismo como forma hegemônica de controle de todas as organizações sociais não europeias, se instaurando como um padrão que é, desde sempre, eurocêntrico e capitalista, classificando pessoas e culturas como inferiores e superiores.

Dentro desta classificação, as diferentes características existentes na espécie humana, incluso nas relações de poder acabaram definindo uma categorização social das pessoas, para Quijano (2010, p. 118), “sexo, idade e força de trabalho são os mais antigos.” Algo que se acrescentou na América segundo esse mesmo autor foi o fenótipo,

o sexo e a idade são atributos biológicos diferenciais, ainda que o seu lugar nas relações de exploração/dominação/conflito esteja associado à

elaboração desses atributos como categorias sociais. Por outro lado, a força de trabalho e o fenótipo não são atributos biológicos diferenciais. A cor da pele, a forma e a cor do cabelo, dos olhos a forma e o tamanho do nariz etc., não têm nenhuma consequência na estrutura biológica do indivíduo e certamente menos ainda nas suas capacidades históricas. E, do mesmo modo, ser trabalhador “manual” ou “intelectual” não tem relação com a estrutura biológica. (QUIJANO, 2010. p.118)

Portanto evidencia-se que essa classificação nada tem a ver com a questão biológica, mas sim com a disputa pelo poder e dos meios sociais. “Da mesma maneira, a “naturalização” das categorias sociais que dão conta do lugar desses elementos no poder, é produto histórico-social vazio” (QUIJANO, 2010. p. 18-19).

Assim, chegamos ao conceito de colonialidade, algo que se sistematiza através da persistência da opressão e dominação colonial, “na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular” e operando de forma efetiva “em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal.” (QUIJANO, 2010, p. 84).

Para combater a exploração/dominação que se organiza por meio da colonialidade do poder, deve-se primeiramente lutar pela destruição da colonialidade. Destruir essa estrutura de poder se faz necessária como diz Quijano:

Não só para terminar com o racismo, mas pela sua condição de eixo articulador do padrão universal do capitalismo eurocentrado. Essa luta é parte da destruição do poder capitalista, por ser hoje a trama viva de todas as formas históricas de exploração, dominação, discriminação, materiais e intersubjetivas. O lugar central da “corporeidade” neste plano leva à necessidade de pensar, de repensar, vias específicas para sua libertação, ou seja, para a libertação das pessoas, individualmente e em sociedade, do poder, de todo o poder. E a experiência histórica até aqui aponta para que há outro caminho senão a socialização radical do poder para chegar a esse resultado. Isso significa a devolução aos próprios indivíduos, de modo direto e imediato, do controle das instâncias básicas da sua existência social: trabalho, sexo, subjetividade e autoridade (QUIJANO, 2010, p. 126-127).

Todas as reflexões sobre a colonialidade do poder, desenvolvida por Quijano, levou a novas reflexões sobre a colonialidade do Ser. Esta teoria desenvolvida por Nelson Maldonado Torres, afirma que: “A relação entre poder e conhecimento conduziu ao conceito do Ser. E se, então, existia uma colonialidade do poder e uma colonialidade do

conhecimento (*colonialidad del saber*), pôs-se a questão do que seria a colonialidade do Ser” (TORRES, 2010. p. 415).

A colonialidade do ser como explica Maldonado Tores (2010. p. 423) “refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de caráter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades”. Com o propósito de desvendar, ou tornar visível o que estava invisível, ou marginal e entender as categorias de condenação¹² que se formulam os conceitos de modernidade/colonialidade, colonialidade do poder, colonialidade do conhecimento e colonialidade do Ser. Para ele,

estes são apenas alguns dos conceitos que teriam que fazer parte de uma gramática decolonial da análise crítica capaz de reconhecer a sua própria vulnerabilidade ao ficar aberta a posicionamentos críticos baseados nas experiências e memórias de povos que se confrontam com a modernidade/o racismo sob qualquer uma das suas formas (TORRES, 2010. p. 438).

Logo podemos afirmar que assim como devemos lutar para a destruição da colonialidade do poder, pelos motivos acima citados, igualmente se deve lutar para acabar com a colonialidade do Ser, que é uma civilização imposta pelo colonizador opressor, pois o povo colonizado se quer a conhecia, mas que ainda nos dias de hoje se faz presente dentro da sociedade brasileira.

Nesse seguimento da decolonização, precisamos urgentemente repensar nossas formas de produzir conhecimento e como são pensados e estruturados, entendendo a decolonialidade um projeto que visa,

[...] um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação. (NETO, 2016, p.44).

¹² Dá como exemplo de categorias da condenação, o negro, o judeu e o mulçumano.

Esse questionamento se apresenta das insurgências de grupos indígenas e quilombolas; legais, urbanos, comunidades periféricas etc., que se propõem pensar formas de organização social includente, com respeito a diversidade. Um projeto decolonial, denota então, as tradições de resistência das populações negras e indígenas, levando em consideração construções científicas ao longo do tempo e espaço, bem como conhecimentos e subjetividades desses povos.

A decolonialidade, em vista disso, corresponde a uma,

noção que responde a uma corrente epistemológica desenvolvida em final da década de 1990 através do trabalho do Grupo Modernidade/Colonialidade onde pesquisadores de diversas áreas, principalmente latino-americanos, formam as discussões aliadas às suas realidades regionais e produzem amplas bibliografias que possibilitam pensarmos sobre outras perspectivas de entendimento sobre história e sociabilidades humanas que estavam escondidas sob os discursos da modernidade, principalmente em relação aos sujeitos colonizados (DAMACENO; CHAVES; CARDOSO, 2022, p. 13).

Já dentro do pensamento de Fanon (1968) “A descolonização seria, portanto, a criação de um novo ser humano, capaz de transformar a "coisa colonizada" em ser humano por meio de um processo de liberação” (p. 2). Para isso, se faz necessário se inspirar em algo novo, ou que tenha sido construído a partir de referências de povos que sempre lutaram contra o processo de colonização, ao invés de buscar solução seguindo os passos de uma Europa que não deu certo em termos de humano (FANON, 1968).

“Decolonialidade ou descolonialidade é o reverso de colonialidade, e seu horizonte de ação aponta para o desmonte da estrutura da colonialidade do poder, do eurocentrismo e da obediência epistêmica e política do projeto civilizador moderno” (HOLANDA, 2021, p. 01).

Assim, a necessidade de repensar o referencial hegemônico de tempo e espaço que tradicionalmente orienta as leituras sobre o mundo social e suas práticas é tarefa fundamental para ampliar o entendimento sobre territórios, culturas, vivências muitas vezes desconsideradas ou mesmo anuladas como expressões do ser, estar e se relacionar no/com o mundo e nos situar a partir do nosso universo, realidade e desta maneira pensar em transformações concretas.

Santos (2010) cunhou a expressão “Epistemologias do Sul” para justamente interrogar sobre qual referencial nos direciona quando reconhecemos e valorizamos o conhecimento de uma determinada cultura ou nação, nos termos da racionalidade moderna; quais conhecimentos foram e permanecem colocados à margem, subalternizados e apagados em sua diversidade e em sua própria existência, gerando desigualdades de toda ordem.

Justamente para lidar com a diversidade epistemológica presente no mundo, o autor propõe um novo referencial – o Sul. Segundo ele, uma epistemologia do Sul se assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul (SANTOS, MENESES, 2010, p.15). Entende-se o Sul:

[...] metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que [...] não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). [...] A ideia central é [...] que o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e ou nações colonizadas. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS. MENESES, 2010, p.19)

Trata-se, portanto, de desconstruir o pensamento exclusivamente eurocentrado, de “descolonizar o saber”, de desconstruir significados e compreensões homogeneizantes, tidos como universais, para nos abirmos a jeitos de ser, de viver, de pensar, de organizar e significar a vida dos povos que foram colonizados e sofreram e sofrem a tentativa de europeizá-los ou de se parecer com os europeus (ARAUJO-OLIVERA, 2014, p.90).

A tentativa de europeizar povos não brancos, ou não europeus justificou-se por classificar um determinado tipo de conhecimento, o branco eurocêntrico e cristão como certo ou superior, primeiro com o colonialismo e nos tempos atuais a colonialidade. A visibilidade desses conhecimentos se apoia na invisibilidade das outras formas de conhecer, como explica Boaventura de Sousa Santos ao escrever sobre o pensamento abissal, “os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas” (SANTOS, 2009, p.33) que estão deste lado da linha e acabam desaparecendo, pois, deste

lado da linha “não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos, ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria prima para inquirição científica” (SANTOS, 2009. p.34). Tendo como esse lado da linha os territórios colonizados.

O pensamento abissal, portanto, se organiza por aquilo que conta como legal ou ilegal com a convenção do direito oficial do estado ou do direito internacional, mas acaba deixando de fora o território colonizado, que por estar deste lado da linha, seria impensável como princípio organizador, e assim eliminando “definitivamente quaisquer realidades que se encontrem do outro lado da linha” (SANTOS, 2009, p.34).

O direito regulava o que era considerado certo, ou errado do outro lado da linha, enquanto deste lado linha o mesmo não ocorria. “Tudo que não pudesse ser pensado em termos de verdadeiro ou falso, legal ou ilegal, ocorria na zona colonial” (SANTOS, 2009, p.35). Com isso se era e ainda é permitido matar, saquear, escravizar e desumanizar povos e culturas não europeias.

Por esses motivos, todas as atrocidades cometidas pelos colonizadores durante o processo de invasão, colonização de indígenas, populações negras africanas eram de certa forma legalizados, já que nem se quer eram considerados humanos civilizados, pois o que se considera civilizado está do outro lado da linha, as culturas brancas europeias.

Santos pontua que “historicamente, as linhas globais que dividem os dois lados têm vindo deslocar-se. Mas em cada momento histórico, elas são fixas e a sua posição é fortemente vigiada e guardada” (SANTOS, 2009, p.40). Essas linhas, segundo o mesmo autor, sofreram dois grandes abalos tectônicos, o primeiro se deu com as lutas anticoloniais os colonizados se rebelando contra a exclusão extremamente radical dentro de um paradigma de apropriação e violência, lutando por inclusão no paradigma da regulação e emancipação. Um segundo abalo, começa a partir dos anos de 1970 a 1980 indicando que as linhas globais estão novamente se movimentando, mas que o lado da linha que se expande é o lado da apropriação e violência, enquanto o da regulação emancipação tem enfraquecido, além da existência de uma contaminação interna da dialética da apropriação violência. Portanto, para esse autor:

de forma mais ampla, parece que a modernidade ocidental só poderá expandir-se globalmente na medida em que viole todos os princípios sobre os quais fez assentar a legitimidade histórica do paradigma regulação/emancipação deste lado da linha. Direitos humanos são desta forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir a sua salvaguarda, a vida é eliminada em nome da sua

preservação. Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal como metafórico. No sentido literal, estas são as linhas que definem as fronteiras como vedações e campos de morte, dividindo as cidades em zonas civilizadas (*gated communities*, em número sempre crescente) e zonas selvagens, e prisões entre locais de detenção legal e locais de destruição brutal e sem lei da vida. (SANTOS, 2009, p.44).

Assim sendo, Boaventura de Sousa Santos, propõe o pensamento pós-abissal, que consiste em reconhecer que a exclusão social assume diferentes formas e enquanto essa exclusão enorme persistir não será possível nenhuma alternativa para superar o capitalismo (apropriação/violência), que seja verdadeiramente progressista, caso contrário o pensamento que deveria ser crítico, torna-se derivativo e apenas reproduzem as linhas abissais por mais que se proponha lutar contra. “O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul” (SANTOS, 2009, p.52). Ou seja: partir das nossas vivências, um modelo de educação que valorize nossos conhecimentos, que são produzidos a partir de nossas práticas sociais, dos povos que apesar de colonizados, resistem e existem com sua filosofia, visão de mundo. E isso significa olhar para um referencial teórico que tragam a visão de mundo dos povos oprimidos.

Por isso é que se faz extremamente necessário como aponta (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 47). “abordar categorias como totalidade, exterioridade e exclusão, práxis da libertação, proximidade, diálogo entre outras, na perspectiva do “Sul”, isto é, a partir das condições de vida da população afetada pelos efeitos da colonialidade”.

Trabalhar um referencial teórico que nos possibilita à construção de um caminho para pensar as pesquisas acadêmicas a partir da América Latina, na perspectiva do Sul, discutindo conceitos como: totalidade, exterioridade, exclusão, práxis da libertação, proximidade, diálogo... E só assim desconstruir a forma de pensar da maioria de nós, totalmente eurocentrado devido aos efeitos da colonização. À necessidade de pensar como povos latino-americanos e nos posicionar a partir do lugar da vítima. Construindo conhecimento para se contrapor ao modelo de anunciação da academia que ainda se apresenta como universal, sendo esta forma que conhecemos, construída pelo homem branco europeu (colonizador).

Nos mostra a necessidade de uma convivência para se estabelecer relações de confiança e sempre aberto ao outro, ao diálogo com as comunidades, povos oprimidos.

Diálogo esse que se dão face a face, nos permitindo se constituir subjetivamente e nos humanizando, assim termos à conscientização e práxis da libertação como processo permanente, a vida humana identificada como valor e digna por excelência.

No sistema mundo a totalidade se mantém por exclusão, relações de opressão e violência, sendo a exterioridade, a periferia do mundo, aos seres humanos considerados pela totalidade como o não ser: pobres, migrantes, descapacitados, cultura dominada, aluno, mulher, negros, indígenas, idosos, doentes, ou seja, aqueles, aquelas que são considerados/as os outros/outras, que são diferentes, oprimido, excluído, vítima, instrumento a disposição do projeto hegemônico como nos mostra Sonia Stela Araújo-Olivera (2014).

A exterioridade que dentro do sistema mundo é o outro impedido de ser, mas é também o outro que resiste à totalização instrumental se posicionando contra o sistema, resistindo a um processo que o torna coisa, se posicionando como ser humano, negando a negação.

Dussel, (2017), ressalta a importância de se pensar a partir do lugar do oprimido. Que a filosofia não pensa a filosofia pensa a realidade porque surge da realidade. Assim sendo, devemos pensar nossa realidade a partir de onde nos situamos, latino-americanos/as. Pouco sabemos sobre nós mesmos, nossas filosofias já que desde sempre, dentro da educação básica, assim como na superior, somos apresentados a conteúdos ditos universais que nos leva pensar nossa realidade olhando para a Europa e Estados Unidos, isso porque, toda a estrutura de educação, ainda nos tempos sofre com a colonialidade e o eurocentrismo e, continua nos europeizando.

Portanto devemos pensar a partir da nossa realidade concreta, fortalecendo nossa cultura. Pensar a partir dos seres humanos dominados, mostrando a lógica da dominação, para assim as vítimas se conscientizarem e começar a atuar. Pensar todas as negatividades, partindo da “periferia do mundo” para desarmar um sistema de dominação que nos coloca na condição de não ser, de seres inferiores, onde não temos conhecimentos, apenas credices que de nada servem.

Isso tudo, implica diretamente nos modos de se fazer pesquisa, como escolhemos nosso referencial teórico é fundamental se se tem alguma pretensão de pensar mudanças mesmo que mínimas e buscar por transformações nas estruturas de produção do conhecimento para Araújo-Olivera,

Adota-se uma atitude fenomenológica do momento que ela permite que tomemos como próprio os olhos do povo oprimido, a partir dos de baixo, capitando os olhares, entendimentos, sentires, demandas e lutas das alteridades, isto é, daqueles grupos oprimidos, vitimado, das pessoas e comunidades que sofrem os efeitos de terem colocados à margem, porém que conduzem e organizam sua vida. Ainda sem perder o contexto cultural, social, político em que elas são produzidas e na que esses processos acontecem (ARAUJO OLIVEIRA, 2014, p.55).

Logo não é possível valer-se de uma neutralidade científica se assim o fizer será o mesmo que aderir ao lado do opressor, dos que lutam para manter os oprimidos em regime de opressão apropriação e violência. Acreditamos como (OLIVEIRA, e col. 2014, p. 136) “assumimos como nossa uma postura participativa como pesquisadores e pesquisadoras, compreendendo que todos os que estão implicados na pesquisa são sujeitos do processo de construção do conhecimento”.

A “filosofia da libertação como filosofia crítica cultural precisava gerar uma nova elite cuja ‘ilustração’ iria se articular aos interesses do bloco social dos oprimidos. Portanto, falava-se em uma “libertação da cultura popular”:

Uma delas é a revolução patriótica de libertação nacional, a outra seria a revolução social da libertação das classes oprimidas, e a terceira a revolução cultural. Esta última encontra-se no nível pedagógico, da juventude e da cultura (DUSSEL, 1997 apud DUSSEL, 2016, p.53).

Um caminho para a libertação perpassa então, por um resgate da cultura popular. E *resgatar* significa precisamente *libertar*: manter vivas a cultura popular, as tradições, fonte de vida e criação do povo, trata-se, segundo Dussel, de um processo de “libertação cultural”, que, em perspectiva histórica, não pode se realizar de outra forma que não seja essa, ou seja, apoiando-se na “cultura do povo” (DUSSEL, 1982, p. 269).

Assim, nos permitimos pensar cultura e educação de maneira indissociável no desenrolar dessa libertação. Como aponta Ernani Maria Fiori (1991),

Educar-se é participar ativamente do processo totalizante da cultura, através da qual o homem se faz e se refaz. Radicalmente, é o processo da cultura do povo trabalhador – cultura popular, em seu sentido mais profundo e originário. Somente a partir daí podemos começar a pensar em educação como libertação, como educação não separada do

processo histórico – cultural, reintegrada nele, identificada com ele – processo em que o homem aprende a ser homem, produzindo-se, historicizando-se, isto é, existenciando, responsabilmente, sua situação concreta e sua historicidade essencial (p.93).

Ou seja, este fazer e refazer-se como homem/mulher, como sujeito histórico, capaz de refletir e agir verdadeiramente sobre a realidade no anseio de libertar-se, tal como nos legou Paulo Freire ao tratar da práxis transformadora, compõem a ressignificação necessária dos próprios processos educativos e das práticas sociais que os alimentam – daí a valorização dos saberes populares em detrimento dos eruditos, das tradições subjugadas em detrimento da lógica cultural dominante.

Dussel propõe a transmodernidade como forma de transcendência da modernidade. Essa transcendência só seria possível através da cultura popular, cultura essa que foi em parte colonizada, tendo suas estruturas e valores desprezados, excluídas ou negada. Negando à negação, a cultura popular resiste e existe em silêncio,

Esse desprezo, no entanto, permitiu-lhes sobreviver em silêncio, desdenhadas simultaneamente por suas próprias elites modernizadas e ocidentalizadas. Essa alteridade negada, sempre existente e latente, indica a existência de uma riqueza cultural insuspeita, que renasce lentamente como chamas de carvão enterrado no mar de cinzas centenárias do colonialismo. Essa exterioridade cultural não é uma mera “identidade” substantiva não contaminada e eterna. Ela tem evoluído diante da própria Modernidade; trata-se de uma “identidade” em processo de crescimento, mas sempre como uma exterioridade. (DUSSEL, 2016, p. 62).

A cultura popular então seria anterior à modernidade, não sendo também pós-modernas, pois o pós-modernismo seria apenas à fase final da modernidade. Apesar de ter seus valores desprezados, à cultura popular nunca deixou de existir, sendo assim, contemporâneo à modernidade e a partir de suas raízes transcenderem à modernidade e são, então, transmodernas. Assim sendo, temos a cultura popular como noção chave para à libertação cultural, mas que precisa superar os problemas da libertação que seria: às elites educadas pelo colonizador/ império, os diálogos assimétricos entre cultura popular periférica e de cultura erudita do centro que se distancia do próprio povo.

Dussel (1982, p.277) afirma que a “cultura popular, [...] longe de ser uma cultura menor, é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido contra o opressor”, ou seja, é a forma de manter vivas as tradições, fonte de vida e criação do povo. Existir no sentido amplo da palavra, sem a necessidade de passar por um processo de

assimilação, porque o que é realmente popular só é aceito se passar por um processo de assimilação (Embranquecimento no caso). E isso se deve ao fato de que ainda vivemos em uma estrutura extremamente racista e elitizada. Portanto, necessitamos urgentemente, pensar e agir a partir das margens, dos conhecimentos subalternizados, da exterioridade, pensar outras epistemologias.

Consequente, trazemos à baila, neste momento, o conceito contra-colonial de Antônio Bispo dos Santos (Mestre Nego Bispo, 2015). Descrito por ele como o “processo de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (p.20). Com isso, estabelece uma narrativa que enfatiza a resistência através das lutas em quilombos como: Palmares/AL, Canudos/BA, Caldeirões/CE e Pau de Colher/PI. Deixa claro também que a conservação do poder e o caráter dominador de instituições como o Império Ultramarino Português, a República, o Estado Novo e o Estado Democrático Brasileiro sempre reprimiram organizações que se estruturavam com outras cosmovisões, de cunho politeístas e que organizam diversas formas de vida,

sentiam-se ameaçados [...] pela força e sabedoria da cosmovisão politeísta na elaboração dos saberes que organizam as diversas formas de vida e de resistência destas comunidades, expressas na sua relação com os elementos da natureza que fortalece estas populações no embate contra a colonização. (BISPO DOS SANTOS, 2015. p.49)

O pensamento contra-colonial, é a contraposição de um modo de pensar colonizador, porque enquanto o pensamento colonialista é vertical, retilíneo, linear, o pensamento quilombola, por sua vez, é circular, que não tem fim, “começo, meio e começo” (MARTINS, et al, 2019, p. 76). Então, a contra-colonização é um posicionamento de luta, de enfrentamento ao Estado colonialista.

Tendo como uma das ações o compartilhamento de saberes orgânicos. A contra-colonização, procura evidenciar e reconhecer os múltiplos mundos, sendo essa forma de se portar no mundo, um caminho para de superação da crise atual que vivenciamos, olhando para as epistemologias negras e indígenas, buscando nas experiências desses povos, seus métodos e linguagens, lutando contra a perda da diversidade imposta pela modernidade na sua forma de habitar.

Portanto, o debate contra-colonial destaca,

as críticas e manifestações afro-indígenas desafiando a geopolítica do saber que privilegia saberes eurocentrado. Intelectuais/mestres negre-indígenas de todo o mundo denunciam que o cenário das grandes crises atuais foi criado com o colonialismo: exploração de humanos e não-humanos, divisão e exploração humana sustentada pela noção de raça, crise ambiental, valorização a partir do trabalho e sua precarização, militarização das relações humanas. Em meio ao atual antrope-cego, comospolíticas negras-indígenas são um ser-sendo no mundo ontologia combativa (LOBO, 2021, p. 14).

Com isso, visamos o fim da colonialidade, desaprendendo e reaprendendo outros saberes, outras epistemologias.

O debate contra-colonial envolve o saber prático dos povos das florestas que se insurge contra a abstração pretensamente neutra do universalismo ocidental. Vejamos, por exemplo, como o movimento quilombola e os povos indígenas têm levantado interrogações profundas e necessárias sobre a oposição ao projeto colonial, rogando por uma postura que seja explicitamente contra-colonial (MANTELLI et al, 2021, p. 394).

Evidencia-se a importância de questionar o sistema jurídico já que este também se constituiu dentro do paradigma colonial e assim, sujeitos colonizados e que estão na luta contra-colonial, possuem espaço de fala limitado, tendo pouco ou nenhum poder dentro dessa estrutura comandada majoritariamente por homens e mulheres brancas e que são perpassados pela lente colonizada, com isso reproduzem o racismo estrutural que se perpetua na sociedade brasileira e por isso é “forçoso reconhecer que na atualidade, há, por um lado, uma nítida legitimação de vantagens sistemáticas para pessoas brancas, e, por outro lado, desvantagens sistemáticas para pessoas não-brancas” (MANTELLI et al, 2021, p. 398).

Esta luta epistêmica perpassaria também pelas esferas jurídicas uma proposta de formular pensamentos críticos, uma maneira de descentralizar os discursos de mundo do colonialismo, colocando, dentro da produção de conhecimento, perspectivas plurais de

enxergar o mundo e todos seus problemas sociais, econômicos e políticos (MANTELLI et al, 2021).

Tal ação permitiria contemplar a participação e inclusão política do povo preto, quilombola, indígenas, assim como os povos da floresta de maneira geral. Segundo Ricardo Pazello (2014), citado por (MANTELLI et al, 2021, p. 409).

A forma jurídica dependente e atípica sinaliza para o espelho côncavo das formas sociais – de superexploração – na periferia do sistema. Em face disto, a organização dos movimentos populares suscita, conscientemente ou não, relações complexas que demandam, a um só tempo, reivindicação e contestação do direito. Nada mais nada menos que a fórmula de ação política dentro e contra a ordem. O direito insurgente, portanto, imprime a esta relação a possibilidade dos usos do direito, os quais chamamos de políticos, mas que devem ser disciplinados sob um trato tático, já que a estratégia jurídica leva aos normativismo e universalismo que tanto esculpe a cabeça dos juristas conservadores. Um uso tático do direito é possível, então, tendo em vista uma estratégia de transição que é, por consequência, uma estratégia de extinção das formas jurídica, mercantil e de valor. Somente sob este ponto de vista é que os usos insurgentes do direito se fazem coerentes, em suas dimensões de combate, de releitura, de assimetria ou mesmo de dualidade e de negação. A construção do novo – que não rejeita alguma normatividade possível, mas sim a jurídica – requer a inclusão de novos modos de vida comunitários e o direito desempenha um papel reativo aqui (PAZELLO, 2014, p. 495).

Por conseguinte, é imprescindível para o debate contra-colonial questionar as bases fundantes do direito, haja vista as desigualdades causadas por esse sistema no qual reforça a criminalização de movimentos sociais, da existência dos povos não brancos no Brasil.

A PRÁTICA SOCIAL DO KILOMBO TENONDÉ: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE EM UMA PRÁXIS AFRO-BRASILEIRA



*Figura 3 Entrada do Kilombo*¹³

O kilombo Tenondé, foi fundado e é também coordenado pelo mestre de Capoeira Angola, Cinésio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Na sua trajetória, trabalhou como policial, fotógrafo e vendedor de rua. Com um histórico dentro da Capoeira, Cobra Mansa iniciou a prática da Capoeira em 1973, junto com Mestre Josias da Silva e Raimundo no Rio de Janeiro, mais precisamente em Duque de Caxias, em 1974 começou os estudos da Capoeira Angola junto ao Mestre Moraes. Próximo a esse mestre, começou organizar o Grupo Capoeira Angola Pelourinho (GCAP).

¹³ Foto de Åsa Gustavii

Após sua saída do GCAP e criação da Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA), Mestre Cobra Mansa mudou-se para os Estados Unidos, onde abriu uma escola em *Washington DC*, em 1994. Posteriormente passou a atuar como professor adjunto na *George Washington University*. Em 2004, deixou os EUA e voltou a residir em Salvador, no Brasil, criando o Kilombo Tenondé (SILVA FELIX, 2014).

Em meados de 2004, mestre Cobra Mansa comprou as terras onde se encontra o Kilombo Tenondé. Essas terras pertenciam a uma família de pessoas negras e uma parte de sua terceira geração ainda vive no local. Sr. Brasilino é o mais velho, pai de Abel, Dadai e Josenilto, conhecido por Dó, que se tornou aprendiz de Capoeira do mestre Cobra Mansa e seu principal parceiro nos trabalhos de permacultura, agroecologia e gestão do Kilombo (FERRARI, 2018).

A semente do Kilombo Tenondé foi plantada há vários séculos nos quilombos do Brasil. Durante a colonização, o povo africano organizou comunidades autossustentáveis de resistência contra a escravidão e a opressão, baseado nos princípios fundamentais da ideologia africana. Apoiados pelos nativos do Brasil e europeus exilados, os quilombos tornaram-se uma grande comunidade de resistência contra o sistema colonial.

O Kilombo Tenondé é um quilombo moderno que busca resgatar a filosofia a importância histórica dos quilombos brasileiros. Reconhecendo a existência de novas formas de opressão na sociedade moderna e industrializada, ele proporciona às vítimas de tal opressão oportunidades de fuga. Seu objetivo maior é estimular a criatividade, o pensamento construtivo e resgatar os verdadeiros valores de convivência humana e harmonia com a natureza que, cada vez mais, vêm sendo esquecidos pela sociedade¹⁴.

¹⁴ Informações retiradas <<Kilombohttps://kilombotenonde.net/quemsomos/>> Acesso em: 31/10/2022

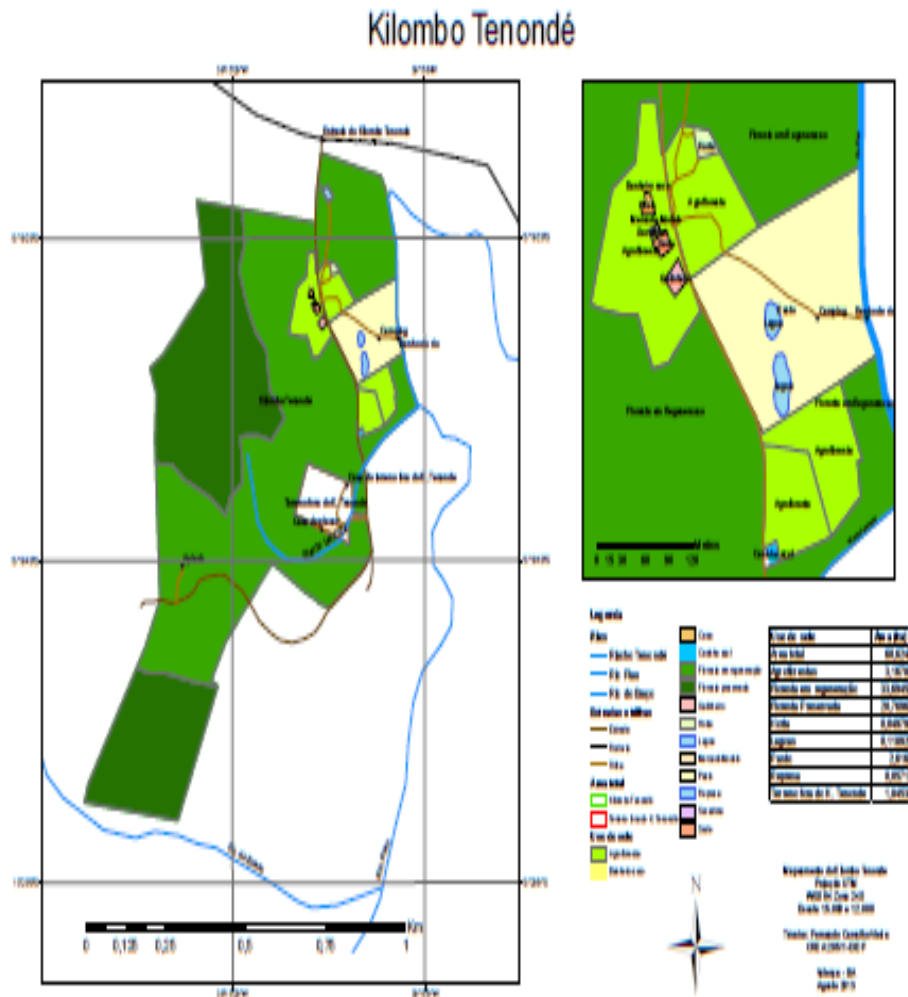


Figura 4 Mapa do Kilombo¹⁵

Sara Abreu Machado (2016), destaca que a criação do Kilombo Tenondé A semente da ideia foi plantada anos antes pelo livro Quilombismo (NASCIMENTO, 1980) sobre o qual Cobra Mansa diz: “[o autor] tinha esse conceito de um lugar onde as pessoas

¹⁵ Abayomi M. Silva Félix (2014), juntamente com o Engenheiro Florestal Fernando Carvalho, com a utilização do GPS e do *software* ArcGis, após a coleta das coordenadas geográficas referentes ao perímetro do local, construíram um mapa da área do Kilombo Tenondé, no qual são apresentadas informações relativas ao uso e ocupação do solo.

pudessem viver e fazer coisas juntos. O nome, Kilombo Tenondé, em guarani, significa o primeiro, o que vem na frente. A referência aos quilombos, por sua vez, algo comum entre os grupos de Capoeira Angola, remete à resistência cultural dos africanos escravizados no Brasil, o que podemos relacionar ao fenômeno do Quilombismo, ou seja, uma tentativa de construção de um mundo melhor para os africanos nas Américas e o entendimento de que esta luta não pode ser separada da libertação mútua dos povos indígenas. Portanto, “a continuidade dessa consciência de luta político social” (NASCIMENTO, 2019, p. 282)

O modelo quilombista vem atuando como ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV. Nessa dinâmica quase sempre heroica, o Quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico, (NASCIMENTO, 2019, p.282)

O Kilombo Tenondé está localizado no povoado de Bonfim, cidade de Valença, no interior do estado da Bahia. Esta comunidade se pauta nos princípios de: encontro entre cultura e natureza; manutenção da ancestralidade que, nas culturas de matriz africana e indígena, está relacionada ao encontro com a Natureza como lugar sagrado; relações coletivas marcadas pela solidariedade, pluralidade e integração; valorização do corpo, como lugar sagrado e cultural; noção holística de desenvolvimento humano, onde corpo e mente, espírito e meio natural estão integrados.

o Kilombo Tenondé se inspira na filosofia e na importância histórica dos quilombos e se propõe a seguir os princípios atribuídos aos quilombos de forma a atualizá-los e ampliá-los, buscando alternativas de vida mais ecológicas, voltadas para a sustentabilidade e o fortalecimento das tradições culturais afro-brasileiras. Busca, nesse sentido, manter a diversidade de culturas plantadas, conhecer e respeitar a natureza ao cultivar os alimentos, o trabalho coletivo, voltado para as necessidades de toda a comunidade, juntamente com o convívio com a diversidade cultural, a troca de conhecimentos e saberes diversos e o sentido de resiliência diante do sistema (MACHADO, 2016, p.48-49).

Por isso, destacamos que o Kilombo Tenondé é uma práxis afro-brasileira, multidisciplinar, multirreferencial, socioambiental criado inspirado no Quilombismo. Entendendo *prática social* como “ação humana intencional que se estabelece em relação ao mundo que a presentifica”, e que se constitui, assim, “enquanto realidade histórico-cultural” (TAFURI; GONÇALVES JUNIOR, 2017, p. 42), para decodificar e analisar suas manifestações (ideias, concepções, instituições) é fundamental considerar e valorizar suas especificidades em contextos situados no tempo e no espaço, mas também a diversidade que caracteriza a ação humana em sua relação com o mundo.

Ao participar de práticas sociais como a do Kilombo Tenondé, compreendemos que as pessoas participantes se apropriam de valores e conhecimentos ali construídos e compartilhados. Não só se apropriam, mas elaboram, criam, recriam e ampliam esses conhecimentos, assim como lidam com eventuais conflitos e a resolução destes, através do diálogo e o trabalho em conjunto.

Segundo Oliveira *et al.* (2014):

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes [...] em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (p. 33).

E acrescentamos, concordando com Diogo Tafuri e Luiz Gonçalves Junior (2017), que práticas sociais são essencialmente intersubjetivas, geradoras de “processos educativos que se projetam no tempo-espaço a partir de situações gnosiológicas problematizadoras da realidade social” (p.41).

A prática social do Kilombo Tenondé, se configura como um espaço de luta contra o colonialismo e a colonialidade, convergindo com a afirmação de Nolasco (2019) que entende ser fundamental o “[...] resgate de dimensões epistêmicas e humanas ausentes do espaço hegemônico, e apresentadas como alternativas ao esgotamento da modernidade” (p. 199), constituindo-se, na verdade, como muito mais que um resgate, mas uma afirmação do modo de produção de conhecimento do povo afro-brasileiro. Por resistir, afirmando-se, permite valorizar sua visão de mundo, fortalecendo diálogos horizontais, que denunciam a tentativa de invisibilização da cultura e do modo de vida

próprio do povo negro, bem como a luta contra o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado, possibilitando assim um grande reconhecimento da diversidade de experiência e conhecimento de mundo (SANTOS, MENESES, 2009).

No seio do Kilombo Tenondé o cotidiano está voltado ao manejo sustentável da terra, bem como atividades voltadas para as raízes culturais de seus residentes, necessárias à formação da identidade grupal e individual, incluindo as práticas sociais da Capoeira Angola e da permacultura.

A proposta do Kilombo Tenondé, a associação entre a Capoeira Angola, manifestação da cultura de matriz africana, e a permacultura, agroecologia, acontece com o intuito de justamente estreitar as relações dos seus praticantes com o mundo natural, visando uma formação humana holística, harmônica, no resgate de modos de vida de culturas tradicionais. *Resgatar* significa precisamente *libertar*: manter vivas a cultura popular, as tradições, fonte de vida e criação do povo, trata-se, segundo Dussel (1982) “de um processo de libertação cultural, que, em perspectiva histórica, não pode se realizar de outra forma que não seja essa, ou seja, apoiando-se na cultura do povo” (p. 269).

Assim, nos permitimos pensar cultura e educação de maneira indissociável no desenrolar dessa libertação. Fiori (1991) observa que:

Educar-se é participar ativamente do processo totalizante da cultura, através da qual o homem se faz e se refaz. Radicalmente, é o processo da cultura do povo trabalhador – cultura popular, em seu sentido mais profundo e originário. Somente a partir daí podemos começar a pensar em educação como libertação, como educação não separada do processo histórico-cultural reintegrada nele, identificada com ele – processo em que o homem aprende a ser homem, produzindo-se, historicizando-se, isto é, existenciando, responsabilmente, sua situação concreta e sua historicidade essencial (p. 93).

Ou seja, este fazer e refazer-se como homem e mulher, como sujeito histórico, capaz de refletir e agir verdadeiramente sobre a realidade no anseio de libertar-se, tal como nos legou Paulo Freire (2009) ao tratar da práxis transformadora, compõem a valorização dos saberes populares, das tradições subjugadas em detrimento da lógica cultural dominante.

A proposta desta pesquisa, nesse sentido, está ancorada na perspectiva de tomar a cultura afro-brasileira como elemento fundamental para a transformação, para a

construção de um processo futuro de libertação cultural e para uma educação libertadora, deslocando o referencial epistêmico hegemônico para uma abordagem *suleada*¹⁶ – afro-indígenas, combatendo assim, a tentativa de europeizar povos não brancos, ou não europeus que se justificou por classificar um determinado tipo de conhecimento, o branco eurocêntrico e cristão como certo ou superior, primeiro com o colonialismo e, nos tempos atuais, com a colonialidade. A visibilidade desses conhecimentos se apoia na invisibilidade das outras formas de conhecer.

Desde 2007 que os encontros no Kilombo tinham o nome de Permangola, com o objetivo de integrar a filosofia da Capoeira angola com a ética e os princípios da permacultura, visando proporcionar o desenvolvimento humano de forma holística, trabalhando a junção da permacultura e da Capoeira Angola, quando no ano de 2017, houve o encontro entre Nego Bispo e Mestre Cobra Mansa. Segundo Nego Bispo, não trazia a dimensão do trabalho que vinha sendo realizado no Kilombo e que em vista disso o nome Permangola não representava o trabalho que vem sendo desenvolvido dentro do Kilombo, entendendo a permacultura como um elemento colonialista, “detonei a permacultura como uma forma de expropriar o saber do povo e depois vender o saber para o povo. E não é só expropriar! É expropriar, mudar de nome e depois vender” (MARTINS et al, 2019, p. 81). Por isto, desde a edição de 2020 o encontro passou a se chamar Cosmoangola, nome proposto por Mestre Nego Bispo, na fala dele:

A cosmoangola já é hoje um princípio filosófico da Capoeira angola e das relações da Capoeira angola com outros movimentos. Aí que está a história da fronteira e é isso que eu estou propondo, isso que para mim é a confluência. Cobrinha precisa de um título de doutor? Precisa! Para assinar projeto, para ter uma grana. Mas Cobrinha precisa de um título de doutor para fazer Capoeira? Não. Então é a arte de transformar a arma em defesa. É isso que nós estamos propondo: fluência e fronteira (MARTINS et al, 2019, p. 81).

Por assim ser, o Kilombo Tenondé e o Cosmoangola, se configura como um espaço em que “assim como terreiros de Candomblé, quilombos e outros espaços de

¹⁶ O termo *Sulear* problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo nortear (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior).

saberes orgânicos, são escolas próprias, onde mestres e mestras estão contra-colonizando e repassando saberes” (ANDRADE, 2021, p. 43).

Os saberes compartilhados foram construídos há vários séculos pelos povos submetidos ao colonialismo. Conhecimentos que geram foça para existir dentro de uma sociedade organizada para impedir sua existência.

Meu primeiro contato com o Kilombo Tenondé foi em 2017, justamente participando do Encontro Permangola. Busquei, nesta inserção, uma aproximação para conhecer o local, vivenciar as atividades propostas e dialogar com o coordenador do Kilombo. Descobri, naquele momento, tratar-se o Kilombo Tenondé de um centro de atividades agroecológicas que fundamentalmente envolve, de maneira integrada, Capoeira Angola e Permacultura, e que tem como práxis reconhecer a filosofia e a importância dos quilombos formados no Brasil, estimulando a criatividade, a compreensão holística do mundo e os valores de convivência humana harmônica com a natureza (KILOMBO, 2017).

No Encontro Permangola participam pessoas de várias partes do Brasil e do mundo, e nele há a possibilidade de que os/as capoeiristas conheçam os princípios da Permacultura e, ao mesmo tempo, que pessoas envolvidas com a permacultura e ações ecológicas conheçam fundamentos da Capoeira Angola, proporcionando uma interação entre os/as participantes. São oferecidos no encontro minicursos, palestras, vivências e atividades diversas de formação e introdução em sistemas de bioconstrução (adobe, bambu, madeiras e materiais recicláveis), agricultura (manejo de agrofloresta, criação de hortas orgânicas em formato de mandalas), criação e manejo de abelhas, alimentação natural com produtos locais, energias renováveis, construção de instrumentos, dança, yoga e Capoeira Angola (KILOMBO, 2017).

Observamos que, conforme preceitos da linha Práticas Sociais e Processos Educativos:

Inserimos nossas pesquisas num entendimento de ciência com compromisso social e na intencionalidade de um projeto de sociedade equânime, colocamo-nos o desafio de nos construirmos educadoras e educador das/nas relações étnico-raciais, de combatermos o racismo e as discriminações em nossas pesquisas, no nosso fazer cotidiano, na e para a diversidade (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013, p. 43).

Assim, visamos também conhecer e reconhecer a diversidade epistemológica existente no mundo a partir de práticas sociais marginalizadas. Outro destaque está no respeito aos saberes dos colaboradores/as do estudo, aqueles/as que vivenciam uma dada prática social e, portanto, podem falar sobre ela. Com aproximação respeitosa junto a cada participante, fomos convidando-os/as a nos conceder entrevista, mediante seu interesse e assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e a partir da convivência construída em momentos de interação numa atividade ou outra da qual participamos. Observando que entendemos,

A convivência se aprofunda pela comunhão de mentes e corações. [...] As pessoas começam a se envolver, a criar laços, a se tornarem amigas e objetivamente se amam. As mentes e os corações vibram juntos. Constitui-se um elo de coesão que só pode ser bem expresso pela categoria comunhão. Ela inclui dimensões bem concretas de solidariedade, de mútuo apoio e de sentimento de co-pertença que vão além da simples participação (BOFF, 2006, p. 36).

Seguindo esse caminho, premissa da linha de pesquisa Práticas Sociais e processos Educativo é que no ano de 2020, foi realizada a coleta de dados junto aos participantes do permangola.

REVISÃO DE LITERATURA

Buscando melhor situar a temática no campo acadêmico, perante produção mais recente realizamos uma revisão de literatura composta por duas buscas: de artigos, pela plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e de Teses e Dissertações, pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Restringimos tal prospecção aos últimos seis anos, portanto, entre 2016 e 2021, para ambas as bases de dados, foram utilizadas as palavras chaves: Capoeira e permacultura, separadamente.

Na busca feita no SciELO, com a palavra-chave Capoeira, foram encontrados 12 artigos, após lidos: títulos, resumos e palavras-chave, não identificamos nenhum artigo que se relacionasse com a pesquisa desenvolvida, pois apesar de trazer a palavra-chave Capoeira, não tinham relação direta com o tema de nossa investigação, por estarem relacionados com contexto escolar, esporte e música.

Já na procura usando a palavra-chave permacultura na mesma plataforma (ver tabela 01), foram encontrados oito artigos, os quais embora não possuam relação direta com a pesquisa em desenvolvimento, apoiam a compreensão. Destes, foram lidos todos os resumos. O primeiro intitulado, *Construindo Confiança em Plataformas Digitais Para Partilhar Estilos de Vida Colaborativos em Contextos Sustentáveis*, de (LEITINHO et al, 2021), realizou, um estudo multicasos e documental dos termos e políticas divulgados por estas plataformas digitais. Estes documentos reguladores foram submetidos a uma análise de conteúdo com auxílio dos softwares *Iramuteq* e *MAXQDA*. Desta análise emergiram 20 diretrizes, em três categorias: “práticas e condutas”; “condições”; e “segurança e privacidade”, que podem orientar os utilizadores e as plataformas na intenção de construir relações de partilha mediadas digitalmente de forma transparente e confiável.

O segundo La permacultura como fundamento del ordenamiento territorial. Propuesta de Desarrollo Sostenible en Cerro Colorado, Arequipa. Pesquisa de Darci (2021), procurou analisar a incorporação dos valores da permacultura para o desenvolvimento de um habitat, concluindo que, entre outros aspetos, não há apoios à agricultura e que não existem planos de desenvolvimento habitacional.

Já o terceiro artigo, *Comunidad de prácticas y aprendizajes verdes. El caso de una cooperativa de Arte Permacultura*, de Belén et al (2020), aborda a questão das

comunidades de prática numa cooperativa de arte e Permacultura. As contribuições da teoria situada da aprendizagem, da Economia Social e da Permacultura, permitiram-nos pensar nas cooperativas como espaços de interações socio comunitárias que promovem a educação e a aprendizagem para a sustentabilidade da vida. Neste contexto, a prática, cooperação e participação adquiriram transcendência para a Co construção de identidades e para um desenvolvimento partilhado do domínio, interesses e trajetórias, reconhecendo no seio da cooperativa a possibilidade de reconhecer a diversidade de trajetórias, de aprendizagens e no processo de cooperação.

Vemos no quarto artigo, um estudo que buscou mapear os Curso de Design Permacultura no Brasil e discutindo o diálogo com a educação ambiental crítica. Foram encontrados 38 grupos que oferecem PDCs e 210 educadores/as atuantes no Brasil, cujos dados permitiram compreender seu perfil quanto a gênero, à raça/etnia e à renda (classe social), assim como discutir os propósitos desses cursos e a popularização da permacultura. As análises nos permitem dizer que o ensino de permacultura no Brasil se configura como um campo de disputa, com ações de caráter contraditório e heterogêneo (FOSSALUZA et al, 2020).

O quinto artigo, está ligado a durabilidade de materiais naturais de construção e por não ter nenhuma proximidade com a temática optamos por descartá-lo. Já o sexto artigo, Magia, visão e ação, escrito por Starhawk (2018), traz as visões de mundo indígenas como forma de enfrentamento às crises social e ecológica, pensando a permacultura como um modo de suprir as necessidades humanas sem prejudicar o mundo natural, que ao invés de destruir o mundo, o ajuda a se regenerar, considerando que tudo no mundo é relacional e que precisamos retornar a ideia de comunidade, nos explica ela que:

Precisamos situar novamente os locais onde produzimos as coisas, especialmente a comida, mas também a energia e os materiais e o que as pessoas necessitam, e basear as nossas iniciativas novamente na ideia de comunidade, em vez de pensar que podemos apenas ir de um lado para o outro do mundo, fugindo dos padrões de proteção ambiental e trabalhista. E precisamos compor uma comunidade para que nós, seres humanos, tenhamos senso de conexão, para que nossa satisfação se origine menos do ato de consumir e mais do fato de estarmos nos relacionando; para que, em vez de sermos ricos em quantidade de coisas, possamos ser ricos em tempo para nos conectar com nossos amigos e com nossa família e compartilhar cerimônias, histórias e refeições juntos, para fazer as coisas que alimentam nosso coração, nossa alma e nossa união. Se há uma palavra que é um antídoto para a

mudança climática, essa palavra é comunidade (STARHAWK, 2018, p. 64).

Construções que vai ao encontro das propostas organizadas dentro do Kilombo Tenondé, pensando nas culturas originárias e seus modos de se relacionar com o mundo e com as pessoas.

O sétimo artigo, analisava os efeitos de fertilizantes inorgânicos numa plantação de brócolis no Equador e por não ter nenhuma proximidade com o trabalho desenvolvida, também foi descartado.

María Eulalia e García Marín (2015), no oitavo artigo, indicam que a permacultura criada por Bill Mollison e David Holmgren em 1978, traz um aporte para uma ética ecológica, descreve que o ponto central da permacultura é a ética, a qual se baseia no cuidado da terra, o cuidado da gente e a geração de excedentes em tempo, dinheiro e energia.

Uma ética básica da vida no que se propõe um estilo de vida diferente, baseado numa cultura que permanece no tempo em harmonia com a natureza, o que redundará num compromisso com a terra, com o fim de conservá-la.

TABELA 1– ARTIGOS COM A PALAVRA-CHAVE PERMACULTURA DA PESQUISA REALIZADA NA PLATAFORMA SCIELO BRASIL.

Nº	Título do artigo	Autor/a	Ano de publicação	Área	Assuntos
01	Construindo Confiança em Plataformas Digitais Para Partilhar Estilos de Vida Colaborativos em Contextos Sustentáveis	Raissa Karen Leitinho; Ana Carla Amaro; Vania Baldi	2021	Comunicação e sociedade	plataformas digitais, partilha, estilos de vida colaborativos, confiança, sustentável

02	La permacultura como fundamento del ordenamiento territorial. Propuesta de Desarrollo Sostenible en Cerro Colorado, ArequipaCerro Colorado, Arequipa	Darci Gutiérrez Pinto	2021	Estudios municipales	Geografía regional; Desarrollo urbano; Sostenibilidad; Agricultura urbana
03	Comunidade de práticas e aprendizagens verdes. O caso de uma Cooperativa de Permacultura Artística	Rocío Belén Martín; Danilo Silvio Donolo ; Ana Cugini	2020	Cooperativismo e desenvolvimento	cognição situada; compromisso; identidade; participação; trajetória
04	O Ensino de Permacultura no Brasil: o papel dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e as contribuições da Educação Ambiental Crítica	André Santachiara Fossaluza; Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis	2020	Ciência e Educação	Permacultura; Agricultura socioambiental; Educação ambiental; Sociedade sustentável
05	Descartado	Descartado	Descartado	Descartado	Descartado

06	Magia, visão e ação	Starhawk	2018	Estudos brasileiros	Espiritualidade centrada na Terra; permacultura; vida interconectada; ativismo.
07	Descartado	Descartado	Descartado	descartado	Descartado
08	La permacultura como aporte a la ética ecológica	García Marín, María Eulalia	2015	Ecologia	Permacultura, ética da terra, colaboração, excedente.

Na investigação realizada na BDTD, pesquisando somente com a palavra-chave permacultura encontramos 19 dissertações e 07 teses. Feita a leitura dos títulos, resumos e palavras chaves, não identificamos nenhuma dissertação que se relacionasse com o tema de nossa investigação, pois estas têm relação com sustentabilidade, gestão social e ambiental e foram desenvolvidas em ecovilas.

Das sete teses encontradas, apenas uma se relaciona com o trabalho de pesquisa desenvolvido por se tratar de reconstruir saberes ancestrais e articular estratégias de sobrevivência de uma etnia indígena. Procurando com a palavra-chave Capoeira encontramos 14 dissertações, destas, selecionamos sete (ver tabela 2), as demais foram descartadas por tratarem de espaços escolares, formação de professores, terceira idade, lúdico, musicalização.

As teses encontradas, com a palavra-chave Capoeira, sete no total, também foram descartadas, pois não se relacionam com o tema pesquisado neste projeto, que tem por objetivo investigar os processos educativos do “Permangola”.

Quando utilizados os descritores, Capoeira e permacultura juntos foram encontradas duas teses de doutorado dos anos de 2016 e 2018, e uma dissertação do ano de 2014, estas se relacionam diretamente com nossas investigações (ver tabela 1 e 2).

Tabela 2 – Dissertações com a palavra-chave Capoeira da pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Nº	Título da dissertação	Autor/a	Ano de defesa	Área	Assuntos
01	Permacultura e Capoeira Angola: Análise de redes sociais e estruturação de Unidades Demonstrativas na nova pñater	Abayomi Mandela Silva Felix	2014	Permacultura, Capoeira Angola, Redes Sociais, Capital Social, Unidades Demonstrativas, Extensão Rural, Assistência Técnica, comunidades quilombola	Permacultura, Capoeira Angola, Redes Sociais, Capital Social, Unidades Demonstrativas, Extensão Rural, Assistência Técnica, comunidades quilombola
02	Africanidades no ritual das ladainhas de Capoeira Angola: pretagogias e produção didática no quilombo	Rafael Ferreira Silva	2015	Educação	Capoeira Angola. Uso de ladainhas. Marcadores das africanidades. Pertencimento Afro quilombola. Pretagogias.
03	Capoeira & Educação: produção do conhecimento em jogo	Ábia Lima de França	2018	Educação	Capoeira. Educação. Produção do conhecimento.
04	Da escola da Capoeira para o jogo da vida: os processos educativos vivenciados por seus praticantes	Ludimar Paulo Pereira	2018	Educação	Capoeira. Estudo e ensino. Aspectos sociais. Psicologia educacional. Dança na Educação.

05	Entrando no jogo: reflexões sobre os saberes docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino de Capoeira na escola.	Rayanne Medeiros da Silva	2018	Educação Física	Capoeira. Ensino. Tradição. Educação Física escolar.
06	“Escute seu mestre menina...” O ambiente gingado e narrado a partir da Capoeira Angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e Educação Ambiental.	Anastácia Schroeder	2017	Educação	Ambiente. Educação Ambiental. Capoeira Angola. Corpo. Cultura.
07	Canjerê: uma performance cartográfica em patrimônio cultural, educação e africanidades.	Alessandra Regina Gama	2016	Educação	Ibaô. Capoeira. Africanidades. Patrimônio cultural. Processos Educativos.
08	Mulher na roda: experiências feministas na Capoeira Angola de Porto Alegre.	Viviane Malheiro Barbosa	2017	Educação	Experiência. Mulher. Capoeira Angola. Educação.

Tabela 03 – Teses com as palavras-chave Capoeira e permacultura da pesquisa realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Nº	Título da tese	Autor/a	Ano de defesa	Área	Assunto
01	Baobá na encruzilhada: ancestralidade, Capoeira angola e permacultura	Sara Abreu da Mata Machado	2016	Difusão do conhecimento	Cultura. Conhecimento. Ancestralidade. Capoeira angola. Permacultura.
02	Na semente já existe um Baobá: Capoeira, educação ambiental e transformação socioambiental	Maíra Miller Ferrari	2018	Ciências Ambientais	Capoeira. Práticas sociais afro-brasileiras. Processos educativos. Epistemologias. Relação mestra (e) /aprendiz.

Nas dissertações localizadas na revisão de literatura feita com a palavra-chave Capoeira listadas na tabela 02 observamos que estas trazem um conhecimento que é produzido dentro dos grupos de Capoeira angola voltadas para valores que remetem a sua raiz africana, como o conceito de pretagogia, entendido como um conjunto de práticas assentadas em valores de cosmovisão africana como a ancestralidade, a tradição oral, o corpo enquanto fonte espiritual e produtor de saberes, a valorização da natureza, a religiosidade, a noção de território e o princípio da circularidade. No trabalho desenvolvido por Silva (2015), “Africanidades no ritual das ladainhas de Capoeira angola: pretagogia e produção didática no quilombo”, ele afirma que:

A pretagogia fortalece sim o pertencimento afro, ela empodera as pessoas pelas africanidades. As pessoas quilombolas receberam, gostaram, participaram das oficinas, no início tive que cativar seduzir os participantes. Exemplo do fortalecimento afro foi a Sueli se apresentar como “mulher guerreira” Rainha Mãe, e dona Dalva “sou quilombola e tenho prazer de ser do quilombo com toda minha família” com o orgulho quilombola vindo à tona e a Sueli na exclamando “Tenho

orgulho de ser quilombola, temos que mostrar o que a gente é” são demonstrações fortes do pertencimento afro propiciado pela experiência (p. 131).

A pretagogia, portanto, atesta para uma forma de conhecimento ligada ao modo de viver de populações quilombolas e de todas as manifestações de matriz africana, ligada a uma visão de mundo holística, auxiliando também para a construção e fortalecimento do pertencimento afro.

Ábia França (2018) avaliou a produção do conhecimento relacionado à Capoeira com o foco em teses e dissertações que entrecruzam Capoeira e educação, produzidas nos Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual da Bahia (UNEB), defendidas entre os anos de 1998 e 2017, para analisar as concepções teóricas sobre Capoeira e educação nas dissertações e teses com o intuito de identificar as produções científicas sobre Capoeira.

Nesta busca, foram encontradas pela pesquisadora 48 produções em 14 diferentes programas de Pós-Graduação, demonstrando pesquisas com Capoeira em programas variados.

A pesquisa desenvolvida por Ábia França (2018) aponta para uma grande produção científica com a temática Capoeira e educação, realizando abordagens diversas, discutindo as controversas do surgimento da Capoeira, dicotomia entre Angola e regional e os ícones destas duas vertentes da Capoeira. A participação e permanência das mulheres nestes ambientes masculinizados. Uma baixa produção de trabalhos envolvendo inclusão de pessoas com necessidades especiais e no que diz respeito à internacionalização da Capoeira que hoje é praticada em mais de 150 países, mas ainda assim, velhos mestres continuam morrendo na miséria dentro do sistema capitalista.

O estudo permitiu entender o significado e sentido da Capoeira para os (as) pesquisadores (as) que vai além de jogo, luta e dança; é entendida também como comércio, religião, arte, teatro, defesa pessoal, filosofia, entretenimento, manifestação multifacetada que traz inúmeras contribuições no processo de ensino e aprendizagem do sujeito social (FRANÇA, 2018, p. 148).

Apesar de trazer todas essas considerações sobre a Capoeira, importante para o entendimento do fenômeno, notamos que nos resultados encontrados pela autora em sua

pesquisa, com os 48 trabalhos selecionados, não há discussões sobre o racismo, que leva ao branqueamento da prática e todo o modo de educar e educar-se nos rituais da Capoeira.

O trabalho de Pereira (2018) enfatiza as redes de ligações entre grupos de Capoeira, redes inventivas, os processos educativos e a produção dos saberes, construindo um diálogo com a teoria dos afetos de Spinoza. Para esse autor “os afetos são efeitos das afecções entre corpos. O encanto entre os corpos pode ser considerado “bom”, quando aumenta a nossa potência de existir, ou “mau” quando diminui” (p. 2). Desta forma a Capoeira seria então um modo de afetar e ser afetado pelos encontros.

No campo da Educação Física escolar, Silva (2018) procura dialogar sobre os diferentes saberes construídos, procurando entender como a produção do conhecimento em Educação Física se organiza para propor o ensino básico da Capoeira e se considera os saberes das tradições enunciados pelos mestres. Silva (2018), conclui que:

Neste sentido, consideramos que há limites a serem superados quanto ao trato pedagógico da Capoeira para sua implementação na escola. Limites estes que perpassam a linha tênue entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais. Para nós, essas duas perspectivas de enxergar e desenvolver a Capoeira só são potencializadas quando juntas (p. 102).

Schroeder (2017), parte das relações possíveis entre corpo, cultura e ambiente, propondo pensar uma Educação Ambiental como práxis corporal e cultural a partir da Capoeira Angola. Com esse movimento, traz a cosmovisão de povos africanos e em diáspora, que “fusionam tudo o que a lógica da civilização ocidental cristã dividiu: reino humano, animal, vegetal e mineral” (p. 42). Não havendo uma dicotomia existente nas culturas ocidentais e europeias.

Entendendo que a Capoeira Angola em sua construção histórica de resistência e sobrevivência, traz consigo uma visão de mundo que corrobora com a Educação Ambiental por estar presente no universo da Capoeira identificado nas falas dos mestres a:

[...] preservação da natureza e formas alternativas de se relacionar com ela; as relações humanas e valores a serem prezados quando gingamos com a/o outra/outro nas rodas de Capoeira e nas rodas da vida; a libertação e a autonomia de si, através da despadronização do movimento e da cultura; o combate ao sistema capitalista e suas imposições materiais, estéticas, culturais, etc.; o racismo e a urgência de sua superação em conjunto com a desconstrução da branquitude e, poderíamos abrir inúmeras outras portas, que seriam tão circulares

como a roda de Capoeira e da vida: em constante movimento e infinitas... (p. 106).

Na mesma perspectiva, Gama (2016) desenvolveu uma pesquisa cartográfica que visou acompanhar uma experiência vivenciada por sujeitos e práticas culturais negras que resultou na criação do Instituto Baobá de Cultura e Arte (IBAÔ). Essa pesquisa revela uma experiência que se apresenta como possibilidade contrária ao que está hegemonicamente imposta apresentada como culturas de verdade únicas, a partir da prática da Capoeira e outras expressividades culturais negras.

Tratando questões de gênero, Barbosa (2017) no campo da História da Educação, destacando como seis mulheres pensam e vivenciam a presença feminina nos espaços de Capoeira angola, evidenciando assim, a experiência de cada uma e a compreensão da diferença que se produz no tornar-se mulher praticando e ensinando a arte da Capoeira.

A dissertação de Felix (2014), desenvolvida no Kilombo Tenondé, teve como objetivo identificar elementos estruturais de redes sociais que podem facilitar processos de aprendizado recíprocos, possibilitando dar início a um processo de estruturação de uma proposta de Unidade Demonstrativa¹ para a formação continuada de Técnicos Extensionistas em Metodologias Participativas e Dialógicas. A partir dos resultados obtidos através das análises destas redes sociais, pretendeu-se iniciar um processo de construção de uma proposta de unidade demonstrativa para a formação de técnicos extensionistas em metodologias participativas e dialógicas dentro de uma rede identificada como nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Em suas conclusões, demonstra que apesar de não levar em conta o capital financeiro como um fator determinante para as tomadas de decisões, as estratégias utilizadas vêm obtendo sucesso, mas os resultados das análises de redes sociais apontam para a existência de concentração de conhecimento para que as redes sociais se apresentem e se estruturem de forma vertical.

As duas teses de doutorado encontradas na base de dados de teses e dissertações (BDTD) que têm relação direta com o projeto de pesquisa desenvolvido sobre o Permangola e os processos educativos decorrentes, foram desenvolvidas no Kilombo Tenondé. A primeira, na área de difusão do conhecimento, Machado (2016), apresenta a Capoeira angola na encruzilhada entre natureza e cultura e considera o Kilombo como um espaço multirreferencial de aprendizagem, partindo do seu lugar de pesquisadora e

capoeirista para traçar uma metodologia. Assim, toma a própria Capoeira Angola como um campo epistemológico que se fundeia na ancestralidade, construindo, desta forma, uma metodologia da encruzilhada.

Considera que nesta proposta metodológica, o pesquisador/a se posiciona de forma implicada na pesquisa relacionando diversos ângulos e categorias interpretativas. Busca ainda, através desta metodologia combater o epistemicídio que se fundamenta no pensamento eurocentrado, “Epistemicídio que vem invisibilizando negros/as, mulheres, ameríndios/as, como sujeitos na construção de conhecimentos” (MACHADO, 2016, p. 35). Afirma a autora que esta:

[...] proposta de integração da Capoeira Angola com as propostas da permacultura ou simplesmente este “Baobá”, na encruzilhada é, portanto, uma potência criadora de outras linguagens, rodas ou jogos que fortalecem a ancestralidade africano-brasileira e também indígena, em iniciativas de forte caráter inovador, transformador e pioneiro, criando formas novas/ancestrais de se viver e se perceber a vida. Lugares como o Kilombo Tenonde conformam formas de aprender e ensinar em que os conhecimentos corporais, culturais, relativos à terra e a possibilidades de construir a própria vida estão todos conectados, na complexidade que nos conforma nesta vida humana (p. 258).

A segunda tese, “Na semente já existe um baobá: Capoeira, educação e transformação ambiental”, desenvolvida por Ferrari (2018) na área de Educação Ambiental, buscou identificar como a Capoeira, uma prática afro-brasileira pode formar processos educativos emancipatórios que possa contribuir com a construção de uma sociedade sustentável.

Foi identificado com o referido estudo que há no universo da Capoeira processos educativos que se pautam na diversidade de saberes afro-brasileiros. Esses processos educativos permitem reflexões sobre o consumo, as relações étnico-raciais, a produção de alimentos, a sabedoria popular, a ancestralidade. Possibilitando categorias para transformar práticas socioambientais pautadas em epistemologias africanas. Para Ferrari (2018):

Outra face que a Capoeira investigada nos aponta é que a trajetória da população afro-brasileira compreende a produção de saberes que descortinam os valores capitalistas e racistas das epistemologias eurocêntricas. A resistência afro-brasileira engendra um processo de ensinar e aprender na forma de ser Capoeira, constituindo um jeito próprio cotidiano de sobrevivência, transmitido nas estratégias do convívio comunitário, e permitindo que o conhecimento ali produzido

seja coletivamente materializado em interações dialógicas-críticas, as quais são efetivamente favorecidas pelas interações dos corpos em movimento, levando o ser (corpo e mente, sensibilidade e linguagem) ao exercício de uma práxis radicalmente transformadora, pelos tantos aspectos nesta tese analisados (p. 100).

A produção acadêmica dos últimos seis anos desenvolvida com a temática da Capoeira, apontam para uma grande produção na área da Educação, seja ela ambiental, étnico-racial, igualdade de gênero etc. Identificando processos educativos pautados na luta por produção de alimentos, outros modos de vida que são antagônicos ao que é hegemonicamente imposto se configurando como espaços alternativos, no sentido de estar fora das instituições oficiais de educação, de se educar e educar-se, que parte de pessoas desumanizadas e marginalizadas, mas que segue resistindo.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa aqui desenvolvida, de cunho qualitativo, tem a trajetória metodológica assente nas reflexões sobre o Quilombismo ou quilombamento e com uma dimensão política por se tratar de processos históricos de resistência e produção de conhecimento, em convergência com práticas controcônias, o delineamento da pesquisa em educação, que está ligada aos modos de vida da população afro-brasileira e suas experiências vividas; como interpretam suas experiências, constroem seus mundos e atribuem significados a estas experiências, entendemos pesquisa qualitativa como um procedimento que leva em consideração as experiências e práticas antagônicas ao paradigma hegemônico (capitalistas, racistas, patriarcais), se apresenta como um espaço de criação intersubjetiva reconhecendo o outro/a, sua cultura e seus valores de forma digna, o que dentro da filosofia africana Castiano (2010, p. 190) vai denominar de intersubjetivação que passa,

[...] necessariamente pela criação de valores e atitudes que levam ao reconhecimento do outro como interlocutor válido, como um sujeito com dignidade e conhecimento. Há intersubjetivação quando o Eu reconhece o Outro e está pré-disposto a escutar, a argumentar com este outro.

Sendo assim, implica dizer, também, que a pesquisa situa numa dimensão libertadora, em que nos organizamos junto aos grupos populares, pois nosso interesse é “conhecer os modos de pensar e os seus níveis de percepção do real dos grupos populares, estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo” (FREIRE, 1990, p. 35). Assim, “considerando experiências e práticas que indiquem superar o paradigma hegemônico, problematizamos relações entre ensino e Educação no seu potencial em contribuir com o campo da metodologia científica em Educação (VEIGA JÚNIOR; ACCORSSI, 2020).

Por meio de depoimentos de frequentadores e frequentadoras do Kilombo Tenondé, tem como **objetivo** principal identificar, descrever e compreender os processos educativos emergentes nesse espaço, mais especificamente dentro do Permangola.

A inserção para coleta de dados no Kilombo Tenondé se deu em janeiro de 2020, neste momento, já com a carta de autorização do coordenador e fundador do Kilombo Tenondé, assim como a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Parecer: 3.245.106 – ver Anexo).

Observamos que, conforme preceitos da linha Práticas Sociais e Processos Educativos:

Inserimos nossas pesquisas num entendimento de ciência com compromisso social e na intencionalidade de um projeto de sociedade equânime, colocamo-nos o desafio de nos construirmos educadoras e educador das/nas relações étnico-raciais, de combatermos o racismo e as discriminações em nossas pesquisas, no nosso fazer cotidiano, na e para a diversidade (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013, p. 43).

Assim, visamos também conhecer e reconhecer a diversidade epistemológica existente no Permangola partir de práticas sociais marginalizadas. Durante a inserção foram feitas quatorze entrevistas com os/as participantes do Permangola. Estas foram transcritas na íntegra e analisadas tendo como suporte de análise de dados os Temas Geradores que para (FREIRE, 2011, p. 61),

[...] se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação) se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens/mulheres numa forma crítica de pensarem seu mundo.

Os Temas Geradores, são considerados por Jaime José Zitzoski, Raquel karpinski Lemes (s/d), como uma proposta que pretende ser coerente com uma nova forma de conceber o conhecimento e a formação humana.

Segundo Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis (2006, p. 102),

os temas geradores são, no Método Paulo Freire, o eixo da proposta metodológica. Entendemos que o Método é o próprio pensamento de

Paulo Freire, é o conjunto de fundamentos filosófico-políticos presentes na sua teoria do conhecimento, conhecimento e ação no mundo, a educação libertadora. Uma educação humanizadora requer cultivar o conhecimento de forma interdisciplinar articulando dialeticamente a experiência da vida prática com a sistematização rigorosa e crítica.

Entendemos que utilizar a metodologia dos temas geradores, pesquisando conhecimentos produzidos a partir da Capoeira Angola e o trabalho com a terra, envolvendo uma gama diversa de pessoas, pode contribuir para o debate sobre outras epistemologias. “[...] o tema gerador como uma concretização, é algo a que chegamos através não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações homens/mulheres mundo e homens/mulheres homens/mulheres, implícitas na primeira”. (FREIRE, 2011, p. 122).

Assim sendo, elegemos quatro temas emergidos da própria epistemologia presente na prática da Capoeira e no evento pesquisado. Foram eles: **Gingar**; **Esquivar**; **Combater** e **Transcender**.

No tema denominado **Gingar** são discutidos os princípios de branqueamento da Capoeira como forma de negociar, dentro de uma sociedade extremamente racista, a sua própria existência, haja vista o projeto eugenista, que proibia toda e qualquer prática cultural dos negros/as, colocado em prática no final do século XIX, logo após a abolição e que perdura com o genocídio da juventude negra. Porque quem ousou propor outros mundos, formas de viver - de Zumbi dos Palmares a Marielle Franco - foi brutalmente assassinado.

No tema denominado **Esquivar** insere-se a reflexão sobre as estratégias desenvolvidas a fim de encontrar as brechas num sistema opressor. “Oi, sim, sim, sim, oi não, não, não”, ora afirmando ora negando os processos de desumanização, inferiorização e subalternização.

O **Combater** expressa o momento em que o povo negro reorganiza a Ginga, contra-ataca e afirma sua existência.

Por fim, no Tema **Transcender** buscaremos tratar dos processos educativos emergentes no movimento de resistir para existir (NETO, 2019), que aponta para novos horizontes epistemológicos.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Meu primeiro contato com o Kilombo Tenondé foi em 2017, justamente participando do Encontro Permangola. Busquei, nesta inserção, uma aproximação para conhecer o local, vivenciar as atividades propostas e dialogar com o coordenador do Kilombo. Descobri, naquele momento, tratar-se o Kilombo Tenondé de um centro de atividades agroecológicas que fundamentalmente envolve, de maneira integrada, Capoeira Angola e Permacultura, e que tem como práxis reconhecer a filosofia e a importância dos quilombos formados no Brasil, estimulando a criatividade, a compreensão holística do mundo e os valores de convivência humana harmônica com a natureza (KILOMBO, 2017).

No Encontro Permangola participam pessoas de várias partes do Brasil e do mundo, e nele há a possibilidade de que os/as capoeiristas conheçam os princípios da Permacultura e, ao mesmo tempo, que pessoas envolvidas com a permacultura e ações ecológicas conheçam fundamentos da Capoeira Angola, proporcionando uma interação entre os/as participantes. São oferecidos no encontro minicursos, palestras, vivências e atividades diversas de formação e introdução em sistemas de bioconstrução (adobe, bambu, madeiras e materiais recicláveis), agricultura (manejo de agrofloresta, criação de hortas orgânicas em formato de mandalas), criação e manejo de abelhas, alimentação natural com produtos locais, energias renováveis, construção de instrumentos, dança, yoga e Capoeira Angola (KILOMBO, 2017).

Na coleta de dados realizada em janeiro de 2020, último encontro antes da pandemia, fizemos a inserção, conforme preceitos da linha Práticas Sociais e Processos Educativos:

Inserimos nossas pesquisas num entendimento de ciência com compromisso social e na intencionalidade de um projeto de sociedade equânime, colocamo-nos o desafio de nos construirmos educadoras e educador das/nas relações étnico-raciais, de combatermos o racismo e as discriminações em nossas pesquisas, no nosso fazer cotidiano, na e para a diversidade (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013, p. 43).

Assim, visamos também conhecer e reconhecer a diversidade epistemológica existente no mundo a partir de práticas sociais marginalizadas. Outro destaque está no

respeito aos saberes dos colaboradores/as do estudo, aqueles/as que vivenciam uma dada prática social e, portanto, podem falar sobre ela. Assim, com aproximação respeitosa junto a cada participante fomos convidando-os/as a nos conceder entrevista, mediante seu interesse e assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e a partir da convivência construída em momentos de interação numa atividade ou outra da qual participamos. Observando que entendemos,

A convivência se aprofunda pela comunhão de mentes e corações. [...] As pessoas começam a se envolver, a criar laços, a se tornarem amigas e objetivamente se amarem. As mentes e os corações vibram juntos. Constitui-se um elo de coesão que só pode ser bem expresso pela categoria comunhão. Ela inclui dimensões bem concretas de solidariedade, de mútuo apoio e de sentimento de co-pertença que vão além da simples participação (BOFF, 2006, p. 36).

Assim a convivência foi sendo construída nos treinos de Capoeira que se iniciavam às 05h da manhã diariamente, onde os/as participantes interagem de diversas formas, desde reprodução dos movimentos apresentados pelos mestres/mestras condutores das aulas como forma de incorporá-los, até tirar alguma dúvida sobre alguma coisa que não tenha entendido durante o treino. No decorrer do período eram oferecidas oficinas diversas tais como: percussão, destilação de óleos essenciais, cavalo marinho, jongo, bioconstrução, agrofloresta etc. Nos momentos reservados para alimentação, café da manhã, almoço e jantar, era necessário a organização de uma fila para aguardar ser servido/a e logo as pessoas iniciavam diálogos sobre as diversas coisas que haviam feito, trocavam contatos para divulgar seus trabalhos e comercializar suas produções.

A aproximação igualmente se dava nos momentos dedicados ao descanso, nos intervalos entre uma atividade e outra, nas rodas de Capoeira chamadas “clandestinas” já que existiam horários específicos para que acontecessem as rodas com a presença dos mestres e mestras que se responsabilizavam pelo andamento dessas. Havia também festas, que ocorriam espontaneamente e nas quais as pessoas se reuniam com seus instrumentos: pandeiro, tambores diversos, rabeca, violão, cavaquinho, triângulo, berimbau, chocalhos... o que permitia organizar sambas de rodas, forrós, samba de coco, de forma que todo/as ali presentes pudessem dançar e tocar. Da mesma forma, as aproximações ocorriam nos banhos de rio, nas paradas para um café, dentre outras atividades.

Dessa forma, fomos nos conhecendo, criando vínculos, eliminando assimetrias que se manifestam nas desqualificações e negações de outras culturas. “Por meio do diálogo, compreender outras culturas e estabelecer acordos para que seja possível a construção da unidade na diversidade” (RIBEIRO JÚNIOR *et al.*, 2013, p. 45).

Joel Martins e Maria Bicudo (1989) afirmam que se recorre ao uso da entrevista “[...] sempre que desejar desocultar a visão que uma pessoa possui sobre uma determinada situação é preciso que se lance mão do recurso que a entrevista fornece. Ela é a única possibilidade que se tem de obter dados relevantes sobre o mundo – vida do respondente” (p. 54). Assim, identificar e compreender processos educativos decorrentes do Permangola, buscando a compreensão daquilo que se estuda pode contribuir para interrogar o mundo (MARTINS; BICUDO, 1989).

Ao definir previamente o roteiro da entrevista, as perguntas foram elaboradas de forma a suscitar no/a sujeito a retomada das experiências, aprofundamento e elucidação, assim a entrevista, possibilitou um encontro existencial entre entrevistador/a e entrevistado/a e, desta maneira, compreender as experiências e vivências de cada um/uma. A entrevista nesta abordagem é considerada por Martins e Bicudo (1989) como um “encontro social”, com características peculiares como a empatia e a intersubjetividade, onde ocorre a compreensão mútua de percepções em que o entrevistador/a se coloca no lugar do/a entrevistado/a e vice e versa. Com a disponibilidade de ambos/as, procura-se o acesso detalhado às primeiras experiências vividas de forma espontânea. Esta aproximação requer abertura ao outro, disponibilidade, empatia para se criar vínculos verdadeiramente humanos e por meio destes se reconhecer um no outro. Sendo assim, a empatia foi uma questão essencial no andamento das entrevistas. Desta maneira, (RUSSO; SILVA, 2009, p. 01) ‘descreve uma entrevista como um processo de interação entre um ou mais interlocutores de ambos os lados, no qual todo entrevistador deve construir sentido com base em dados obtidos por meio do encadeamento de perguntas e outras formas de comunicação não verbais’. Entendemos dinâmica empática do decorrer da aproximação e construção de vínculo durante o percurso da entrevista como uma relação orgânica entre humanos.

Assim, a partir da inserção no Kilombo Tenondé, durante o evento Permangola, com intencionalidade de pesquisa, comunicada e consentida em TCLE, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as participantes.

Em acordo com Airton Negrine (1999) a entrevista é semiestruturada:

[...] quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (p.74).

A entrevista semiestruturada contou com as seguintes questões: O que é isto o Encontro Permangola para Você? O que você aprendeu e/ou ensinou durante o Encontro Permangola?

Reiterando, para perceber a experiência vivida dos/as participantes do Permangola, adotamos a entrevista, pois este procedimento, “[...] encerra o significado de encontro combinado, marcado entre pessoas [...] E diz respeito ainda à prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado” (NEGRINE, 1999, p. 73). Este procedimento possibilitou a obtenção de informações frente a frente com a pessoa entrevistada, participante do fenômeno estudado. Deste modo ela/ele, indica suas percepções acerca da experiência vivida no encontro.

Destacamos que “a sobrevivência de nossas culturas, modos de ser viver, evidência nossa humanidade, contrariamente ao que apregoaram e apregoam os colonizadores que nos ‘inventaram’ sem alma, inteligência e valores” (OLIVEIRA *et. al.* 2014, p. 32). À vista disso, lutamos contra o epistemicídio, olhando para a diversidade existente na América Latina. Consequentemente, para uma melhor compreensão da experiência vivida no Permangola, foram escolhidas para as entrevistas: pessoas que compunham a organização do evento; ministrantes de oficinas de Capoeira; aprendizes participantes do evento e praticantes de Capoeira; ativista de povos indígenas, mestre de notório saber representante de comunidade quilombola, permacultor que desenvolve trabalho no quilombo; pessoas ligadas à cozinha com experiência em Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs); pessoas praticantes de Capoeira e que possui ligação com o trabalho com a terra, morador do Quilombo, bem como pessoas que passavam temporadas residindo no Quilombo aprendendo Capoeira e o trabalho com Permacultura, além do fundador e coordenador do Quilombo.

A seguir apresentamos a Tabela 4 com perfil dos/as entrevistados/as:

TABELA 4 - PERFIL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS

Entrevistado/a	Gênero (Autodeclaração)	Raça-Etnia (Autodeclaração)	Participação no Permangola
Entrevistado I	Homem/ hetero	Negro	Trainee de Capoeira Angola Fundação Internacional de Capoeira Angola FICA
Entrevistado II	Homem/ hetero	Branco	Aluno de Capoeira Angola FICA, residente temporário no Kilombo
Entrevistada III	Mulher/ bixessual	Branco	Praticante de Capoeira Angola participante do evento Permangola
Entrevistado IV	Homem/ hetero	Branco	Mestre de Capoeira Angola convidado. Ministrante de aulas de Capoeira Angola e oficinas de destilação
Entrevistada V	Mulher/ bissexual	Preta	Cozinheira, praticante de Capoeira Angola e participante do evento Permangola
Entrevistado VI	Homem/ hetero	Preto - Afrodescendente	Mestre de Capoeira Angola Convidado, ministrantes de aulas de Capoeira Angola no evento Permangola
Entrevistado VII	Homem/ hetero	Branco	Praticante de Capoeira Angola, permacultor responsável pelo trabalho com permacultura no evento Permangola.
Entrevistado VIII	Homem/ hetero	Negro	Treinel de Capoeira Angola FICA, ministrante de aulas de Capoeira, oficinas de poda e enxertia, confeção de berimbaus e caxixis
Entrevistada IX	Mulher/ Hetero	Negra	Aluna de Capoeira Angola FICA, participante do evento Permangola

Entrevistada X	Mulher/ Bixessual	Branca	Praticante de Capoeira Angola, participante do Evento Permangola, Professora no Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
Entrevistado XI	Homem/ hetero	Negro	Professor universitário convidado palestrante, filosofia africana e filosofia da macumba
Entrevistada XII	Mulher/ hetero	Indígena	Professora Convidada, formadora dentro das comunidades indígena, integrante do movimento Teia dos Povos, Liderança Indígena do Povo Tupinambá de Olivença
Entrevistado XIII	Homem hetero	Negro	Mestre de notório saber, convidado para o evento Permangola, poeta, escritor, professor, ativista político e militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra
Entrevistado XIV	Homem hetero	Negro	Mestre de Capoeira Angola, Fundador/coordenador da FICA e do Kilombo Tenondé

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados e categorizados, com inspiração na ideia de Temas Geradores, criados com base em uma leitura cuidadosa de todas as entrevistas realizada durante o Cosmoangola 2020. Através dessa ação, foi possível elencar quatro Temas Geradores, o **Gingar**, o **Esquivar**, o **Combater** e o **Transcender**, organizados abaixo em formato de Mandala (Figura 5).

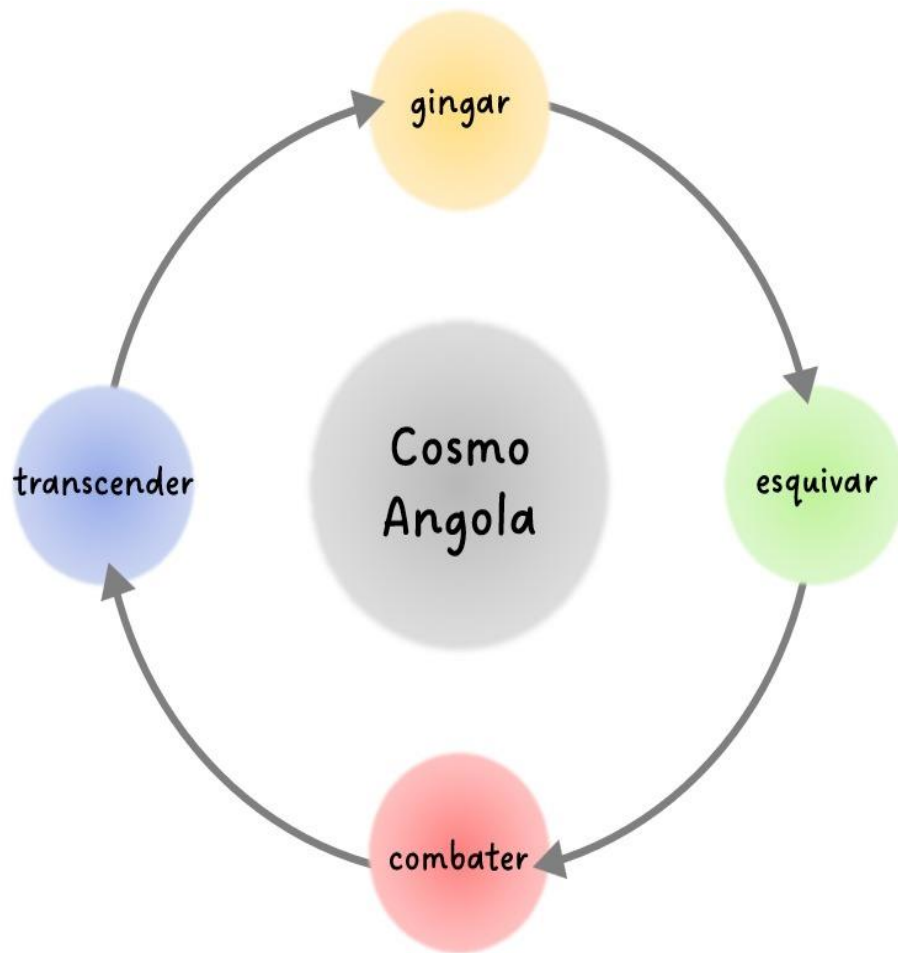


Figura 5: organograma dos temas geradores. Elaborada por Magaly Marques¹⁷

Em seguida procederemos à análise dos dados elencando cada um dos Temas Geradores e buscando articular as falas e experiências das/os participantes da pesquisa às estratégias construídas pela Capoeira.

¹⁷ Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Instituto das Cidades, Campus Zona Leste. Atual coordenadora do Curso de Bacharelado em Geografia do Instituto das Cidades (gestão 2022-2023). Grande amiga e conselheira.

GINGAR

Iê

*A história nos engana
Dizendo pelo contrário
Até diz que a abolição
Aconteceu no mês de maio
A prova dessa mentira
É que da miséria eu não saio*

*Viva 20 de novembro
Momento pra se lembrar
Não vejo em 13 de maio
Nada pra comemorar
Muitos tempos se passaram e o negro sempre a lutar*

*Zumbi é nosso herói Zumbi é nosso herói, colega velho
De Palmares foi senhor
Pela causa do homem negro
Foi ele quem mais lutou
Apesar de toda luta, colega velho
Negro não se libertou, camarada!*

*Iê, é hora, é hora
Iêee, é hora, é hora, camará*

*Iê, vamos embora
Iêee, vamos embora, camará*

*Iê, viva meu deus
Iêee, viva meu deus, camará*

*Iê, vive meu mestre
Iêee, vive meu mestre, camará*

*Iê, quem me ensinou
Iêee, quem me ensinou, camará*

(Mestre Moraes)

Durante quatorze anos o projeto do Kilombo Tenondé e o Permangola foram sendo aprimorados, reunindo pessoas com os mesmos ideais, praticantes ou não de Capoeira Angola, Permacultores/as, povos indígenas, construindo uma teia, unindo os princípios destas duas práticas, discutindo a produção de alimentos, o viver em harmonia com a natureza, implementando técnicas da Permacultura, assim como da Agroecologia.

Já nos últimos encontros, têm se buscado aportes ancestrais para o desenvolvimento do projeto nas raízes das cosmologias africanas e indígenas para isto.

O território idealizado e construído dentro de uma perspectiva quilombista, tem a Capoeira Angola na centralidade do desenvolvimento do trabalho, utilizando-se dos rituais presentes nessas práticas e ocupando espaços e partindo do corpo para a produção de conhecimento, no qual a prática da Capoeira Angola é o elemento que contribui para agregar várias outras atividades. O corpo que aqui está na centralidade do trabalho “exigido pela sincopa do samba é aquele mesmo que a escravidão procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo negro” (SODRÉ, 1998, p. 11). Esse mesmo autor explicita que a integração desse corpo com a música através da dança, já era evidente no Quilombo de Palmares.

Essa integração que se manifestava por meio do samba, está também contida na capoeira: sua musicalidade, uma forma de resistir ao aprisionamento do corpo que dentro do ideal moderno é apenas uma extensão da mente,

[...] nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano (SODRÉ, 1998, p.12)

Portanto, marca-se uma forma de habitar o mundo em que o corpo é integralmente, no qual existimos cantando e dançando, gingando para existir.

Logo, este Tema Gerador emergiu evidenciando, a partir das falas dos entrevistados/as, a necessidade de um processo de retomada, tanto de modos de vidas próprios de povos negros e indígenas, com suas culturas e modos de vida que ainda sofrem com a marginalização, como do apagamento histórico causado pelo colonialismo e atualmente, na colonialidade do ser/saber/poder que incidem diretamente nas formas de produção de conhecimento, corroborando com o epistemicídio. Para Santos, (1995, p.328):

[...] o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de

conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais).

Já para Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio é uma tecnologia que integra o dispositivo racialidade/biopoder, para disciplinar/normalizar, anular ou matar. A filósofa brasileira, então o define desta maneira:

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação de racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/normalizar e matar ou anular. É um elo que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações (CARNEIRO, 2005, p. 97).

O **Gingar**, conseqüentemente está ligado à forma da população preta existir dentro da sociedade brasileira, a uma educação libertadora, ao “ser mais”. Essa premissa freiriana é estruturada em nove categorias que, segundo Finholdt Angelo Leite (2021, p. 03), estão organizadas da seguinte forma: “a) Consciência de si e do mundo; b) Esperança; c) Lidar com a diferença – aprender quem eu sou; d) Estar sendo e humildade; e) Identidade cultural; f) Ser político – não neutralidade; e g) Sonho. Por assim ser,

[...] a ginga é o pres-suposto inteligível e existencial para os modos de ser submetidos à política de morte do coloni-alismo europeu-ocidental. Nessa perspectiva, a ginga não é meramente uma coreografia, mas o próprio substantivo que possibilita a tessitura dos repertórios comunicativos na diáspora, a ginga é linguagem e não diz meramente sobre as formas, mas sobre as existências em si (RUFINO et. al, 2018, p. 79)

Levando em consideração a construção de um ideal de nação que tinha como prioridade o embranquecimento da sua população e sua cultura, construindo leis que proibiam o acesso à educação, à moradia, a terras, que desumaniza o povo preto, o **Gingar** é, assim como a diáspora africana que para Rufino et. al (2018, p. 3) é “uma forma de proceder que “opera nas frestas, dribles, rolês, gírias, pulos de deslocamento e enigmas de potencializa-ção da vida”. Na Capoeira é preciso gingar sempre, uma especificidade da prática em que é necessário se movimentar o tempo todo e, desta forma não se deixar pegar, sofrer um golpe, um contra-ataque, ou uma rasteira. Um modo de se movimentar que ademais, proporciona, estrategicamente o ganho de espaço frente ao oponente.

Por conseguinte, o **Gingar** ilustra o caminho trilhado na construção do Kilombo, o encontro que foi denominado primeiramente de Permangola, que encerrou um ciclo e dá início à construção do Cosmoangola. Todos esses anos, levaram ao entendimento de que se faz imprescindível voltar o olhar para cosmologias africanas e indígenas erradicando de nós o pensamento colonizado e assim se reconectar com uma ancestralidade e restituir a conexão com outrem e com o mundo, unindo povos que ficaram às margens dentro do sistema mundo moderno. Essa transição está presente nas narrativas abaixo.

Então, eu sou um crítico do evento com esse nome. Assim, esse evento, o evento em si, pra mim é uma grande confluência é ... de forças, de visões e de modos de vida, o evento, mas o nome permangola me soa como uma intervenção colonialista (Antônio Bispo Dos Santos)

É um nome que não é composto pela trajetória do evento, tanto é que a minha vinda aqui dessa vez foi exatamente para discutir com mestre cobrinha e os demais participantes a transição desse nome, esse provavelmente seja o último evento com o nome permangola, no próximo ano ele já vai vir com outro nome (Antônio Bispo Dos Santos)

Olha, o Permangola está encerrando um ciclo, né. Ele tá... ele já fez a parte que era necessária que era unir os princípios da permacultura junto com os princípios da capoeira angola, é... analisar esses conceitos e trabalhar isso na prática e eu acho que nós já cumprimos essa parte, foram quatorze eventos que nós fizemos, né. E agora a gente está partindo para um novo conceito que é o Cosmoangola. O Cosmoangola na verdade, a gente amplia, né, o conceito da permangola trazendo também a questão dos rituais, trazendo também a questão da cosmologia, da cosmovisão, não só dos povos africanos, mas também de outros povos, trazer a cosmologia indígena, cosmovisão indígena, trazer a questão é... andina, então a gente tá tentando de uma certa forma fazer uma união dos povos. (Cinézio Feliciano Peçanha, Cobra Mansa)

Antônio Bispo Dos Santos, (2015), define confluência como:

a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas (p. 89).

Dessarte, o **Gingar**, movimento constante, é também um elemento mobilizador, em que ao mesmo tempo que, através desse balançar constante, foge, dribla, confunde a conduta colonizadora do sistema hegemônico, ora se apropriando de elementos desse sistema, ora retornando aos ensinamentos provenientes das culturas de origem. Por isso, relacionamos aqui o **Gingar** com um modo de educação que é pluriversal, pois exige circular por diversas realidades, conhecer, trocar saberes, fugindo a perspectiva eurocêntrica. Uma educação Pluriversal, então “é aquela que também escuta as epistemologias não eurocêntricas e constrói saberes a partir de plurivisões, permitindo

que encontremos soluções mais adequadas e criativas aos problemas impostos pela contemporaneidade” (NJERI, 2020, p. 274). Essa visão está presente na fala abaixo:

Eu conheci através do professor Cobra Mansa... é o que eu sei é que ele chama isso de kilombo, Tenondé, portanto é um território idealizado por ele e esse território para agregar várias atividades, né... Entre outros, uma agricultura ecológica, não é! A produção tanto de alimento, ocupação do território, é um espaço também de terapia e no centro está especialmente a capoeira, essa capoeira a de Angola. Portanto, essa é a primeira ideia que tenho sobre o permangola (Bas 'Tllele Melomano)

O Kilombo Tenondé, se configura, até pela perspectiva quilombista, em espaço de luta e resistência a um projeto elitista e racista de país que desenvolveu estratégias para apagar rastros e marcas das comunidades negras e indígenas no Brasil, que através de lutas abertas ou micro resistências, constroem seus territórios e preservam suas culturas, se caracterizando então, como uma agência negra e indígena, marcando a resistência desses povos ao processo de apagamento, “dispondo de recursos psicológicos, culturais necessários para o avanço da libertação humana” (ASANTI, 2009. p. 93). Portanto, o Kilombo como um espaço negro e plural, agrega pessoas diferentes, de diversas etnias proporcionando a construção de relações mais humanizadas e, a partir daí, transformar as estruturas, sendo um contraponto ao projeto dominante e buscando por mudanças significativas na sociedade.

Primeiro é um território sagrado, né! Idealizado pelo professor Cobra Mansa, uma agência negra né! Uma agência negra com vários parceiros também, os discípulos, pessoas simpatizantes, amigos e amigas e a comunidade quilombola que está presente lá, que faz esse trabalho junto com o professor Cobra Mansa. Então, no pouco tempo que estou aqui, eu aprendi muita coisa, né! Através das pessoas, pessoas diferentes. Você vê que é um espaço negro e ao mesmo tempo um espaço plural do ponto de vista racial é! Tem homens, tem mulher, tem crianças, mas tudo gira em torno da capoeira que proporciona que proporciona outros tipos de humanidade, de projetos sociais com um impacto muito forte (Bas 'Tllele Melomano).

As práticas oferecidas durante o encontro, levam a refletir sobre nossas ações, como vivemos em relação à natureza, questionando a visão moderna do mundo, alertando e conscientizando para a imprescindibilidade de uma mudança de paradigma, em que se possa, a partir de culturas como a que pertence a capoeira, considerar como elas podem contribuir para essa mudança de paradigma, haja vista todas as mudanças climáticas ocorridas nos últimos anos; o aumento no desmatamento, poluição de rios dos quais muitas comunidades quilombolas e indígenas dependem para a manutenção da vida dentro dos seus territórios. Nesse momento específico da história do Brasil, no qual todas as ações do governo são para o não reconhecimento e demarcação de terras quilombolas e indígenas, é de extrema importância fortalecimento de espaços que propõem diálogos e práticas que sejam um contraponto ao projeto moderno hegemônico vigente, então, esse é um momento de olhar para as tradições ancestrais.

Desta maneira, esse processo de conscientização, descrito no excerto abaixo, ocorre através das experiências vividas nas rodas de capoeira, os diálogos constantes entre uma atividade e outra, assim como nas oficinas que abrangem o trabalho com a terra, a agrofloresta e a permacultura.

O Permangola para mim, ele é bem... bem amplo assim para traduzir assim de uma palavra só, né? É... ele hoje, hoje para mim ele está sendo o permangola e antes eu tinha outra, outra finalidade assim do permangola. Hoje ele para mim é mais como um alerta, é mais como uma reflexão, é mais como uma afirmação que a gente tem que ter com a natureza, né? Essa conscientização que o permangola traz com a nossas ações perante a natureza, perante os nossos consumos, de tudo né? Que ... que o nosso sistema traz para a gente né? Então, o permangola hoje pra mim é essa conscientização, ela... ele traz essa consciência, né? Tanto da capoeiragem como do nosso ambiente que a gente tá circulando, o cuidado da terra, né? Então hoje pra mim, nesse momento o permangola pra mim é isso! (Djalma Dos Santos)

As falas das/dos participantes denotam a ligação entre uma prática ancestral de matriz africana com a terra, o mundo natural. Uma conduta que proporciona a conexão e reconexão com o mundo, entendendo que somos a própria natureza e não simplesmente parte dela.

A dissociação entre humano e natureza é também produto da colonialidade/modernidade por meio de dominação cultural que se deu por um

sistemático processo de repressão que recaiu sobre “os modos de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens, sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual” (QUIJANO, 1992, p. 2), e em seguida pela imposição do uso dos próprios padrões de expressão cultural dos dominantes.

Assim, neste processo de (re)integração, a prática da capoeira perpassando pelo trabalho com a terra, a convivência nesse meio, faz com que haja a compreensão dessa integralidade do ser, isso ocorre no viver em confluência com a natureza.

No que tange a produção de alimentos, agricultura, esse processo vai muito além de simplesmente colocar uma semente na terra e colher, se dá no conviver, ter uma confluência com a própria natureza. Entender como essa natureza funciona, que a partir da convivência você também vai entender como você funciona, descobrir que a dissociação entre você e natureza não existe, Nego Bispo e Mestre Cobra Mansa (2021).

Há, também uma afirmação a partir da cultura, o fazer cultural, através das vivências oferecidas, dentro daquela realidade, dinamizam esse mundo e tem uma ação humanizadora, nas palavras de Freire (2009, p. 51) “vai acrescentando a ela algo de que ele é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.”.

Neste transcurso de humanizar e temporalizar os espaços, fazer cultura, é possível a conscientização das/os participantes para a história que não é contada no sistema de educação constituído formalmente, mas que são contadas a partir das rodas de Capoeira através do ritual e das músicas cantadas, compartilhando o doloroso caminho percorrido na luta por libertação.

ESQUIVAR

*Iê
Vô botá fogo na igreja (bis),
Só pra vê santo queimá
São Benedito é santo negro
Saiu no salto mortá
Os outros santos eram brancos
Não conseguiram se salvá*

*Porque capoeira Angola
Não souberam praticá
Camaradinha...
(treinel Oriquerê, os argoleiros do sertão)*

O Tema Gerador **Esquivar**, pensando as condições de vida do povo preto no Brasil, em que para seguir cultuando seus deuses/as, vivenciando sua cultura, mantendo assim seus modos de vida, teve sempre de negociar com um Estado genocida e antinegro. Implica em encontrar saídas para viver plenamente, buscando soluções práticas para resolver problemas cotidianos, mantendo vivas ligações com seu modo de ser e estar no mundo, esquivando-se das proibições e interditos implementados no Estado brasileiro.

Mantendo uma educação existente nos grupos de Capoeira e, obviamente há de se ponderar a atuação de muitos grupos, nos terreiros de candomblé, coletivos negros, escolas de samba etc. Um exemplo mais palpável que temos acerca disso é o sincretismo religioso que no caso dos indígenas, “o sistema católico foi fruto notadamente das investidas jesuíticas em seu afã evangelizador. No caso dos africanos, estes exerceram um papel de protagonistas, ao buscarem formas de continuar a cultuar suas divindades” (ROMÃO, 2018, p. 362).

Esse protagonismo exercido pelos africanos/as denota o modo como se esquivavam da evangelização/colonização. Na capoeira, caracteriza-se tal movimento como sair entrando, ou entrar saindo, ou seja: ataca ao mesmo tempo que se esquivava e se esquivava ao mesmo tempo que ataca, compondo uma estratégia de sobrevivência, amenizando as opressões, imposições, representando uma existência autônoma, igualmente,

Surpreendem também a destreza e a inteligência com que, propositadamente ou não, conseguiram em muitos casos esquivar-se de uma religião imposta pelos colonizadores que já lhes haviam roubado o direito de ir e vir, à integridade física e à moradia em suas próprias terras. Se não conseguiram livrar-se totalmente das imposições do catolicismo dos jesuítas e das ameaças da Inquisição ibérica, lograram mesclar a religião dos dominadores através de sua cosmogonia e sua teogonia original. No final, a mistura cultural e religiosa resultante no Brasil pode ser entendida como uma síntese ocorrida na encruzilhada de estratégias de sobrevivência transnacionais e translacionais (ROMÃO, 2028, p. 378).

As estratégias criadas pelos negros/as em território brasileiro, exercendo um grande protagonismo, também apontam para a criação de novas práticas, do mesmo modo que se utilizava do sincretismo religioso para, diante das proibições, cultuar suas divindades. Mariana de Mesquita Santos (2020), salienta que há muita criação, para além da sagacidade do sincretismo religioso que por vezes é analisado de forma eurocêntrica, desqualificando essas práticas, as encobrendo com o véu ideológico do branqueamento.

Exemplifica que a categoria que de fato contempla toda essa criação é a de amefricanidade, criada pela antropóloga Lélia Gonzales (1988). Deste modo a diáspora africana tem outras reivindicações, pois não só transportou elementos, como gerou outros elementos “Isto é, o movimento em si da diáspora africana gerou novos elementos e não só transportou elementos “originais” que teriam se mantido estáticos no continente americano. (GILROY, 2012. p. 57, citado por SANTOS, 2020, p. 9).

Isso reafirma bases para pensar produção de conhecimento, haja vista a capacidade criativa existente nas organizações construídas por comunidades negras. Coaduna com o conceito de “negar a negação”, se autovalorizando;

A negação da negação é o segundo momento. Como se poderá negar o desprezo de si mesmo, senão iniciando pelo caminho para o autodescobrimento do próprio valor? A afirmação de uma “identidade” processual e reativa diante da própria Modernidade. As culturas pós-coloniais devem efetivamente se decolonizar, mas devem começar pela autoavaliação (DUSSEL, 2015, p. 15).

Se afirmando, negando a totalidade da razão moderna, numa perspectiva de produção de conhecimento ancorada no caminho ancestral, de construção de espaços inspirados na criação cultural resistentes a modernidade, pois essas culturas consideradas periféricas, foram marginalizadas, desprezadas e ignoradas dentro da modernidade eurocentrada, portanto, podem assumir um diálogo transmoderno e simétrico como exterioridade da modernidade Dussel (2015). Contendo aí riqueza, diversidade e complexidade. Proporcionando, através da reconexão ancestral, valorizando esse legado afirmativamente.

Permangola pra mim.... foi uma experiência de conectar ah! Nosso corpo, e... nossa há! O corpo, mente alma, tudo com a natureza, entre sim, entre as pessoas... ham e... tipo... e também eu sou de fora né? Eu sou dos Estados Unidos e... mas da pra ver que a cultura, a cultura tão, tão forte de... assim, tem essas raízes, que são... que assim, vai bem

profundo, né? Que é da cultura daqui e... por exemplo. Dou um exemplo: na capoeira tem uma música que... é, tipo... tiririca é faca de cortar, tiririca é navalha, né? Ai a gente foi fazer uma caminhada com o mestre, aí mostrando, aqui na natureza como parece o capim tiririca e você pode encostar pra ver que arde, que corta e que... ham!! Tem razão pra essa música, tipo... faz sentido isso, música antiga, né? Foi de quando os escravos estavam fugindo, sabe? Então, foi muito legal conectar tudo isso e ver como é... como era lá nessa, nessa época pra essas pessoas e ver que ainda, né? A questão da cultura está muito forte ainda, é muito massa isso, porque não tem isso no meu país, né? Uma cultura tão forte assim, então! (James Fry)

E... é perfeito, porque traz essa relação com a capoeira, né? que traz todos os elementos que é conectado com a... com vida e com a natureza, né? Então o permangola ele... pra mim é um alento a nós, para nós, de que a gente precisa perceber de que não há separação entre nossa vida e a natureza, né? (Edielson Da Silva Miranda).

Ah, acho que o permangola é a integração do... da filosofia da capoeira com a filosofia da terra, né? Você começa a perceber o que esse movimento da capoeira tem a ver com a terra, né? Então o que você pode observar da terra e trazer pra capoeira, o que você pode trazer da capoeira pra terra, né? Assim, quais são as grandes questões, né? Então acho que o permangola ele é isso, né? Esse mix da capoeira com a terra, né? Uma coisa mais natural, né? Pô, pra mim acho que é isso, define bem! (Vynne Santos)

Nessa perspectiva, pensando caminhos ancestrais, conexões e reconexões com o mundo e com outrem, se entende que a reconexão é ancestral, é o que permite uma reconstrução daquilo que foi retirado através da continuação do colonialismo. A ancestralidade permite retomar modos de vida, se configurando numa tecnologia contracolonial permitindo o acesso a diversos modos de conceber/viver e olhar para o mundo, esquivando e anunciando uma pluralidade epistemológica existente no mundo. É buscar nas raízes do movimento afropindorâmico¹⁸.

Essa denominação de povos quilombolas, negros e indígenas como afropindorâmicos é uma sugestão do líder quilombola e escritor Antônio Bispo dos

¹⁸ Conexões Afropindorâmicas. Disciplina oferecida na Faculdade de Filosofia E Ciências Humanas na Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Santos, propondo troca de saberes entre os mestres e mestras de artes de tradições populares e a comunidade universitária, através da presença e do protagonismo de conhecedores oriundos de diversos grupos étnicos (povos indígenas, povo de santo, negros, quilombolas) desenvolvendo atividades como rodas de conversas, oficinas, cursos, etc. de forma transversal, multidisciplinar, descolonizadora, de maneira a valorizar os saberes tradicionais em continuidade epistemológica com os saberes acadêmicos, visando a descolonização do conhecimento, uma vez que, as culturas dos povos e comunidades tradicionais e seus saberes são poucos difundidos nos espaços universitários e da sociedade, de uma forma ampla, tornando possível maior visibilidade da diversidade étnico-cultural presente no Brasil, encontrando aí as bases para a afirmação de outras epistemologias, tanto para conhecimentos como para a educação propriamente dita como nos mostra o excerto abaixo.

Assim dizendo! E que com esse contato você começa a rever essas coisas, rever a sua história, a história dos seus avós dos seus antepassados, como eles faziam quando eles iam à roça, meu avô ia muito para a roça e eu consigo, tipo, me ver neles, né? Então acho que eu consigo sentir essa ancestralidade, né? Que a gente fala tanto, através disso, né! (Vynne Santos)

O caminho ancestral pode servir de retomada a um modo de viver mais integrado a natureza, já que a partir dessa reconexão ancestral é possível estabelecer uma outra relação com ela, uma conexão não predatória, para fim exploratório ou desenvolvimentista e eurocêntrica que é imposta através do sistema mundo hegemônico que destrói a natureza e instrumentaliza as relações sociais incidindo sobre processos de ensino e aprendizagem que ainda reproduz esse mesmo sistema hegemônico. E desta forma, entender que a natureza é também uma pessoa, como está presente em várias culturas indígenas no Brasil, como também se faz presente em culturas africanas e afro-brasileiras. Portanto, esse caminho só poderá ser seguido por meio de um diálogo profundo e crítico com saberes ancestrais.

Da... essas culturas que te ligam a um lugar de ancestralidade, de retomada a um... é... a natureza, né? E natureza é uma pessoa, não é pensar só nas árvores, não! A natureza é a natureza interior da pessoa,

então a verdadeira natureza é aquela flora, aqueles rios que estão dentro da gente (Alexandre Watson)

Outro aspecto ressaltado no encontro Permangola, a partir das falas dos entrevistados/as é que o encontro proporciona durante o período em que ele ocorre, a possibilidade dessa reconexão por meio da cultura afro-brasileira que é expressada nos rituais das rodas de Capoeira, assim como outras manifestações culturais de matriz africana como o jongo, samba de coco, o samba de roda, assim como o viver na natureza e em comunidade, o que gera comunhão que pode ser o caminho para consolidação de outros mundos possíveis, que oportuniza um viver mais consciente e a superação do mundo colonial moderno que silencia e subalterniza outras formas de conhecimento.

Hammm... bom, pra mim o permangola é.... primeiramente uma oportunidade de me conectar com as minhas raízes ancestrais, né? Através da capoeira, samba de roda e outras manifestações culturais que têm aqui. Né? É também uma oportunidade de trocar com outras pessoas, é ... de praticar a permacultura, agroecologia, de praticar a vida em comunidade... é isso! (Nínive Dalila Santos Santana)

Então, o Permangola pode aproximar os/as participantes de um projeto alternativo e inclusivo de sociedade, unindo pessoas em torno de um objetivo, a construção de espaços alternativos constituídos a partir de saberes ancestrais, pois a ancestralidade está na base da história das culturas de raiz africana, segundo Sousa Junior (2014), os ancestrais fundam e garantem a vida e a permanência nos tempos e no espaço a diversos grupos humanos. Desta forma, sustentam seus membros com muita força, fornece novos horizontes pensando libertação de povos oprimidos e o diálogo com a produção de conhecimento; ancorados na filosofia africana, afrodiaspórica.

O que eu ensinei? Eu fui chamado, ele gostou muito da minha filosofia, filosofia da macumba. Que você pode encontrar alguns textos, né!

Também posso te mandar depois, para você perceber o que eu apresentei. O que eu apresentei tem a ver com o trabalho que eu venho fazendo sobre a filosofia africana, especialmente a filosofia da macumba, então foi em cima disso que eu trabalhei, apresentando macumba uma, filosofia do encantamento que eu trabalho a partir do texto, poema de Solano Trindade chamado macumba, como também trouxe para discutir o cosmograma Bakongo de Kalunga, essa cosmovisão de mundo, onde a gente sabe que as coisas estão interligadas. Kalunga que é o infinito e o ser humano também é dentro desse processo de Kalunga (Bas'Tllele Melomano)

Então, pra mim permangola é realmente aquilo que o nome fala, né? É a junção de capoeira angola e permacultura e então, pra mim é... ensinamentos assim sobre a cultura popular brasileira, a cultura africana, e viver na natureza e essas duas coisas estão muito interligadas, conectadas, já por natureza e muito concretamente aqui. Eeee... assim é uma harmonia entre... pra mim é uma utopia também, esse encontro, porque é... a gente vive, é mais conscientemente do que no nosso dia-dia, eu posso falar por mim, na minha correria da grande cidade, eu moro no Rio de Janeiro. E assim, poder tomar banho num rio, e... viver no meio da natureza, comer coisas da região cem por cento vegana é aquilo que eu tento fazer, que eu faço também no meu dia-dia na cidade, mas é... mas é também aquilo que a gente consegue fazer aqui com mais leveza e naturalidade, e...é muito... é muita força assim que eu sinto, é.. com pessoas que... que estão juntas por... pelo amor pela capoeira angola, né? E então... pra mim, permangola significa isso também! Aquilo que nasce através dessa... união, ou esse encontro de pessoas que tem um.... amor, uma fascinação pela capoeira angola (Carlotta Werner)

Por assim ser, o projeto do Kilombo e a proposta do permangola, é um projeto que agrega pessoas em torno de um ideal, onde essas mesmas pessoas têm o mesmo pensamento, o pensamento coletivo e agregador para o desenvolvimento do bem comum, que gera fortalecimento e educa para o coletivo.

Bom, o projeto do quilombo é um projeto que eu acredito muito. É... Acredito que as pessoas que vem aqui elas têm uma força assim muito grande, né! Tem um poder agregador aqui, esse lugar, e... eu penso que no que eu puder colaborar pra esse lugar crescer e ser sempre assim esse ponto de união entre as pessoas, né? De desenvolvimento de coisas para o bem, de fortalecimento, né? É... físico e espiritual estarei aqui (Nínive Dalila Santos Santana)

Além do mais, proporciona reflexões e aprendizados sobre o tempo, a vida que levamos, o de ter prazos apertados para tudo, e viver dentro de um imediatismo, uma resposta que é preciso dar ao sistema que impõe um ritmo as vidas, que retira o tempo natural do viver, onde até mesmo a vadiagem, termo muito utilizado no contexto da capoeira e que deveria ser uma afirmação de um modo de vida que respeita os tempos das vivências o contato com outrem e construção das coisas, o encontro para celebrar a vida, dançar, tocar, cantar, jogar, nos dias de hoje tem deixado de existir, tornando-se eventos performáticos. Então, essa junção de prática de capoeira e a permacultura, possibilita um outro olhar para os modos de vida dentro do capitalismo e logo repensar práticas adotadas dentro desse sistema. Então, através da prática da Capoeira Angola, os rituais experienciados nos afazeres dentro do Kilombo leva a repensar as ações e os modos de vida.

Nossa!! aprendi tanta coisa, muita coisa mesmo! ... eu acho que o maior aprendizado foi que... que ensinamos na permacultura também é... tipo. Pra uma pessoa que gosta de correr muito e gosta de... é uma pessoa impaciente em geral é que a natureza faz tudo devagar, né? Mas tudo acontece, pô, tudo é bem-feito! É melhor você fazer a... com tranquilidade, faz devagar porque vai dar certo, sabe? E se veja isso na.... na natureza mesmo, a natureza ela não corre, ela não está com pressa, sabe? E... isso foi um dos aprendizados maiores que estou tirando daqui. O maior eu acho. Que está na mente por agora! (James Fry)

É... isso me faz refletir mais sobre como quero viver minha vida. Minha vida... o que quero ser, o que quero aprender e o que quero dar.... qual o meu propósito de vida e o que quero? Qual é o meu propósito? Que quero dar ao mundo e à comunidade, como posso ajudar minha comunidade quando estou? E... nesses pensamentos, mas conectar com meus ancestrais. Quero me conectar mais com meus ancestrais africanos, indígenas. E acredito que minha família direta não faz muito e acredito que é meu dever e vai ser uma enorme responsabilidade fazer isso, porque eu quero encontrar meus ancestrais (Paola Montenegro)

E... sim é legal, pra mim é um sonho se tornando realidade. Eu sempre quis vir aqui para o Brasil para aprender e melhorar minha capoeira, meu português, música e conectar mais com a mãe terra e aqui estou. É minha primeira vez no Brasil, estarei aqui por três meses, eu sou da Venezuela. É, e... estou seguindo meu coração, meu ah... ah meu coração, isso me faz feliz, minha alma. É estou muito bem aqui e mestre Cobra Mansa é de verdade uma inspiração outra vez e, amm... ele é mestre da minha escola, de FICA (Fundação Internacional de Capoeira Angola) agora sou parte da FICA. E também é muito importante na minha trajetória como capoeirista, eu comecei com capoeira contemporânea em 2016 e em 2018 comecei capoeira angola com grupo FICA Miami e, é muito lindo o Tenondé, como o mestre, e aprender com ele que é um excelente capoeirista em todos os sentidos é muito bom aprender com ele, me encanta que eh... me apaixona capoeira angola e também a permacultura e a cultura afro-brasileira, história eh.... encontrando e aprendendo mais sobre as raízes da capoeira, as raízes africanas, eh... é uma maneira de me conectar mais com meus ancestrais africanos, é praticando capoeira angola. É... com a espiritualidade africana e, conectar com mãe terra! Permangola pra mim é isso, conectar com a mãe terra. E aqui no kilombo é muito especial, a terra é sagrada, estando aqui nos rituais de.... isso a partir de ritual de rapé e também ontem na caminhada noturna daqui e depois fizemos, um... ritual da roda de fogo, e ... assim, muito especial estar conectada com mãe terra, mas estar conectada comigo mesma, conectando com os demais que estavam nos rituais. E estou muito feliz, conectar e aprender sobre a terra, as plantas, as arvores e tem a ver com o ciclo da vida, ver as plantas crescer, também se aplica em nossas vidas. E me ensina a viver mais simples. Estou dormindo em barraca que não é muito confortável, mas eu gosto assim de viver simples, e me recorda também que eu quero viver mais simples, vivo simples, pra mim mesma, mas pra ajudar minha comunidade e a terra também. É... me recorda também e é uma inspiração também, é... querer viver mais autossustentável, não? Crescer mais ... am. Eu quero aprender a como crescer minha própria comida e não, não depender tanto dos negócios, não? (Paola Montenegro)

O Permangola, e o Kilombo Tenondé, é um espaço de união e compartilhamento de saberes, entendido também como um espaço de cura já que une diversos elementos para reconexão com o mundo e com outrem, com potência para propor transformações por meio de muitas vivências, experimentações.

É ... pra mim, o permangola é um espaço de... compartilhamento. De... saberes, de vivências, porque a gente acaba conhecendo muita gente, né? E... aí rola muita história, né? É ... compartilhamento de momentos

felizes e eu acho também de dores, porque eu também vejo aqui como um espaço de cura, muito forte. É ... tanto uma cura individual, cada um com seus processos, né? Você vê um monte de gente se emocionando e botando coisas pra fora, quanto uma cura coletiva mesmo, né? Um espaço em que a gente nesse todo vê a nossa força, a nossa potência e... mais do que isso, elabora o que a gente pode fazer a partir daí. É ... eu acho que compartilhamento de gostos também, né? Porque em geral o pessoal aqui tem uma pegada parecida, inclusive, por isso que a gente está aqui, é isso (Marta Sanchis Clemente)

A **Esquiva**, categoria que se discutiu até agora, evidencia uma educação baseada na ancestralidade para a afirmação de epistemologias que interpela o domínio do pensamento eurocêntrico ancorado nas experiências de resistência de povos negros, quilombolas ou não, de terreiros, quilombos urbanos e povos indígenas que vêm se organizando e afirmando um movimento que direciona um educar para resistir e existir plenamente.

Bom, é a primeira vez que eu participo, mas já conheço o mestre de outros rodas, de outras caminhadas, a gente faz parte de um movimento chamado teia dos povos, onde a gente tem a cada dois anos um grande encontro de agroecologia, que é a jornada agroecológica. Essa jornada une os povos aqui na região, essa jornada direciona a educação desses povos (Nádia Batista Silva)

Neste movimento de resistir e se voltar contra a opressão, há a construção de territórios e escolas, universidades que proporcionam maneiras próprias de educar e educar-se, evidenciando o protagonismo desses povos e luta por validação de conhecimento. Para tanto, há um projeto de constituição de escolas, universidades e formação de professores/as para atuarem nessas instituições compartilhando saberes necessários à estas comunidades, resistindo as intervenções do estado e a manutenção de uma educação colonizadora.

Nós temos dentro... Aqui tem o permangola, uma escola viva de educação baseada nos princípios da capoeira de angola, mas baseada na... numa cultura ancestral do povo. Eu vejo o permangola como os outros autores também da teia. Eu sou da aldeia Tucum, eu sou Nádia Akawan Tupinambá e na minha aldeia nós temos também escola e a gente quer criar um outro espaço sem vínculo do município do estado, sem o governo está botando as regras dentro da escola.

Nas lutas contra a dominação se faz necessário coordenar as próprias trajetórias e para isso é preciso rever trajetórias e reavaliar, cuidando para não se valer de referências colonialistas e é esse o processo que o Permangola começou a fazer no ano de 2020 quando foram feitas as coletas de dados.

Essas mudanças vêm ocorrendo a partir de diálogos com mestres/as quilombolas, capoeiras e ativistas indígenas para a construção e consolidação de um movimento contracolonizador que implica uma mudança radical no referencial seguindo para a construção dos territórios e nos modos de vida, exigindo adequação do referencial teórico metodológico, por isso a importância de olhar para as cosmovisões indígenas e africanas e suas ancestralidades que carregam em si recursos para transcender a monocultura imposta pelo sistema mundo europeu.

Olha, pra mim é isso, assim o que eu poderia acrescentar é dizer que o Tenondé tem um conflito de referencial ainda que é isso que ele está superando, se inspirar na permacultura, porque a permacultura é que é o elemento colonialista que existe aqui dentro. Então, a partir do momento que é... o evento transfluir esse referencial para confluir naquilo que o Cobra mansa fez hoje que é o cosmograma, quando a relação for direta com o cosmograma sem a intermediação da permacultura aí nesse exato momento o quilombo se consolida como uma referência em modo de vida, não só para a Bahia, não só para Valença, mas para muitas pessoas no mundo (Antônio Bispo Dos Santos)

Portanto, dentro do Kilombo Tenondé e no Permangola, existe uma troca de saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas, as confluências afro-indígenas que se encontram e se organizam num movimento contracolonizador, resistindo ao plano de europeização dos povos pretos e indígenas no Brasil, ancorados da ancestralidade que

pode ser entendida como um “espírito de intimidade com a natureza” (OLIVEIRA, 2007, p. 265) e por assim ser, se opõe aos projetos monos impostos pelo colonialismo.

Constitui-se como uma epistemologia fundamentada na construção de conhecimentos baseadas nas cosmovisões africanas, afro-brasileiras e indígenas, formas de se viver que se contrapõem ao modelo padronizados dentro do sistema capitalista de consumo. Pode-se, então, afirmar que o trabalho desenvolvido no Permangola, agora denominado Cosmoangola, carrega um potencial transformador e educativo que parte dos saberes advindos da Capoeira Angola com seus rituais, bem como os rituais de manifestações indígenas voltados para o cuidado com o meio natural do qual somos parte/parentes.

Esquivar, na perspectiva que propomos aqui, é então um tema gerador que proporciona a compreensão de um sistema colonizado que te impõe uma forma de produzir conhecimento que se alinha com o apagamento histórico, que através da colonialidade do ser, poder, saber, contribuem para a perpetuação do racismo, machismo, sexismo existentes em nossa sociedade.

Portanto, dentro do Kilombo Tenondé e no Permangola, existe uma troca de saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas, as confluências afro-indígenas que se encontram e se organizam num movimento contracoloizador, resistindo ao plano de europeização dos povos pretos e indígenas no Brasil, ancorados da ancestralidade que pode ser entendida como um “espírito de intimidade com a natureza” (OLIVEIRA, 2007, p. 265) e por assim ser, se opõe aos projetos monos impostos pelo colonialismo.

COMBATER

*Iê
Eu já lhe disse que sou
Planta de raiz profunda
Eu aguento tempestade
O meu barco não afunda
Eu sou aço de primeira
Que a brasa não derrete
Flecha de má pontaria
Duvido que me acerte
Forte como Bá-o-bá
Tronco grosso e resistente
Osso duro de roer
Que não é pra qualquer dente*

*Nasci carne de terceira
Difícil de cozinhar
Mas sou forte pra qualquer
Que saiba me conquistar
Quem não venha com coleira
Pra querer me escravizar,
Camarado!*

(MORAES, Disco, 2005)

O tema gerador **Combater**, então é uma reação estratégica, a partir do movimento constante à violência sofrida. Implica na percepção de um sistema de opressões e reagir a esse sistema, por vezes sendo “violentamente pacífico”¹⁹. É um conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas que perspectivam a sobrevivência. Sendo uma forma de alcançar a vida plena, opera numa lógica contrária a lógica moderna. Trata-se, portando, de fugir ao modus operandi do estado exceção²⁰, sendo esta, uma forma de criação, produção de conhecimento que se opõem às políticas da morte,

[...] a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o *status* de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146).

A partir desses apontamentos, é possível considerar que o tema gerador **Combater** aponta para a luta do povo preto por existência social plena. Está na criação de territórios, inovação para geração de renda e meios que lhe garanta a manutenção da vida, focado na produção de alimento, um espaço de agência negra.

¹⁹ RACIONAIS MC’S. Capítulo 4, versículo 3. In: Sobrevivendo no inferno, COSA NOSTRA, São Paulo: 1997.

²⁰ Sobre estado de exceção ver MBEMBE. Achille. Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte. **Arte & ensaio**. N.32. Rio de Janeiro. 2016.

Uma agência negra com vários parceiros também, os discípulos, pessoas simpatizantes, amigos e amigas e a comunidade quilombola que está presente lá, que faz esse trabalho junto com o professor Mansa. Então, no pouco tempo que estou aqui, eu aprendi muita coisa, né! Através das pessoas, pessoas diferentes. Você vê que é um espaço negro e ao mesmo tempo um espaço plural do ponto de vista racial é! Tem homens, tem mulher, tem crianças, mas tudo gira em torno da Capoeira que proporciona que proporciona outros tipos de humanidade, de projetos sociais com um impacto muito forte. Então eu aprendi com cada pessoa, a alimentação que foi muito, muito... uma alimentação saudável, né! (Bas'Tllele Melomano)

Sobre agência negra, esta se apresenta dentro do paradigma da afrocentricidade que pressupõe mudanças sociais e está localizado dentro do contexto da história e cultura segundo Aza Njeri (2020) apud Molefi Kete Asante (2014). A agência negra, na prática seria então:

[...] toda a ação que coloca na centralidade de seus fenômenos o olhar/interesse de seus agentes. Isso quer dizer que, diante da realidade da Afrodiaspora brasileira, seria interessante a aplicação da agência dessa população de forma a fazer cumprir não só a lei 10639/03, mas sobretudo, a mudança de paradigma para uma equidade racial (NJERI, 2020, p. 263-264).

Ou seja, o **Combater** compreende uma organização política para fazer valer o direito garantidos na constituição. É a luta por reconhecimento, a estruturação de grupos como o Movimento Negro Unificado (MNU), a Coalizão Negra por Direitos e tantos outros que criam estratégias de emancipação social, se posicionando como atores políticos, pois “se a lógica do pensamento abissal é tornar os Outros inexistentes e inferiores, a lógica desses Outros é conquistar o seu lugar de existência” (GOMES, 2012, p. 733).

A luta, reação a tentativa de aniquilação gerada a partir de uma sociedade brasileira, racista e genocida, está, então na construção de organizações, como quilombos

no Brasil, como é o caso do próprio Kilombo Tedondé. Nilma Lino Gomes (2012) citando Santos (1994), apresenta uma concepção mais alargada do Movimento Negro.

ele pode ser compreendido como um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de libertação e de enfrentamento do racismo. Entre elas encontram-se: entidades religiosas (como as comunidades-terreiro), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como “clubes de negros”), artísticas (como os inúmeros grupos de dança, Capoeira, teatro, poesia), culturais (como os diversos “centros de pesquisa”) e políticas (como as diversas organizações do movimento negro e ONGs que visam a promoção da igualdade étnico-racial) (GOMES, 2012, p. 733-734).

Toda essa ordenação se expressa em mobilizações da comunidade negra e cabe ressaltar que com o fim do colonialismo, mas com a colonialidade do ser, do saber e do poder, as estruturas de opressão se mantem, através das elites que vão perpetuando o modelo colonizado.

Nesse ponto, vemos a impossibilidade de acesso a quase todos os meios que proporcionam mobilidade social e/ou ascensão social. Por todas essas questões é que não vemos nenhuma diversidade nos cargos que conferem poder e onde são tomadas as decisões. Quando acessamos tais locais, ficamos condicionados, cumprindo a cota, pois ainda se é muito comum a prática do *tokenismo*²¹. Com isso, as oportunidades são escassas e seu trabalho é pouco valorizado, portanto a construção de espaços como o Kilombo se faz tão necessário. Nesses espaços, vive-se livre, ao menos do racismo. Logo, busca-se a construção desses espaços, não é que se pense em segregação reversa, mas sim num modo de fortalecimento entre os pares para que assim seja possível a luta por equidade, haja visto a demonização e proibição de práticas culturais/educacionais e tecnológicas dos povos marginalizados.

²¹ Prática que visa a inclusão simbólica de minorias, afim de se criar a ideia de que esses grupos estão sendo representados de forma igualitária. Entretanto, ao se traçar um recorte histórico e levantar dados que expõem a atual realidade política brasileira, fica explícito que muito ainda precisa ser feito para que os espaços sejam ocupados de maneira equivalente (ROSÁRIO; GOMES; TOMÉ, 2022, p. 5).

[...] O nosso projeto é que a escola chama Arco e flecha Maracá, uma escola nossa que dali também uma universidade, nós já temos professores suficientes para assumir a escola. Também dentro desse movimento tem a escola das águas, o povo das ribeirinhas, o povo do quilombo, o povo do quilombo, aqui tem um quilombo perto, Preciosa e tem o povo do terreiro (Nádia Batista Da Silva)

Então, eu vejo o permangola com essa possibilidade de dar voz também a muitos que aqui, que não sabem que tudo isso é educação, que esse é espaço um espaço educativo, que a caminhada para conhecer as plantas, as árvores, o solo, o rio, é uma caminhada educativa, né. Que o próprio tomar banho de rio, o próprio banheiro seco, tudo que é construído nesse espaço faz parte dos conteúdos dessa educação (Nádia Batista Da Silva).

Na busca por autonomia, o **Combater** é uma afirmação a partir do próprio corpo, já que “estes corpos são território tanto de saberes ancestrais quanto de resistências presentes nos dribles, contragolpes e mandingas” (LOBO, 2021, p. 04). Conseqüentemente o combater está ancorado na perspectiva contracolonial sendo ela, a Contracolonialidade, o “processo de enfrentamento entre povos, raças etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 20). Haja vista o transcurso da política de eugênica no Brasil, que se manifesta por meio do branqueamento, da morte física, assassinato de um jovem negro/a, a cada 23 minutos no Brasil²². A não demarcação de territórios indígenas, a guerra travada contra essa população como explicitada na fala de Ailton Krenak, em que diz que estamos em guerra²³. Os territórios quilombolas não demarcados e todas as dificuldades criadas para essas demarcações, além das dificuldades de acesso e permanência, ou mesmo a construção de políticas públicas para essas populações.

Por conseguinte, o **Combater** é contra a perda de mundo, ou o “fim dos mundos” que se inicia com o processo de colonização e não com o processo mais recente de

²² Para saber mais acesse: << <https://sismmac.org.br/a-cada-23-minutos-morre-um-jovem-negro-no-brasil/>>>. Acesso em 26/01/2023.

²³ Vide documentário Guerras do Brasil. Trecho da fala: << <https://www.youtube.com/watch?v=hM0ID91hBn0>>>. Acesso em 26/02/2023.

disseminação-imposição da cosmologia mono-linear-sintética-euro-cristã, a globalização” (LOBO, 2021, p. 06).

Desta maneira, lutamos para que se preserve modos de vidas, epistemologias, um modo de educar e educar-se que se assenta em cosmologias não eurocentrada e que, consideram que as lutas são também cosmopolíticas:

[...] pode envolver ao mesmo tempo realidades humanas e mais-que-humanas, como foi possível observar nestas compreensões que englobam os cosmos, seja na biosoidade cósmica (Ntumba, 2014) africana do Ubu-Ntu (Ramos, 2011; Malomalo, 2018, 2020) ou no pensamento afrodiaspórico ancestral do mestre quilombola Nêgo Bispo. Em confluência, mestres, lideranças e caciques/cas indígenas apontam que os encantados são parte fundamental da luta política contracolonial (LOBO, 2021, p. 13).

O **Combater** é uma ação, gerada com o movimento que se encontra no gingar sempre, negando a negação, afirmando saberes e territórios, bem como a preservação da diversidade epistemológica.

TRANSCENDER

*Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa
De ter feito a abolição?
De ser princesa boazinha
Que libertou a escravidão...
Eu tô cansado de conversa,
Eu tô cansado de ilusão,
Abolição se fez com sangue
Que inundava esse país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
Ainda por se fazer agora
Com a verdade da favela
Não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora*

*De acabar com essa maldade
De ensinar a nossos filhos
O quanto custa a liberdade
Viva a Zumbi nosso rei negro
Se fez herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos quilombos
E já jogava capoeira
Iê maior é Deus...*

(Mestre Tonny Vargas)

Trazemos o tema gerador **Transcender**, na perspectiva transmoderna de Henrique Dussel (2015), como forma de superação da colonialidade do saber, do ser e do poder, buscando estabelecer um diálogo simétrico e transmoderno entre as culturas. Assim, o tema gerador **Transcender**, evidência a busca para a superação de uma prática colonizada nos modos de educar e educar-se, problematizando a realidade perante as opressões no mundo social, cultural e político em que os participantes do Permangola partilham práticas, conhecimento e saberes, educando-se para a transformação e pela mudança necessária, seguindo assim, o caminho contracolonial apontando para novos horizontes epistemológicos, pautados nas culturas afro-indígena.

Essas culturas, como apontam (DUSSEL, 2015, p. 62-63) “Não estão mortas, mas vivas, e, atualmente, em pleno processo de renascimento, buscando (e inevitavelmente equivocando-se) novos caminhos para o desenvolvimento de seu futuro próximo”. Partindo, então,

do ponto de sua própria experiência cultural, diferente da euro-americana, portanto capaz de responder com soluções completamente impossíveis para a cultura moderna única. Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da Modernidade (mas avaliados com critérios diferentes a partir de outras culturas antigas), terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes (DUSSEL, 2015, p. 63)

Mediante a isso, passamos agora a elencar os processos educativos emergentes do Permangola, levando em consideração que “nas práticas sociais promove-se formação

para a vida na sociedade por meio dos processos educativos que estas desencadeiam” (OLIVEIRA et al, 2014, p. 35).

Os processos educativos emergentes no Permangola estão pautados na convivência que é favorecida pelos treinos de capoeira, oficinas de permacultura, agrofloresta, poda, enxertia, bioconstrução etc., aponta para um modo de construção do conhecimento que está baseado na troca, pois o convívio aqui se constrói sem hierarquias pré-estabelecidas através de uma titulação, seja ela acadêmica ou ligada a alguma forma de graduação dentro da capoeira, então um processo educativo encontrado, o aprender ensinando e ensinar aprendendo, está no coletivo, que emerge das relações estabelecidas entre as pessoas. “ao ocorrerem dessa maneira, os processos educativos dispensam a organização de seus conteúdos em módulos fragmentados dos conhecimentos e saberes que vão sendo trocados [...]” (FOGANHOLI, 2015, p. 176).

Tem um conceito, para mim foi muito bonito... uma menina falava, não sei quem, mas que existe um conceito desses... de ensinar aprendendo. E aprender no cotidiano, né? Nas relações com as pessoas, é... nas... nos problemas do dia a dia que aparecem para você responder, na oportunidade de aprender, né! (Alexandre Watson).

o principal que eu aprendo é o coletivo, né? O fazer as coisas em conjunto, mesmo que no, no no... na situação eu possa ser o sabedor da situação, mas eu tenho que agregar o pessoal mesmo inexperiente, ou eu tano também sem saber da questão e a pessoa me agregar e passar então, aqui o conjunto o coletivo, eu percebo que é muito forte, eu não tô aqui pensando em mim, né! (Djalma dos Santos).

Eu acho que o que a gente aprende mais durante o permangola é como trabalhar no coletivo, né? São muitas pessoas de vários lugares, né? de várias regiões, várias nacionalidades, então acho que tanto aprende como passa é a comunicação, né? Como que você... aquele conhecimento que você tem como você transfere para aquela pessoa, consegue explicar de um jeito que ela vai entender, né? E tanto isso da pessoa também, de mostrar a experiência que ela teve em outro lugar pra gente com essas duas experiências trabalhar juntos isso (Vynne Santos)

Tal processo educativo, proporciona que todos/todas sejam protagonistas da práxis educativa, agregando alguma coisa relevante ao processo de criação e que servem

aos interesses da própria comunidade, que reconecta com formas ancestrais de ser e estar no mundo e que servem para educar e educar-se na com base no conhecimento existente dentro da própria comunidade.

Então, eu acho que o permangola ele traz essa mesma essência que essas culturas da região, né! Tanto indígenas como afrodescendente, como negros do quilombo, têm uma essência de cultura, de raiz que parte da oralidade e essa oralidade é o que fica pra gente, então é importante que alguém veja o permangola e depois fale o que aprendeu com o permangola, né. Então aqui você tem aulas científicas pra tudo, né. Eu falo sempre para os professores o qual eu faço formação, eu sou formadora de professores indígenas e não indígenas. Eu digo pra eles que eles constroem o conhecimento, nós construímos o conhecimento, né. Nós da Capoeira, das aldeias, os povos, comunidades tradicionais construímos o conhecimento, esse conhecimento vai para a academia, se transforma em teses científicas e volta para as escolas pra eles estudar o que ele mesmo falou. Então, é importante dominar é... o espaço acadêmico também, mas é importante que também que não seja limitado somente esse espaço para falar de conhecimento, então eu acho que a academia, ela tem um certo é... um desrespeito digamos assim, em acolher esse conhecimento. Na mesma medida que ele convida um mestre da tradição oral, que ele convida um mestre acadêmico, ele não tem os mesmos direitos, o mesmo reconhecimento e se a academia está vindo no terreiro, tá vindo nas aldeias, ela precisa dar voz pra esse povo (Nádia Batista Da Silva).

Com isso, entendemos que os meios de produção de conhecimento, devido a colonialidade do saber, ainda reproduz um sistema excludente, se mantendo dentro do sistema capitalista de forma inalterada, servindo a esse sistema sendo este “[...] O sistema educacional dominante não é mais que o sistema de dominação cultural” (FIORI, 1986, p. 9). A epistemologia dominante é uma epistemologia contextual e que se assenta numa dupla diferença, a cultura do mundo moderno ocidental cristão e a política do colonialismo e capitalismo. Um hiper contexto com pretensão de universalidade, resultando numa intervenção epistemológica imposta por meio da força, interferência política, econômica e militar que se impuseram aos povos e culturas não ocidentais e não cristão, marginalizando e subalternizando todas as outras formas de conhecimento produzido por povos e culturas não ocidental e cristã e decorrente disso, corroborando com o epistemicídio

Com isso foi reduzida e desperdiçada às experiências sociais e a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, sendo essas práticas sociais com seus conhecimentos considerados apenas saberes inferiores próprios de seres inferiores.

Portanto, para que haja essa transcendência, se faz necessário a inclusão desses saberes dentro das instituições educacionais, e que os diálogos entre os conhecimentos produzido sejam simétricos, que todas as pessoas possam serem reconhecidas e valorizadas com o conhecimento que carrega, advindo de suas comunidades de origem, pois povos, pretos e indígenas ainda sobrem com processo de embranquecimento quando acessam as instituições de ensino.

CONSIDERAÇÕES GINGADAS

Seguindo a nossa lógica existencial do gingar sempre, reservamos este espaço para as considerações gingadas. O percurso dissertativo desse trabalho perpassa por todos os meus anos de prática de capoeira e assim investigar educação, os processos educativos decorrentes da prática da capoeira, epistemologias e quilombos, atravessar duros períodos sem se reconhecem no meio acadêmico, pois foi um processo também de descoberta do quão embranquecedor é esse mesmo espaço, o quanto te afasta do seu próprio modo de ser.

Porém, assim como a criação de instituições como quilombos foram necessárias durante o início do período colonial, propondo um outro modelo de sociedade, vemos a necessidade de instituir quilombos nos espaços universitários, de graduação e pós-graduação, pois “enquanto existir sociedades colonialistas em ação contínua para dominar, impondo suas cosmologias e subjugando as expressões cosmológicas de outros povos, faz se necessário sermos permanentemente contra-coloniais” (SILVA, 2019, p.

92). Visto que vivemos dentro do paradigma da modernidade colonialidade que implica em reprodução do racismo, machismo, sexismo.

Uma sociedade claramente segregada que ainda hierarquiza os conhecimentos produzidos entre superiores e inferiores, em que a democracia só existe em um seguimento da sociedade (branco e eurocentrado), do outro lado, há apenas a regulação e violência. Logo a contra-colonização implica em luta para se efetive a democracia e buscar por equidade, assim:

[...] conjecturamos que a democracia só é possível com um combate ao racismo em todas as suas frentes. Vale ressaltar que Mbembe é herdeiro de Fanon. Os “condenados da terra” continuam existindo e são indispensáveis para a manutenção dessa versão “democracia” que se traduz como neoliberalismo. Diante do controversíssimo projeto de civilizar o mundo perpetrado pela Europa e das relações assimétricas de poder entre elites europeias e africanas, o pensador camaronês está sugerindo que a população negra mundial, assim como os povos indígenas, abandone o estatuto da vítima (o que não podemos confundir com vitimização) e a população branca deixe de negar os privilégios e a responsabilidade histórica. Ainda que a formulação de Mbembe possa parecer bastante sutil, nossa hipótese é de que a democracia só é viável no enfrentamento do racismo. Daí, as reflexões mbembianas trazem duas categorias analíticas para a cena da democracia: reparação e restituição. Em outros termos, a democracia só é possível mediante os esforços de reparar e restituir. A liberdade não é uma lei natural contra o mercado e a humanidade tal como princípios sobrenaturais; a liberdade, no contexto democrático, só é possível superando o racismo num exercício profundo e generoso de restituir e reparar as condições de bem-viver para todas as populações que têm sido historicamente animalizadas. Sem dúvida, é preciso reconhecer o grande desafio contemporâneo das novas faces do fascismo, todos os seus rostos camuflam a ditadura do mercado – arquirrival da democracia – como se fosse o sinônimo mais bem elaborado da democracia. Porém, o verdadeiro nome desse fenômeno é racismo. Contudo, somente a reparação e a restituição são elementos políticos necessários e suficientes para a produção de um projeto democrático de mundo (NOGUERA, 2018, sp).

Por conseguinte, estarmos nesses espaços, por mais difícil que seja, é também um modo de contracolônizar, em razão disso é que inserimos nesses espaços conhecimento que estão as margens, por serem considerados inferiores.

Mantendo esse dinamismo, nesse trabalho, entre outras questões, mantemos a preocupação de apresentar ao campo da educação, um debate que torna necessário para aprofundamento dos estudos na perspectiva contracolônial e desta maneira fazer atualizações sobre o debate com a complexidade exigida, sem que a preocupação de esgotar, todo e para sempre seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre**: A Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativas. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

ALBUQUERQUE, Carlos Vinicius Frota de. "**Tá na água de beber**": Culto aos ancestrais na Capoeira. 2012. 134 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2012.

ABIB, Pedro R. J. Os velhos capoeiros ensinam pegando na mão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/g3BxxnrvhvHNtHZfcdzRqZc/?lang=pt>> - Acesso em: 15 set. 2021.

ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. *In*: OLIVERA, Maria W.; Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 47-107.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110

BALD. C.B. Gomes Cesar Augusto Lilian. Retomada do julgamento sobre titulação de territórios: uma ameaça aos direitos quilombolas. **Justificando**. 08/01/2017. Disponível em:< <http://www.justificando.com/2017/08/01/retomada-do-julgamento-sobre-titulacao-de-territorios-uma-ameaca-aos-direitos-quilombolas/>> Acesso em: 07/06/2022.

BARBOSA, Viviane M. **Mulher na roda**: experiências feministas na Capoeira Angola de Porto Alegre. 2017. 156 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/171226>> Acesso em: 24 fev. 2020.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 2021-06-22.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. 2015. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. II: convivência, respeito, tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006.

BORGES DO ROSARIO, Luiz Gustavo; PETRUCCI CORRÊA MACHADO GOMES, Maria Teresa; LOBO DA SILVA ALVES TOMÉ, Davi. ENTRE A SUB-REPRESENTAÇÃO E O TOKENISMO: UMA ANÁLISE DO GÊNERO E DA RAÇA NAS ELEIÇÕES DE 2020 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S.l.], v. 13, n. 1, aug. 2022. ISSN 2236-451X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/82698>>. Acesso em: 26 jan. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/recp.v13i1.82698>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 03/06/2022.

BRASIL, **constituição da república federativa do brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Artigo 68 da Constituição Federal – 1988. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, XX – 1988.

BRASIL. Decreto nº 3.912, de 10 de setembro de 2001. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 de setembro de 2001**.

BRASIL, **Decreto nº 6.261 de 20 de novembro de 2007**. Dispõe sobre a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6261.htm. Acesso em: 14 agosto 2022.

CORDEIRO, Albert Alan de Sousa; ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. **O jogo capoeiro: uma pedagogia decolonial?** EccoS – Rev. Cient. n. 45, p. 137-154, jan./abr., São Paulo, 2018.

DIREITOS QUILOMBOLAS. **Comissão pró índio do estado de São Paulo**. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/>>. Acesso em: 07/06/2022

DAMACENO, Maria; AMORIN, Gabriel C; CARDOSEO, Dorvalino R. Modernidade/colonialidade/decolonialidade: Perspectivas teóricas e histórica. **Revista TEL**. V. 13. n. 1, p. 12-27. Jan/jun. Irati, 2022.

DE MATHEUS E SILVA, Luis Fernando. Sembrando nuevos agricultores: contraculturas espaciales y recampesinización. **Polis**, Santiago, v. 12, n. 34, p. 57-71, abr. 2013. Disponible en

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682013000100004&lng=es&nrm=iso>. acessado em 28 nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682013000100004>.

DUSSEL, Enrique D. Cultura ilustrada e libertação da cultura popular. *In*: DUSSEL, Enrique D. **Para uma ética da libertação latino-americana III**: erótica e pedagógica. Piracicaba: UNIMEP, 1982.

DUSSEL, Enrique D. **Transmodernidad e interculturalidad** (interpretación desde la filosofía de la libertad). Ciudad de México: UAM, 2016.

DUSSEL, Enrique D. La función del filósofo es crear teoría para transformar la realidad. **La Capital**. Disponível em: < <https://www.lacapital.com.ar/educacion/dussel-la-funcion-del-filosofo-es-crear-teoria-transfor-mar-la-realidad-n1462387.html> > Acesso em 13 ago. 2018.

FANON, Fanon. **Os Condenados da Terra.**, RJ: Editora Civilização Brasileira Rio de Janeiro, 1968.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. Editora Ubu. São Paulo, 2022.

FERRARI, Maíra M. **Na semente já existe um Baobá**: Capoeira, educação ambiental e transformação socioambiental. 2018. 108 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10579?locale-attribute=es> > Acesso em: 24 fev. 2020.

FELLET, João. Governo Temer Trava demarcações de áreas quilombolas. **CONAQ**. Brasília, s.d. Disponível em: <<https://conaq.org.br/noticias/governo-temer-trava-demarcacoes-de-areas-quilombolas/>>. Acesso em: 07/06/2022.

FIORI, Ernani M. O fio condutor de um pensamento itinerante. *In*: FIORI, Ernani M. **Textos escolhidos**: metafísica e história. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 32-52.

FIORI, Ernani M. Aprender a dizer a sua palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 11-31.

FIORI, Ernani M. **Textos escolhidos**: educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. Educação e Realidade. Porto Alegre, 11 (1), p. 3-10, jan/jun., 1986.

FINHOLDT ANGELO LEITE, Vania. Ser Mais: coerência entre a vida e o conceito de Paulo Freire. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1–12, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16581.046. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16581>. Acesso em: 4 dez. 2022

FOSSALUZA, André Santachiara e TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. O Ensino de Permacultura no Brasil: o papel dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e as contribuições da Educação Ambiental Crítica. *Ciência & Educação* (Bauru) [online]. 2020, v. 26 [Acessado 28 novembro 2022], e20042. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-731320200042>>. Epub 09 Out 2020. ISSN 1980-850X. <https://doi.org/10.1590/1516-731320200042>.

FRANÇA, Abia Lima. **Capoeira & educação**: produção do conhecimento em jogo. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26945> > Acesso em: 24 fev. 2020.

FREIRE, Paulo. Primeiras palavras. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 31-37.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GAMA, Alessandra R. **Canjerê**: uma performance cartográfica em patrimônio cultural, educação e africanidades. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8336?show=full> > Acesso em: 24 fev. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. Educ. Soc., 2012 33(120), jul. 2012.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa Social** (org.). Teoria, método e criatividade, Petrópolis: Vozes. 2002.

GUTIERREZ PINTO, Darci. La permacultura como fundamento del ordenamiento territorial. Propuesta de Desarrollo Sostenible en Cerro Colorado, Arequipa. *Rev. Iberoam. estud. munic.*, Santiago, n. 23, p. 129-152, 2021. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-17902021000100129&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.32457/riem.v23i2.520>.

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de. **Uma educação outra**: a decolonização de escolas e universidades. 2021.

JANUARIO, Flavio. **Diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas**. 2014. 529 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102131/tde-10022015-095805/pt-br.php>> Acesso em: 29 ago. 2019.

KILOMBO Tenondé. Disponível em: <<http://www.kilombotenonde.com>> Acesso em: 7 jul. 2017.

LEITÃO, Luís António Ferreira. **Análise dos discursos femininos no contexto da Capoeira na revista “Praticando Capoeira**. 2004, 88 p. Dissertação (apresentada com vista à obtenção do grau de licenciado em Ciências do Desporto e Educação Física, pela Universidade de Coimbra.) Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

LIBERATO, Rita S. B. **Comunicação, saberes e sabores: estratégias de sobrevivência e práticas de bem viver na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba**. 2018. 333 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2018. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS2_cafb036b732aa9dcdcf6ea790dd803a9> Acesso em: 30 ago. 2019.

LOBÔ, Jade Alcântara. “O debate agora é cosmopolítico”: Perspectiva Afropindóricas, Antropocego e Ontologia Combativa. **Novos Debates**, Brasília/DF, 2021.

MBEMBE, Achille. Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte. **Arte & ensaio**. N.32. Rio de Janeiro. 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Modernidade, colonialidade e a colonialidade do ser. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 350-363.

MACHADO, Sara A. M. **Baobá na encruzilhada: ancestralidade, Capoeira angola e permacultura**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/20061>> Acesso em: 24 fev. 2020.

MARTIN, Rocío Belén; DONOLO, Danilo Silvio; CUGINI, Ana. Comunidad de prácticas y aprendizajes verdes. El caso de una cooperativa de Arte Permacultura. **Coodes**, Pinar del Río, v. 8, n. 2, p. 263-281, agosto 2020. Disponible en <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2310-340X2020000200263&lng=es&nrm=iso>. accedido en 28 nov. 2022. Epub 02-Ago-2020.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MENESES, Maria P. Epistemologias do sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. [Online], 80, 2008. Disponível em <<https://journals.openedition.org/rccs/689>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197-208.

NJERI, Aza. Notas sobre educação pluriversal: África & Afrodiaspora. In: BORGES-ROSARIO, Fábio; JOSÉ DERZI MORAES, Marcelo; HADDOCK-LOBO, Rafael (organizadores). **Encruzilhadas Filosóficas**. Coleção X (Organização Rafael Haddock-Lobo) – Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância panafricanista. 3º ed. rev. Editora Perspectiva. Rio de Janeiro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkim; GÁ, Luiz Carlos (ORG). **Andikra – Sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 200

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade /UFRGS / Sulina, 1999. p. 61-93.

NOLASCO, Carlos. Em busca de movimentos ausentes para motricidades emergentes: a relação entre epistemologias do sul e motricidade humana. **Motricidades**: Rev. SPQMH, v. 3, n. 3, p. 199-212, 2019. Disponível em: < <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2019.v3.n3.p.199-212/html> >. Acesso em: 24 maio 2020.

ÒKÒTÓ, Táíwò. **Para além do senso comum sobre Capoeira**: porque “nem tudo que reluz é ouro; nem tudo que balança cai”. Disponível em:<

<https://medium.com/@maicolwilliam/para-al%C3%A9m-do-senso-comum-sobre-Capoeira-e037ef40b9bd> > Acesso em: 24 maio 2021.

OLIVEIRA, Gilmar A.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. Processos educativos desvelados na roda de Capoeira da Associação Pena de Ouro. **Motricidades**: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2018.v2.n3.p.177-189/html> > Acesso em: 24 maio 2021.

OLIVEIRA, Lorena Silva. O quilombismo: uma expressão da filosofia política afroperspectivista. **Problemata**. R. Intern. Fil. V. 10. n. 2, 2019.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisas em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W., Fabiane R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

PAULA, Cristiane C.; PADOIN, Stela M. M.; TERRA, Marlene G.; SOUZA, Ivis E. O.; CABRAL, Ivone E. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília 2014, v. 67, n. 3, p. 468-72.

PEREIRA, Ludimar Paulo. **Da escola da Capoeira para o jogo da vida**: os processos educativos vivenciados por seus praticantes. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018. Disponível em: < <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/24537> > Acesso em: 24 fev. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-117.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma; TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos; OLIVEIRA, Maria Waldenez de; ALMEIDA, Sara Ferreira de. Convivência metodológica: o que aprendemos com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS, 4, 2013, São Carlos. **Anais...** São Carlos: PSPE, 2013. p. 42-49.

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 353–381, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651758>. Acesso em: 11 jan. 2023.

RUFINO, Luiz; PEÇANHA, Cinézio F.; OLIVEIRA, Eduardo. Pensamento diaspórico e o” ser” em ginga: deslocamentos para uma filosofia da Capoeira. **Capoeira – humanidades e letras**, Bahia, v. 4, n. 2, p. 75-83, 2018. Disponível em: < <http://www.Capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs/2.4.5/index.php/Capoeira/article/view/124> > Acesso em: 15/03/2021.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. **Revista Antropolítica**, Niterói, v. 40, n. 1, p. 54-80, 2016.

SALES, Raissa Karen Leitinho; AMARO, Ana Carla e BALDI, Vania. Construindo Confiança em Plataformas Digitais Para Partilhar Estilos de Vida Colaborativos em Contextos Sustentáveis. **Comunicação e Sociedade** [online]. 2021, vol.39, pp.223-247. Epub. 30-Jun-2021.

SANTOS, Boaventura S. **Toward a new common sense**: law science and politics in the paradigmatic transition. New York: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-71.

SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Ale. **Rastros de resistência**: histórias de luta e liberdade do povo negro. 1°. ed. Panda Books, São Paulo, 2019.

SANTOS, Maria W. **Saberes da terra**: o lúdico em Bombas (estudo de caso etnográfico).
SANTOS, M. de M. As irmandades negras na encruzilhada do “sincretismo”: leituras sobre o Catolicismo e as religiosidades afro-baianas nos séculos XIX e XX. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], v. 1, n. 36, 2020. DOI: 10.26512/em tempos. v1i36.31701. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31701>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SEVERINO, Antônio J. O universal, o singular e a historicidade na pesquisa do cotidiano. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 3, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SE&PQ, 2006. p. 1-9.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** - Ano V - No 10. 2002.

SILVA, Rafael F. **Africanidades no ritual das ladainhas de Capoeira Angola**: pretagias e produção didática no quilombo. 2015. 135 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16660> > Acesso em: 24 fev. 2020.

SILVA, Rayane M. **Entrando no jogo**: reflexões sobre os saberes docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino de Capoeira na escola. 2018. 111 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA-FELIX, Abayomi M. **Permacultura e Capoeira Angola**: análise de redes sociais e estruturação de unidades demonstrativas na nova PNATER. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16647?mode=full> > Acesso em 24 fev. 2020.

SANTOS, Neemyas K. B. Merleau-Ponty e a psicologia: considerações sobre a Intersubjetividade. **Fenomenol. & Psicol.**, São Luís, v. 2, n. 1, p. 4-18, 2014.

SILVA, Petronilha B. G. **Relatório de pesquisa** – estudos afro-brasileiros; pesquisando e implementando conteúdos e metodologias. São Carlos: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/UFSCar, 2006.

SILVA, Petronilha B. G. A palavra é.... africanidades. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.15, n. 86, p.42-47, 2009.

STARHAWK. Magia, visão e ação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. Rev. Inst. Estud. Bras., 2018 (69), jan. 2018.

SOLDATELLI, Brenda Debona; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; IAGNECZ, Rachel de Souza Fonseca. **Transmodernidade**: uma análise dos efeitos do eurocentrismo na

dominação do gênero e no encarceramento feminino. IX Seminário internacional sobre Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019.

SCHROEDER, Anastácia. “Escute seu mestre menina...” **O ambiente gingado e narrado a partir da Capoeira Angola**: tecendo conexões entre corpo, cultura e Educação Ambiental. 2017. 117 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22494>> Acesso em: 24 fev. 2020.

TAFURI, Diogo M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fundamentos teóricos conceituais da pesquisa em práticas sociais e processos educativos. **Educação Unisinos**, v. 21, n. 1, p. 40-49, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2017.211.05> > Acesso em: 29 ago. 2019.

TEDLA, Elleni. **Sankofa**: african thought and education. New York: Petter Lang, 1995.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista** [online]. 2006, n. 27 [Acessado 29 Novembro 2022], pp. 93-110. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S010440602006000100007>>. Epub 10 Jul 2007. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000100007>.

ZITKOSKI, Jaime José. LEMES, Raquel karpinski. O Tema Gerador Segundo Freire: base para interdisciplinaridade. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/zitkoski_lemes.pdf.

APÊNDICES A

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Participante 01

Djalma dos Santos

Gilmar – O que é isto, permangola para você?

Djalma – O Permangola para mim, ele é bem... bem amplo assim para traduzir assim de uma palavra só, né? É... ele hoje, hoje para mim ele está sendo o permangola e antes eu tinha outra, outra finalidade assim do permangola. Hoje ele para mim é mais como um alerta, é mais como uma reflexão, é mais como uma afirmação que a gente tem que ter com a natureza, né? Essa conscientização que o permangola traz com a nossas ações perante a natureza, perante os nossos consumos, de tudo né? Que ... que o nosso sistema traz para a gente né? Então, o permangola hoje pra mim é essa conscientização, ela... ele traz essa consciência, né? Tanto da Capoeiragem como do nosso ambiente que a gente tá circulando, o cuidado da terra, né? Então hoje pra mim, nesse momento o permangola pra mim é isso!

Gilmar – E o que você ensina e aprende durante o permangola?

Djalma – olha, eu aprendo... o principal que eu aprendo é o coletivo, né? O fazer as coisas em conjunto, mesmo que no, no no... na situação eu possa ser o sabedor da situação, mas eu tenho que agregar a galera mesmo inexperiente, ou eu tano também sem saber da questão e a pessoa me agregar e passar então, aqui o conjunto o coletivo, eu percebo que é muito forte, eu não tô aqui pensando em mim, né? Você está aqui fazendo sua pesquisa, mas você está vendo o coletivo, né? Também depende de um coletivo pra pesquisa, então aqui eu fico bem aflorado essa questão do coletivo, um com o outro. Tato na questão da alimentação do espaço, né? É isso ai o coletivo!!

Gilmar – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Djalma – É... eu tô assim meio vazio, porque não tomei café ainda

Participante 02

Vynne Santos

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

Vynne – ah, acho que o permangola é a integração do.... da filosofia da Capoeira com a filosofia da terra, né? Você começar a perceber o que esse movimento da Capoeira tem a ver com a terra, né? Então o que você pode observar da terra e trazer pra Capoeira, o que você pode trazer da Capoeira pra terra, né? Assim, qual são as grandes questões, né? Então acho que o permangola ele é isso, né? Esse mix da Capoeira com a terra, né? Uma coisa mais natural, né? Pô, pra mim acho que é isso, define bem!!

Gilmar – E o que você aprende e ensina durante o permangola?

Vynne – Eu acho que o que a gente aprende mais durante o permangola é como trabalhar no coletivo, né? São muitas pessoas de vários lugares, né? de várias regiões, várias nacionalidades, então acho que tanto aprende como passa é a comunicação, né? Como que você... aquele conhecimento que você tem como você transfere para aquela pessoa, consegue explicar de um jeito que ela vai entender, né? E tanto isso da pessoa também, de mostrar a experiencia que ela teve em outro lugar pra gente com essas duas experiencias trabalhar juntos isso.

Gilmar – Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Vynne – É... eu acho isso, né? Quando você começa a viver na terra e a perceber o tempo que a terra tem, você começa a ganhar um outro tipo de conhecimento, que a gente já tinha, né? Todos os povos eles já tinham essa conexão muito forte com a natureza e o espaço ele começa a te dar essa... esse privilégio, né? De você conseguir observar. O que é muito... o mundo hoje em dia ele, o sistema ele começou a deixar tudo em caixas, né? Então as pessoas não conseguem mais ver sutilezas né? Assim dizendo! E que com esse contato você começa a rever essas coisas, rever a sua história, a história dos seus avós dos seus antepassados, como eles faziam quando eles iam roça, meu avô ia muito

para a roça e eu consigo, tipo, me ver neles, né? Então acho que eu consigo sentir essa ancestralidade, né? Que a gente fala tanto, através disso.

Participante 03

Carlotta Werner

Gilmar – O que é isto, permangola para você?

Carlotta – Então, pra mim permangola é realmente aquilo que o nome fala, né? É a junção de poeira angola e permacultura e então, pra mim é... ensinamentos assim sobre a cultura popular brasileira, a cultura africana, e viver na natureza e essas duas coisas estão muito interligadas, conectadas, já por natureza e muito concretamente aqui. Eeee... assim é uma harmonia entre... pra mim é uma utopia também, esse encontro, porque é... a gente vive, é mais conscientemente do que no nosso dia-dia, eu posso falar por mim, na minha correria da grande cidade, eu moro no Rio de Janeiro. E assim, poder tomar banho num rio, e... viver no meio da natureza, comer coisas da região cem por cento vegana é aquilo que eu tento fazer, que eu faço também no meu dia-dia na cidade, mas é... mas é também aquilo que a gente consegue fazer aqui com mais leveza e naturalidade, e...é muito... é muita força assim que eu sinto, é.. com pessoas que... que estão juntas por... pelo amor pela Capoeira angola, né? E então... pra mim, permangola significa isso também! Aquilo que nasce através dessa... união, ou esse encontro de pessoas que tem um.... amor, uma fascinação pela Capoeira angola.

Gilmar - O que você aprende e ensina durante o permangola?

Carlotta – hummmm ... Então, o que eu aprendo... é hummm... Nossa! Muitas coisas, mas eu acho que essa... eu acho que... dessa vez eu estou aprendendo muito a ouvir a mim mesma e a filtrar bastante aquilo que... estou precisando nesse momento.... aquilo que estou precisando nesse momento, e tipo, confiar, né? Que esse é o certo. Eu estou muito aprendendo isso também aqui, por que? Porque tem assim uma abundância de coisas que todas me interessam, eu gostaria de estar em três oficinas ao mesmo tempo rrsrrsrrs.... e ainda ajudando mais na cozinha, limpando os banheiros, e descansando na rede.... e assim, eu estou aprendendo que é uma questão minha, muito pessoal de sentir

mesmo e ouvir a mim mesma é... de quando são os momentos de participar... na oficina, de por minha energia mais pra fora e mais pra dentro se o meu corpo tá me... tá mostrando muito isso.

É isso que eu sinto que estou aprendendo muito nesse evento, assim pessoalmente. E... uma outra coisa que eu tô aprendendo é si... o que tá me ensinando esse evento é o... é o fato assim que tem muitas pessoas insp... inspiradoras que acreditam que tem interesses parecidos e de tipo... talvez as pessoas não são mestras. Di... não sei! Agro floresta, ou... coco, ou não sei... qualquer outra coisa! Eles estão aprendendo também há alguns anos, e eles fazem uma oficina e tá tudo bem e você não precisa ter um título de uma universidade... até porque vem de um sistema muito euro... europeu, né? Que também não tem muito a ver com a visão do mundo africano assim, mas tipo, que as pessoas também compartilham... as coisas que elas estão aprendendo a fazer e que elas têm o domínio e tipo... tô aprendendo que... com a autoconfiança que os outros têm em si mesmos... é ... é eu acho que essas são coisas pessoais que estou aprendendo aqui.

Gilmar – você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Carlotta -

Participante 04

Alexandre Watson

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

Alexandre – Achei que você me faria uma pergunta mais fácil!! Rsrrsrs.... porque... isso, o permangola é uma ideia, né? O que é o permangola? O permangola é... uma reunião de pessoa para discutir valores, é... ao redor da Capoeira Angola e... como... um alinhado... uma linha que conduz todas as atividades, mas de um... de um viver na roça, com todas as suas instrumentalidades que na roça hoje possa ter, de uma ideia positiva de trabalhar ao seu favor a natureza... onde... entra questões da... dá permacultura... e.. todo esse conteúdo que... que tem ao redor, né? Da... essas culturas

que te ligam a um lugar de ancestralidade, de retomada a um... é... a natureza, né? E natureza é uma pessoa, não é pensar só as arvores, não! A natureza é a natureza interior da pessoa, então a verdadeira natureza é aquela flora, aqueles rios que estão dentro da gente.

Gilmar – O que você aprende e ensina durante o permangola?

Alexandre – Eu estou aqui... eu sou mestre de Capoeira... angola, né? Do Grupo Candeia, né? Grupo Candeia de Capoeira angola, né? Do cerrado, né? Eu vivo em Diamantina... lá também eu sou quiropata, minha profissão é... como quiropata, quiropaxista... dou aulas de Capoeira frequente em três núcleos lá, né? Na comunidade quilombola, numa... na... São Gonçalo do Rio das Pedras, uma comunidade de mil pessoas, em Diamantina, uma cidadezinha mais referenciada lá, uma cidade de cinquenta mil pessoas que tem... tem uma universidade, então eu trago essa minha vivência pra cá, pra trocar... né? Então, a gente... é... a gente gosta de destilar, então a gente está fazendo essa vivência aqui também, a destilação, então a pessoa pode... a pessoa tá podendo ter a oportunidade de ver, apesar de que eu não trabalho diretamente com isso, né? Então agora eu tô ensinando a Capoeira, aqui. E a... processo, né? Pelo menos o pessoal visualizar um processo aí de uma destilação, e a troca disso é muito grande, porque eu aprendo todo dia... as pessoas. Tem um conceito, pra mim foi muito bonito... uma menina falava, não sei quem, mas que existe um conceito desses... de ensinar aprendendo. E aprender no cotidiano, né? Nas relações com as pessoas, é... nas... nos problemas do dia a dia que aparecem pra você responder, na oportunidade de aprender, né?

Gilmar – se você quiser acrescentar mais alguma coisa!

Alexandre – uai! Achei que você ia me perguntar mais!!

Gilmar – não, são só essas duas questões!

Participante 05

Nínive Dalila Santos Santana

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

Nínive – Hammm... bom, pra mim o permangola é... primeiramente uma oportunidade me conectar com as minhas raízes ancestrais, né? Através da Capoeira, samba de roda e outras manifestações culturais que tem aqui. Né? É também uma oportunidade de trocar com outras pessoas, é ... de praticar a permacultura, agroecologia, de praticar a vida em comunidade... é isso!

Gilmar – O que você aprende e ensina durante o permangola?

Nínive – Bom... é... no ano passado eu tive a oportunidade de fazer uma oficina, foi sobre plantas alimentícias não convencionais (PLANCS). É... eu tenho também... muito na troca do diálogo das pessoas que eu conheço eu falo muito sobre, além dessas plantas, falo bastante de plantas medicinais assim, né? Gosto também de identificação, então acabo ensinando um pouco de identificação de plantas e tal... E sobre o que eu tenho aprendido é muito sobre esse aspecto do viver em comunidade, né? De estar com outras pessoas, de respeitar seus horários, seus momentos, seus tempos que são individuais e também coletivo, né?

Gilmar – se você quiser acrescentar alguma coisa, fique à vontade!!

Nínive – Sobre qualquer outra coisa?

Gilmar – sim!!

Nínive – bom o projeto do quilombo é um projeto que eu acredito muito. É... Acredito que as pessoas que vem aqui elas têm uma força assim muito grande, né? Tem um poder agregador aqui, esse lugar, e... eu penso que no que eu puder colaborar pra esse lugar crescer e ser sempre assim esse ponto de união entre as pessoas, né? De desenvolvimento de coisas para o bem, de fortalecimento, né? É... físico e espiritual ... estarei aqui.

Participante 06

Edielson da Silva Miranda

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

Edilson – ah... olha o permangola pra mim, é um processo... é um espaço é... construtivo e coletivo no intuito de alertar e educar as pessoas, de como a relação da vida, quanto indivíduo e a natureza quanto elemento de fomento da vida, Né? E... é perfeito, porque traz essa relação com a Capoeira, né? que traz todos os elementos que é conectado com a... com vida e com a natureza, né? Então o permangola ele... pra mim é um alento a nós, para nós, de que a gente precisa perceber de que não há separação entre nossa vida e a natureza, né?03 Todo... tudo... todo o nosso comportamento e as nossas ações elas estão nos afetando, né? dentro do espaço climático no mundo, né? Então acho que o permangola nos educa, nos forma pra que a gente fique mais atento e que seja mais responsável.

Gilmar – E que o senhor ensina e aprende nas suas participações no permangola?

Edielson – Eu...nem... assim, eu acho que eu aprendo mais do que eu ensino é ... e faço essa troca, né? Eu acho que isso pra mim é muito claro, de perceber de que as pessoas que estão aqui, elas estão aqui também trazendo alguns elementos de informação. E ... a gente aprende muito mais do que a gente ensina, então é... é prazeroso! É prazeroso estar aqui, é prazeroso aprender, é prazeroso fazer essa troca e... deixar motivação, pra aqueles participantes que comecem a fazer suas reflexões dentro, tanto do contexto da Capoeira, como no contexto da, né? Da permacultura e outros fundamentos que possam ser passados.

Participante 07

James Fry

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

James – Permangola pra mim.... foi uma experiencia de conectar ah! Nosso corpo, e... nossa há! O corpo, mente alma, tudo com a natureza, entre sim, entre as pessoas... ham e... tipo... e também eu sou de fora né? Eu sou dos Estados Unidos e... mas da pra ver que a cultura, a cultura tão, tão forte de... assim, tem essas raízes, que são... que assim, vai bem profundo, né? Que é da cultura daqui e... por exemplo. Dou um exemplo: na Capoeira tem uma música que... é, tipo... tiririca é faca de cortar, tiririca é navalha, né? Ai a gente foi fazer uma caminhada com o mestre, aí mostrando, aqui na natureza como parece o capim tiririca e você pode encostar pra ver que arde, que corta e que... ham!! Tem razão pra essa música, tipo... faz sentido isso, música antiga, né? Foi de quando os escravos estavam fugindo, sabe? Então, foi muito legal conectar tudo isso e ver como é... como era lá nessa, nessa época pra essas pessoas e ver que ainda, né? A questão da cultura está muito forte ainda, é muito massa isso, porque não tem isso no meu país, né? Uma cultura tão forte assim, então!

Gilmar – E o que você aprende e ensina durante o permangola?

James – Nossa!! aprendi tanta coisa, muita coisa mesmo! ... eu acho que o maior aprendizado foi que... que ensinamos na permacultura também é... tipo. Pra uma pessoa que gosta de correr muito e gosta de... é uma pessoa impaciente em geral é que a natureza faz tudo devagar, né? Mas tudo acontece, pô, tudo é bem-feito! É melhor você fazer a... com tranquilidade, faz devagar porque vai dar certo, sabe? E se veja isso na.... na natureza mesmo, a natureza ela não corre, ela não está com pressa, sabe? E... isso foi um dos aprendizados maiores que estou tirando daqui. O maior eu acho. Que está na mente por agora!!

Participante 08

Marta Sanchis Clemente

Gilmar – O que é isto, permangola pra você?

Marta – É ... pra mim, o permangola é um espaço de... compartilhamento. De... saberes, de vivências, porque a gente acaba conhecendo muita gente, né? E... aí rola muita história, né? É ... compartilhamento de momentos felizes e eu acho também de dores, porque eu também vejo aqui como um espaço de cura, muito forte. É ... tanto uma cura individual, cada um com seus processos, né? Você vê um monte de gente se emocionando e botando coisas pra fora, quanto uma cura coletiva mesmo, né? Um espaço em que a gente nesse todo vê a nossa força, a nossa potência e... mais do que isso, elabora o que a gente pode fazer a partir daí. É ... eu acho que compartilhamento de gostos também, né? Porque em geral o pessoal aqui tem uma pegada parecida, inclusive, por isso que a gente está aqui, é isso!!

Gilmar – E o que você aprende e ensina durante o permangola?

Marta – Rapaz aprender... muita coisa né!! Eu acho que desde... dessas... é, desde a Capoeira em primeiro lugar, né? É... tanto os movimentos, quanto a parte mais filosófica, tudo que o mestre fala, que todos os mestres e mestras falam é... e também a Capoeira no dia – dia, né? Entender essa filosofia, que que ela... o que ela traz nos nossos hábitos, né? Esse, esse saber que é africano, afrodescendente, essa forma de aprender que se faz em círculo, e através da conversa do olho no olho, que todo mundo tem espaço de fala. É ... enfim, a Capoeira como ela é, né? Capoeira é tudo que a boca come, né! Risos ... então, isso e é isso, né! Pra além da Capoeira todas as oficinas, tudo isso que é colocado no mural com esse nome mesmo né? Agroflorestal, é... consciência corporal, pancos (plantas alimentícias não convencionais) essas coisas... é, acho que também, tenho aprendido muito dessa duas vezes que eu vim sobre, compartilhar: esse espaço, compartilhar comida, compartilhar a vida mesmo e... todos os desafios que isso traz, né? Tipo uma fila..., você morrendo de fome e uma fila gigantesca e que se torna uma farra e um momento ótimo e isso, nossa! Acho que a gente tem muito a aprender a partir daí, principalmente eu que vivo na cidade e que a ideia é outra, né?

Hamm, o que mais que eu aprendo? Ah, eu acho que é isso, né! A convivência, o respeito as diferenças é... o respeito a natureza, a vida no meio do mato, que é uma coisa também que eu não tenho tanto contato assim, né? Eu viajo sempre, mas muito diferente de você morar no mato e até passar esses dias aqui, ensina muito sobre isso. É... agora tudo o que eu ensino, velho!! Difícil, eu acho que um pouco de tudo que eu aprendo, né? Porque é uma troca, a partir do momento que você se abre pra aprender, você está ensinando também, se você se abre pra aprender genuinamente, né? Então eu acho que é isso: de tudo que a gente vive aqui eu também ensino um pouco né?¹⁴ sobre Capoeira e vida. Acho que é isso, é mais difícil falar sobre o que a gente ensina, né? É um desafio assim. Mas eu acho que mais nisso, nessas conversas diárias e que são tantas que a gente faz e... é uma troca, é troca. É isso!!

Participante 09

Josenilton Manoel de Jesus

Gilmar – O que é isto, o permangola pra você?

Josenilton - É, o permangola, na verdade, pra mim, é... é um evento um encontro, não é nem um evento, é um encontro onde a gente faz novas amizades, é... conhece pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo. E foi uma semente que foi plantada lá atrás e... eu tive o prazer de acompanhar todo o processo de crescimento. E ... no início poucas pessoas acreditaram no projeto e hoje a gente vê que já se consolidou o... esse projeto, é do... kilombo, esse encontro que a gente faz que chama permangola.

Gilmar – E o que você aprende e ensina durante o permangola?

Josenilton – Na verdade eu mais aprendo ensinando. É ... então, eu ministro oficinas de... enxertia, poda, é nesse ano eu fiz de cachichi. Confecção de instrumentos, né? Cachichi e o berimbau, mas também já fiz oficina de agrofloresta, de abelha. É ... de abelha com ferrão e sem ferrão, enfim... e eu tenho aprendido muito cara! Porque se você for observar, é a minha primeira oficina que eu dei é totalmente diferente da oficina

que eu dou hoje. E ... é... sempre participo das outras oficinas que as outras pessoas dão que é pra sempre tá aprendendo coisas novas, né? Principalmente Capoeira e o lance da permacultura, que... pra mim, Capoeira e permacultura estão juntas, não pode... num... eu não tenho como separar porque foi essas duas coisas que me ligaram ao Kilombo Tenonde, entendeu? Comecei fazer Capoeira no kilombo, comecei fazer permacultura no kilombo, então acho que eu tenho aprendido muito Capoeira e permacultura também, durante esses encontros.

Gilmar - Se você tiver mais alguma coisa pra acrescentar, fique à vontade.

Josenilton - É ... então, fazer um convite, né? Para as pessoas que ainda não conhecem, pra... que elas podem chegar conhecer o kilombo e é que possam também fazer seu próprio kilombo. E... porque eu acho que é muito delicioso você colocar uma sementezinha no solo, cuidar dela, ver ela crescer, é... ver ela florir e dar os primeiros frutos, ou seja: seria legal que todas as pessoas pudessem plantar seu próprio alimento, aí seria, aí teria uma relação melhor com a nossa alimentação, porque é muito fácil chegar no mercado e comprar, comprar, comprar e comprar sem ter nenhuma, é... relação com a terra, com a semente ou com o fruto. Seria massa que todo mudo pudesse plantar, cuidar e colher.

Participante 10

Paola Montenegro

Gilmar – O que é isto, o permangola pra você?

Paola - Pra mim, permangola é... verdadeiramente um sonho tornando realidade. Eu amo as duas culturas, artes e permacultura e per... Capoeira angola! São duas artes que... eu quero crescer mais e aprender mais. É um sonho que... de mestre Cobra Mansa: eu vi um vídeo de acho que de 1999, assim. Ele dizendo que, ele queria construir um território, um... como um quilombo para praticar permacultura e Capoeira angola é... eu acho que como dez anos depois, não me recordo exatamente, isso é quilombo é ...agora aqui estamos no Kilombo tenondé, no permangola ou cosmoangola. E é uma inspiração pra mim, para ter na ... um quilombo assim de estar crescendo tantas... tantas variedades de arvores e plantas de todo tipo e encantando o território, acho que setenta hectares. É... é uma inspiração para mim pra isso que eu quero ser, que eu quero fazer, em minha vida e, e sei que eu sou jovem e... e quero seguir aprendendo da história da permacultura, Capoeira angola, bioconstrução, agroecologia e, viver mais simples, não? E é me recordo muito de.... muito de como, como quero ser recordada, como quero ser lembrada a minha vida como é... como isso que eu falo, esses acontecimentos, não? É ... e.... sim, como eu quero ser. lembrada isso, cosmologia africana que falamos que é.... de não me recordo os diferentes pontos. Mas desde o nascimento, a ... ao ponto de quando se vai crescendo a... por todo o ciclo da vida, é.... não? E quando chegamos... não me recordo os nomes. Ao ponto de onde estás, mostra a toda a comunidade o que aprendeu. ... isso me faz refletir mais sobre como quero viver minha vida. Minha vida... o que quero ser, o que quero aprender e o que quero dar.... qual o meu propósito de vida e o que quero? Qual é o meu propósito que quero dar ao mundo e a comunidade, como posso ajudar minha comunidade quando estou E ... nesses pensamentos, mais conectar com meus ancestrais. Quero me conectar mais com meus ancestrais africanos, indígenas.

E acredito que minha família direta não faz muito e acredito que é meu dever e vai ser uma enorme responsabilidade fazer isso, porque eu quero encontrar meus ancestrais. E ... me lembra o permangola esse evento que tenho que trabalhar mais comigo mesma, cuidar da minha saúde, mas... treinar mais Capoeira e... porque me cansa muito ... risos não treinei todos os dias, treinei três ou quatro dias pela manhã. Treinar as

cinco da manhã é muito forte pra mim, é algo, é algo que não estou acostumada, levantar as quatro e meia da manhã para treinar as cinco da manhã é, mas é algo que... amm... valorizo, não? O mestre e todos que, que se levantaram tanto... isso ensina muita resistência e perseverança é... de seguir... e eu sei que isso ensina muito como ser guerreiro, guerreira, de seguir, persistir, assim como jogando e tocando berimbau, o dedo cansa, mas temos que seguir e seguir, seguir, seguir e é melhorando, melhorando cada vez e me lembra a mim mesma que tenho que seguir praticando Capoeira, movimento, música, porque tenho que melhorar, sei que a música pelo menos eu gosto muito, não... eu gosto muito, mas tenho que melhorar muito. Cantar é. Tocar, tocar berimbau e tocar é difícil pra mim.... mas é uma inspiração ver todos aqui, ver especialmente os mestres, contramestres, professores... e todos, não? Tocando e jogando, dando o melhor de si. É ... é uma inspiração E... sim é legal, pra mim é um sonho se tornando realidade.

Eu sempre quis vir aqui para o Brasil para aprender e melhorar minha Capoeira, meu português, música e conectar mais com a mãe terra e aqui estou. É minha primeira aqui vez no Brasil, estarei aqui por três meses, eu sou da Venezuela. É, e... estou seguindo meu coração, meu ah... ah meu coração, isso me faz feliz, minha alma. É estou muito bem aqui e mestre Cobra mansa é de verdade uma inspiração outra vez e, amm... ele é mestre da minha escola, de FICA (Fundação Internacional de Capoeira Angola) agora sou parte da FICA. E também é muito importante na minha trajetória como capoeirista, eu comecei com Capoeira contemporânea em 2016 e em 2018 comecei Capoeira Angola com grupo FICA Miami e, é muito lindo o Tenondé, como o mestre, e aprender com ele que é um excelente capoeirista em todos os sentidos é muito bom aprender com ele, me encanta que é... me apaixonou Capoeira Angola e também a permacultura e a cultura afro-brasileira, história é... encontrando e aprendendo mais sobre as raízes da Capoeira, as raízes africanas, é... é uma maneira de me conectar mais com meus ancestrais africanos, é praticando Capoeira Angola. É ... com a espiritualidade africana e, conectar com mãe terra! Permacultura pra mim é isso, conectar com a mãe terra.

E aqui no kilombo é muito especial, a terra é sagrada, estando aqui nos rituais de... isso a partir de ritual de rapé e também ontem na caminhada noturna daqui e depois fizemos, um... ritual da roda de fogo, e ... assim, muito especial estar conectada com mãe terra, mas estar conectada comigo mesma, conectando com os demais que estavam nos rituais E estou muito feliz, conectar e aprender sobre a terra, as plantas, as árvores e

também tem a ver com o ciclo da vida, ver as plantas crescer, também se aplica em nossas vidas. E me ensina a viver mais simples. Estou dormindo em barraca que não é muito confortável, mas eu gosto assim de viver simples, e me recorda também que eu quero viver mais simples, vivo simples, pra mim mesma, mas pra ajudar minha comunidade e a terra também. É... me recorda também e é uma inspiração também, é... querer viver mais autossustentável, não? Crescer mais ... am. Eu quero aprender a como crescer minha própria comida e não, não depender tanto dos negócios, não? Não ir ao supermercado para comprar isso e aquilo, mas aprender a crescer nossas próprias plantas e viver em comunidade que se ajudam entre si. Se uma cresce algo e outra cresce algo, trocam entre si. Não gosto... quero aprender... sim, não gosto de apoiar... esses negócios assim, quero ser mais autônoma. E... sim, me lembra que quero me conectar mais com meus ancestrais aprender mais com meus ancestrais, começo a pensar mais nisto aqui, no permangola. É... e me remete a pensar mais que quero ser, me expressar e pensar eu mesma de forma mais criativa, em todos os sentidos: músicas e movimentos e... se expressar mais criativamente, não?... E tem sido um prazer conhecer todas as pessoas aqui e amo Capoeira com todas as portas abre, não? Todo evento de Capoeira que vou abre portas. Conhecendo uma pessoa, outra pessoa... especialmente aqui, estando no Brasil por vários meses é... vou ver outras pessoas, quando vou a outras partes do Brasil, me abre portas e por isso sou agradecida, muito agradecida e... sim, muito agradecida por este evento e todas as pessoas que estou conhecendo, por todas as experiências... é, e que para participar do próximo permangola tenho que estar mais preparada, meu corpo, mas sempre respeitando meu corpo e cuidar mais da minha saúde.

Gilmar – E o que você aprende e ensina durante o permangola?

Paola – Eu aprendi, ser mais como.... ser mais fluido o jogo, jogando, fluir mais...eu acho que jogando Capoeira. Eu sou jovem, não? de Capoeira tenho quatro anos, faz dois anos que comecei aprender Capoeira angola. Eu acho que tenho que fluir mais nos movimentos e ser mais criativa, é... e me expressar mais, sem medo, não? Só jogar e desfrutar. Eu desfruto, mas talvez eu tenha que perder o medo.... é e... que tenho que praticar mais, não? Sempre praticar mais, as músicas, os movimentos, é... a resistência de corpo. É ... e ser criativa, não? Jogando são minutos jogando e aprender a ser criativa e fluir mais. Tenho aprendido que tenho muito que aprender, sobre permacultura e Capoeira e me apaixona muito, mas tenho muito o que aprender, muito, muito, muito e tenho toda

a minha vida pra aprender, mas esse ano quero me dedicar mais quanto a isso. Vou fazer um curso de permacultura no Peru, permacultura xamânica. É... e sei que durante meu tempo aqui no Brasil eu vou melhorar como capoeirista e... é o que quero ser, por isso estou aqui. É... sempre uma inspiração outra vez ver as pessoas todas as pessoas na roda.

Ver todas jogando e a música, especialmente as pessoas tocando berimbau é uma inspiração. As pessoas, as duas pessoas jogando no centro da roda é sempre uma inspiração vê-los jogar, aprender com seus jogos. E... o que tenho ensinado? é... Eu acho que... não sei, eu sou eu mesma, genuinamente. É ... eu sou eu mesma aonde vou, ser vulnerável e aprender a escutar o corpo. Se meu corpo disse que meu joelho dói, meu corpo dói eu não vou treinar, ou porque sim, ou se quer dormir mais, isso é a importância de escutar o corpo, acredito. Isso é o que digo, acredito... espero que as pessoas tenham escutado e aprendido isso. É acredito que é importante sair da zona de conforto, não? Eu saí e estou no Brasil pela primeira vez, por três meses e, mais ou menos sei o caminho que vou andar, mas não estou muito segura de muitas coisas e estou aqui só, sozinha, viajando sozinha. Amm ... enfrentar os medos, não? É... eu acho que muitas pessoas estão fazendo também, mas também sou a única pessoa aqui de Miami e Venezuela também. E ... acredito que isso é como seguir suas intenções, seu coração e eu estou bem aqui e... que... acredito, acredito que ensino mais por minhas ações não tanto pelo que digo as vezes.

É ... acredito que tenho ensinado a ficar calma, não? No ritual de rapé, quando tomamos rapé, me senti meio apavorada, mas foquei na minha respiração e fui me acalmado. Algumas vezes quando entro em pânico, umas foram mais fortes que as outras, mas sempre me lembro dessa, como focar em minha respiração e confiar, confiar... que vai passando o tempo. Estamos passando por isso por uma razão, e... acredito estamos aqui todos juntos por uma razão e que todos estão ensinando alguma coisa uns ao outros.

Participante 11

Bas'Tllele Melomano

Gilmar- O que é isto, permangola para você?

O que é isso o permangola, né? Eu conheci através do professor Cobra Mansa... é o que eu sei é que ele chama isso de quilombo, Tenondé, portanto é um território idealizado por ele e esse território para agregar várias atividades, né... Entre outros, uma agricultura ecológica, não é! A produção tanto de alimento, ocupação do território, é um espaço também de terapia e no centro está especialmente a Capoeira, essa Capoeira a de angola. Portanto, essa é a primeira ideia que tenho sobre o permangola.

Eu cheguei no Brasil a quase vinte anos, na Bahia, quatro anos, nesse último permangola está tendo uma ideia de chamar de cosmoangola, para trazer a cosmovisão de Angola. Outros encontros eu não participei, mas sempre acompanhei de longe, então, conheci o professor Cobra Mansa, fazem dois anos, três anos atrás, através de um amigo o professor Ricardo Nascimento que é capoeirista do Ceara e professor da universidade UNILAB, onde também leciono. O professor Cobra Mansa veio discutir comigo o projeto de doutorado, a partir daquele momento ele também me apresentou todo o trabalho que ele está fazendo, a gravação de angola, viagens que faz e eu conheci esse grande homem, né! E ele vai me falar de permangola e nesse último encontro, depois que defendeu a tese dele, agregou um grupo e está pensando em colocar o nome do encontro de cosmoangola.

Gilmar – O que você aprende e ensina no Permangola?

Então o que eu aprendi e o que eu ensinei, vou começar com o que eu aprendi: primeiro é um território sagrado, né! Idealizado pelo professor Cobra Mansa, uma agência negra né! Uma agência negra com vários parceiros também, os discípulos, pessoas simpaticantes, amigos e amigas e a comunidade quilombola que está presente lá, que faz esse trabalho junto com o professor Mansa.

Então, no pouco tempo que estou aqui, eu aprendi muita coisa, né! Através das pessoas, pessoas diferentes. Você vê que é um espaço negro e ao mesmo tempo um espaço plural do ponto de vista racial é! Tem homens, tem mulher, tem crianças, mas tudo gira em torno da Capoeira que proporciona que proporciona outros tipos de humanidade, de

projetos sociais com um impacto muito forte. Então eu aprendi com cada pessoa, a alimentação que foi muito, muito... uma alimentação saudável, né! Aquele grande cozinheiro que a gente tem, as mulheres que estão na cozinha, cada um fazendo o seu papel, esse grande respeito. O respeito que o professor Cobra Mansa, o mestre teve com cada pessoa, cada ser humano, para mim é muito importante. O que eu ensinei? Eu fui chamado, ele gostou muito da minha filosofia, filosofia da macumba. Que você pode encontrar alguns textos, né! Também posso te mandar depois, para você perceber o que eu apresentei. O que eu apresentei tem a ver com o trabalho que eu venho fazendo sobre a filosofia africana, especialmente a filosofia da macumba, então foi em cima disso que eu trabalhei, apresentando macumba uma, filosofia do encantamento que eu trabalho a partir do texto, poema de Solano Trindade chamado macumba, como também trouxe para discutir o cosmograma Bakongo de Kalunga, essa cosmovisão de mundo, onde a gente sabe que as coisas estão interligadas. Kalunga que é o infinito e o ser humano também é dentro desse processo de Kalunga. Isso foi o que trabalhei, é basicamente isso. Sucesso no seu trabalho.!

Participante 12

Nádia Batista da Silva

Gilmar- O que é isto, permangola para você?

Bom, é a primeira vez que eu participo, mas já conheço o mestre de outros rodas, de outras caminhadas, a gente faz parte de um movimento chamado teia dos povos, onde a gente tem a cada dois anos um grande encontro de agroecologia, que é a jornada agroecológica.

Essa jornada une os povos aqui na região. Essa jornada direciona a educação desses povos. Nós temos dentro... Aqui tem o permangola, uma escola viva de educação baseada nos princípios da Capoeira de angola, mas baseada na... numa cultura ancestral do povo. Eu vejo o permangola como os outros autores também da teia. Eu sou da aldeia Tucum, eu sou Nádia Akawan Tupinambá e na minha aldeia nós temos também escola e a gente quer criar um outro espaço sem vínculo do município do estado, sem o governo está botando as regras dentro da escola. O nosso projeto é que a escola chama Arco e flecha Maracá, uma escola nossa que dali também uma universidade, nós já temos professores suficientes para assumir a escola. Também dentro desse movimento tem a escola das águas, o povo das ribeirinhas, o povo do quilombo, o povo do quilombo, aqui tem um quilombo perto, Preciosa e tem o povo do terreiro.

Então, eu acho que o permangola ele traz essa mesma essência que essas culturas da região, né! Tanto indígenas como afrodescendente, como negros do quilombo, tem uma essência de cultura, de raiz que parte da oralidade e essa oralidade é o que fica pra gente, então é importante que alguém veja o permangola e depois fale o que aprendeu com o permangola, né. Então aqui você tem aulas científicas pra tudo, né. Eu falo sempre para os professores o qual eu faço formação, eu sou formadora de professores indígenas e não indígenas. Eu digo pra eles que eles constroem o conhecimento, nós construímos o conhecimento, né. Nós da Capoeira, das aldeias, os povos, comunidades tradicionais construímos o conhecimento, esse conhecimento vai para a academia, se transforma em teses científicas e volta para as escolas pra eles estudar o que ele mesmo falou. Então, é importante dominar é... o espaço acadêmico também, mas é importante que também que

não seja limitado somente esse espaço para falar de conhecimento, então eu acho que a academia, ela tem um certo é... um desrespeito digamos assim, em acolher esse conhecimento. Na mesma medida que ele convida um mestre da tradição oral, que ele convida um mestre acadêmico, ele não tem os mesmos direitos, o mesmo reconhecimento e se a academia está vindo no terreiro, tá vindo nas aldeias, ela precisa dar voz pra esse povo.

Então, eu vejo o permangola com essa possibilidade de dar voz também a muitos que aqui, que não sabem que tudo isso é educação, que esse é espaço um espaço educativo, que a caminhada para conhecer as plantas, as árvores, o solo, o rio, é uma caminhada educativa, né. Que o próprio tomar banho de rio, o próprio banheiro seco, tudo que é construído nesse espaço faz parte dos conteúdos dessa educação.

Então, acho que ela traz um discernimento para a vida do ser humano aqui, quem entra não sai da mesma forma, quem tem seus maus costumes, eles vão sair de uma outra forma e vai começar refletir o ser humano o que é que eu vim fazer aqui, por que que estou aqui. Então o permangola vai contribuir pra cada um que teve o contato, a possibilidade, a oportunidade de estar perto desses mestres e ouvindo o que ele tem pra dizer, né. Eu acho que certamente ele será uma pessoa melhor, visando o bem-viver, visando o respeito às diferenças e visando principalmente respeito a oralidade e a cultura dos povos tradicionais, seja ele indígena, seja ele quilombola, seja ele do terreiro, seja ele da macumba, seja ele da Capoeira.

Gilmar – *O que você aprende e ensina no Permangola?*

É tudo isso que falei, mas assim, quando eu entro eu tenho que saber como eu entro e tenho que saber como saio e certamente eu trago meus conhecimentos, eu contribuo com ele, é... eu não acho que é ensinar e aprender, eu acho que é contribuir com o conhecimento do outro para ampliar o conhecimento do outro e assim e absolvo também essa cultura para ampliar o meu conhecimento, então o melhor mestre é aquele que está sempre aprendendo e eu sempre me digo, eu sou mestre da tradição oral, mas eu sou um eterno aprendiz desses mestres, então a gente aprende com aquele que tá... que são os nosso guias, nossos espelhos, nossas referências, né. Então, mesmo sendo mestre, tem que aprender com os pequenos mestres ou com aqueles que um dia se tornarem mestres.

Então, o aprendizado ele é mútuo, então ao mesmo tempo que você aprende você ensina e isso não tem uma regra e nem um momento, agora você está ensinando, agora você está aprendendo, a aprendizagem se dá no contexto da oralidade, então é como uma grande roda, se está rodando não existe esse fim assim, sabe! A aprendizagem está acontecendo, os ensinamentos, né, tudo numa roda, então não tem um momento, quando eu ensino, quando eu aprendo, mas quando eu respeito eu estou aprendendo, tô respeitando porque aprendi algo e assim também quando me dou o respeito eu também tô passando algo. Então o aprendizado é algo que acontece simultaneamente entre as duas partes, do mestre e do outro que tá do outro lado vendo o mestre, e o interessante na tradição oral e mesmo sabendo que na tradição oral a gente é considerado mestre a gente não está ali nesta função e sim no diálogo para ser circulado numa roda, então não me diga que eu ensino mais ou aprendo mais é... é simultâneo.

Participante 13

Antônio Bispo Dos Santos (Nego Bispo)

Gilmar- O que é isto, permangola para você?

Então, eu sou um crítico do evento com esse nome. Assim, esse evento, o evento em si, pra mim é uma grande confluência é ... de forças, de visões e de modos de vida, o evento, mas o nome permangola me soa como uma intervenção colonialista.

É um nome que não é composto pela trajetória do evento, tanto é que a minha vinda aqui dessa vez foi exatamente para discutir com mestre cobrinha e os demais participantes a transição desse nome, esse provavelmente seja o último evento com o nome permangola, no próximo ano ele já vai vir com outro nome.

Gilmar – *O que você aprende e ensina no Permangola?*

Olha, eu acho que o evento ele já transfluiu esse processo de se ensinar e se aprender, na minha compreensão ele tá num nível mais avançado que é o nível do compartilhamento dos saberes, eu creio que aqui se compartilha os saberes, aqui você traz

saberes é... todo mundo traz saber e todo mundo volta com os saberes mais ampliados, porque saber não se troca, saber se compartilha.

Então, assim não é pelo fato de você expor o seu saber que você vai ficar sem ele, você vai expor ele, a outra pessoa vai compartilhar o seu saber com ela, mas o dela também com você, então assim, essa linguagem de dizer que se troca saber, eu acho equivocada. E depois essa história de dizer que você ensina, né. O ensinamento, na lógica da educação é um processo de adestramento é um processo também altamente colonialista, educar e adestrar é a mesma coisa, inspirar é que é diferente, eu acho que o grande processo é o da inspiração, você faz uma coisa, a pessoa vê você fazendo aquela coisa se inspira e vai fazer também, só que nunca a pessoa faz do jeito que você fez, porque ela vai colocar ali a identidade dela, o pertencimento dela, então o que eu compreendo é que esse evento é um evento de compartilhamento, é um evento onde os saberes se fortalecem, mas ele já tá transgredindo essa lógica da educação.

Gilmar – o senhor tem mais alguma coisa que quer acrescentar?

Olha, pra mim é isso, assim o que eu poderia acrescentar é dizer que o Tenondé tem um conflito de referencial ainda que é isso que ele está superando, se inspirar na permacultura, porque a permacultura é que é o elemento colonialista que existe aqui dentro. Então, a partir do momento que é... o evento transfluir esse referencial para confluir naquilo que o Cobra mansa fez hoje que é o cosmograma, quando a relação for direta com o cosmograma sem a intermediação da permacultura aí nesse exato momento o quilombo se consolida como uma referência em modo de vida, não só para a Bahia, não só para Valença, mas para muitas pessoas no mundo.

Participante 14

Cinézio Feliciano Peçanha (Cobra Mansa)

Gilmar- O que é isto, permangola para você?

Olha, o permangola ele está encerrando um ciclo, né. Ele tá... ele já fez a parte que era necessária que era unir os princípios da permacultura junto com os princípios da Capoeira angola, é... analisar esses conceitos e trabalhar isso na prática e eu acho que nós já cumprimos essa parte, foram quatorze eventos que nós fizemos, né. E agora a gente está partindo para um novo conceito que é o Cosmoangola.

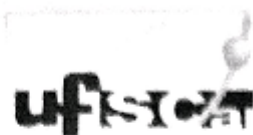
O Cosmoangola na verdade, a gente amplia, né, o conceito da permangola trazendo também a questão dos rituais, trazendo também a questão da cosmologia, da cosmovisão, não só dos povos africanos, mas também de outros povos, trazer a cosmologia indígena, cosmovisão indígena, trazer a questão é... andina, então a gente tá tentando de uma certa forma fazer uma união dos povos.

Gilmar – *O que você aprende e ensina no Permangola?*

Cobra Mansa – Rapaz, esse consula consulo que é o sinar... ensinar aprendendo é... aprender ensinando é constante. Eu acho que os alunos mais difíceis, aqueles que me criam mais dificuldades durante o meu processo de ensino, esses acabam me ensinando, porque mostra pra mim que eu ainda tenho que descobrir formas de fazer essa transmissão do meu conhecimento, então os alunos mais difíceis acabam sendo meus melhores professores.

APENDICE B

PARECER CONSUBSTANCIADO



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Capoeira Angola e Permacultura: processos educativos vivenciados na permangola

Pesquisador: Gilmar Araujo de Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08169818.1.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.245.106

Apresentação do Projeto:

Proponho com o presente projeto de pesquisa examinar, analisar e discutir a vivência da capoeira angola e da permacultura, em um encontro denominado Permangola, que se realiza anualmente no Quilombo Tenondê, localizado no Povoado de Bonfim, em Valença, Bahia. Para tanto, a partir da minha inserção no referido local, durante o Permangola, com intencionalidade de pesquisa, comunicada e consentida em Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, como método de coleta de dados, redigir registros sistemáticos de observações em diários de campo, a análise será feita a luz do referencial da fenomenologia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Problematizar conceitos como cultura subalterna e cultura popular, colonização epistêmica e pós-colonialidade, construindo um referencial para entender o contexto quilombola hoje e as práticas sociais ali presentes. Problematizar a construção de processos educativos decorrentes de práticas sociais em situações não formais, mais especificamente no contexto quilombola, traçando um histórico da educação em quilombos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-8593

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-305

E-mail: cephumanos@ufscar.br

APENDICE C

Carta de autorização

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prezado Comitê de Ética de Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal do Kilombo Tenondé informo que o projeto de pesquisa intitulado “Capoeira Angola e Permacultura: processos educativos vivenciados na Permangola” apresentado pelo pesquisador, Gilmar Araújo de Oliveira e que tem como objetivo central identificar, descrever e compreender os processos educativos decorrentes da vivência dos/as participantes das práticas sociais Capoeira Angola e permacultura no evento anual do Kilombo Tenondé denominado Permangola. O citado projeto foi por mim analisado e considero que o mesmo segue os preceitos éticos descritos pela resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, ficando, portanto, autorizada a realização da investigação após apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

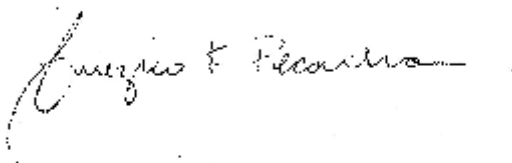
Dados do Responsável Legal da Instituição na qual ocorrerá a Pesquisa

Nome: Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa)

Cargo: Fundador/ Coordenador

Telefone para contato: (71) 9188-4190 E-mail: cobramansa@hotmail.com

Povoado de Bonfim, Guérem, Valença, Bahia, 27/09/2018



Cinézio Feliciano Peçanha

(Mestre Cobra Mansa)

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar/ Pró-reitora de Pós-graduação e pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
Rodovia Washington Luiz, Km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13565-905 – São Carlos – SP –
Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

APENDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Gilmar Araújo de Oliveira

Endereço: PPGE/UFSCar - Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 -

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Contato telefônico: (016) 991945748 e-mail: araujodeoliveiragilmar@gmail.com

Local e data: _____

Gilmar Araújo de Oliveira

..... Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

..... Assinatura do Participante

APENDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ASSINADOS

15:52



← Alexandre ME



Nos falamos ainda pouco 15:02 ✓✓

Hoje

Bom dia, Mestre. 11:04 ✓✓

Tudo bem? 11:04 ✓✓

Bom dia. 13:48

Como havia conversado antes com o senhor, é sobre a entrevista que fiz durante o permangola em janeiro de 2020 no quilombo Tenondé. 13:50 ✓✓

Eu havia enviado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para que pudesse assinar e assim eu consigo usar a sua entrevista. 13:51 ✓✓

Como isso é muito burocrático, pode somente me escrever por aqui mesmo se autoriza eu utilizar a entrevista no meu trabalho. 13:52 ✓✓

Com certeza está autorizado a fazer uso de nossa entrevista. 15:21

Fico imensamente agradecido, mestre! 15:21 ✓✓

Muito obrigado! 15:22 ✓✓

Por nada! 15:22



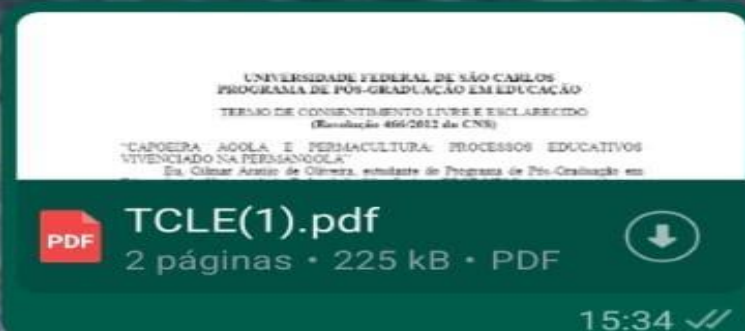
16:10

Voi 4G LTE2

← Josenilto



15:34 ✓✓



15:34 ✓✓

E também essas informações aqui: Ano de nascimento, Gênero, Raça-Etnia, País de Nascimento, Cidade de moradia, estado, país.

15:35 ✓✓

22 de maio de 2021

Boa tarde, Dó! Tudo bem? Nesse momento, que tenho mais urgência, pode mandar só as informações pessoais. Depois pode me mandar o tcle

16:10 ✓✓

Boa noite Gilmar, desculpa por não responder antes.

Data de nascimento 22/06/80 , gênero masculino, raça negro, cidade Valença, Bahia Brasil

17:52

Não tou com seguido assinar. Se tem certa urgência, vc acina ai

17:56

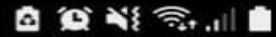
Josenilto Manoel de Jesus 17:56

Boa noite! 17:57

Mensagem



07:41



Marta Sanchís Clemente

Online ontem



Caso concorde, me escreva por aqui que autoriza e como se identifica eticamente, assim como identidade de gênero e trabalho...

Recebi!! Super autorizo. Muito legal poder me reencontrar com essa memória apagada.

Mulher.

Como me identifico eticamente ou socialmente? Bem, meu nome completo é Marta Sanchis Clemente



Sou professora efetiva no curso de instrumento musical do IFPB

Se precisar de algo mais é só falar

Desculpe

Você respondeu

Como me identifico eticamente ou socialmente? Bem, meu nome completo é Marta Sanchis Clemente

Etnia!



Mensagem...



15:59

Voz) 4G LTE2

←  Nadia Tupinambá



Meu nome é Gilmar. Fiz uma entrevista com você no Permangola, Kilombo Tenondé em janeiro de 2020

11:05 ✓✓

Não sei se se lembra

11:06 ✓✓

Mais ou menos, desculpe, Tudo bem.

11:07

Sem problemas, já faz um tempo mesmo!

11:10 ✓✓

Gostaria de pedir a você uma autorização para o uso da sua entrevista. Te mandei no seu email há um tempo atrás um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Você me respondeu dizendo que não conseguiria assinar e me enviar de volta porque estava na sua comunidade.

11:14 ✓✓

Então, se puder escrever por aqui mesmo que autoriza, eu consigo utilizar a entrevistara.

11:15 ✓✓

Ok,
Autorizo o uso da minha entrevista para publicação.
Nádia Batista da Silva

★ 11:23

Fico imensamente agradecido, Nádia.

11:26 ✓✓

Muito obrigado mesmo

11:26 ✓✓



Mensagem

